

LEONARDO BARROS

O VAMPIRO

Da Quinta da Boa Vista



EDITOR



O VAMPIRO DA QUINTA DA BOA VISTA

Terra Prometida – Volume 1

Leonardo Barros

Copyright de Leonardo Barros. Todos os direitos de cópia e impressão reservados para o autor.

Este livro é o primeiro de uma tetralogia. Clique em um dos títulos abaixo para adquirir os outros e-books:

Lágrima de Sangue – Terra Prometida, volume 2 (previsão de lançamento: 02 de abril de 2016);

A lâmina não se ressentido do corte – Terra Prometida, volume 3 (previsão de lançamento: junho de 2016);

Tiros e Presas – Terra Prometida, volume 4 (previsão de lançamento: agosto de 2016).

Neste primeiro volume da série Terra Prometida, pai e filho iniciam sua investigação sobrenatural e procuram aliados. A colônia é muito mais agitada e perigosa do que imaginavam: há bebedores de sangue em São Paulo e um ardiloso vampiro leitor de mentes vive no Rio de Janeiro, nas proximidades do Palácio da Quinta da Boa Vista.

Viaje pelo Brasil colonial e conheça um mundo que os livros de História omitiram de você: a sombria e lasciva Terra Prometida, onde se escondem alados, telepatas e ninfas capazes de produzir um leite negro que vicia e escraviza mortais!

Capítulo um

Um desconhecido, que atravessava a rua enevoadada, o encarou e sorriu numa lentidão enjoativa. Defronte da sapataria, uma mãe puxava o filho pela gola da camisa, e em seu rosto a lágrima se destacou. Tudo em redor se resumiu em uma imagem estática. Um fragmento. As cores se desmancharam, e o cenário se tornou cinzento.

Veio a escuridão. Silhuetas se moviam entre as sombras e se transformavam em homens e mulheres, que vagavam sem destino. Eles sempre percebiam sua presença e se aproximavam, até que Lucius visse seus rostos. Nesse instante, tinha sempre a mesma lembrança:

Passaram-se mil seiscentos e quarenta e três anos, mas ainda sinto o gosto do sangue dela em minha boca. Referia-se ao sangue da vampira Luna, cria da poderosa Drucila e responsável pela sua transformação. Ela não volta. Nunca mais.

Agora os rostos dos homens e mulheres estavam tão próximos de Lucius, que ele podia sentir a respiração deles se condensando sobre sua pele fria. Uns sussurravam escárnios, outros propunham dar-lhe riquezas, que ele sabia não existirem. Assim como das outras vezes, não eram capazes de tocá-lo. Talvez esse fosse o motivo do ódio de algumas daquelas almas: a inveja que tinham do corpo de Lucius e da sua materialidade.

A multidão de espíritos parou. Estavam confusos.

– *Demônio!* – Gritou um dos espectros, e todos se desmancharam como se fossem feitos de fumaça.

Lucius viu um foco de luz vermelha acender e sentiu o calor acalentar sua pele. A mesma sensação que sentia quando o sol o tocava, no tempo em que era mortal... Não! Não era a mesma sensação! Era ainda melhor que o calor do sol, e isso fez com que Lucius andasse em sua direção. Num instante, a sensação de prazer foi substituída por um calor causticante, como se a luz o pudesse queimar. Num reflexo, olhou para as palmas das mãos, temendo ser transformado em pó, mas sua pele permanecia inalterada.

Ouviu um farfalhar de asas, e uma silhueta se definiu diante da luz.

Seu corpo era alto e esguio, e seus contornos sugeriam as formas dos músculos. Seu andar era altivo e gracioso. Estendeu as asas ao máximo, e Lucius pôde ver que cada uma delas era quase duas vezes maior que a altura do seu corpo.

Demônios são destituídos de matéria. Lucius pensava. *E assim como os espíritos, não podem me tocar.* Virou o rosto, tentando ignorá-lo, e continuou a andar. Mas quando o vermelho luminoso

diminuiu em intensidade até desaparecer por completo, a misteriosa silhueta recolheu as asas e ergueu os ombros, tomando uma forma humana.

Está vindo para cá. Apressou o passo e pensou em seu quarto. Tentava se lembrar da mobília, do aspecto dos seus livros e de seus objetos pessoais, pois somente assim a luz se abriria naquele limbo como um portal de saída para casa. *É sempre assim!* Pensava, tentando se acalmar, mas curiosamente não se lembrava de onde viera. Por mais que tentasse fugir, não conseguia.

Assustou-se quando o homem saltou em sua direção, e suas asas se abriram. Era como se tudo acontecesse ao mesmo tempo: as garras alvejaram seu pescoço, enquanto Lucius se torcia para trás; as presas despontaram entre seus lábios, e as garras de Lucius raspavam o peito de uma criatura muito maior; o demônio deu um salto para trás, assustado, e tocou a ampla incisão aberta em seu peito.

A risada grave tomou tudo em redor.

Agora Lucius podia vê-lo com clareza: apesar dos contornos quase humanos de seu corpo, tinha a pele seca e escura, cinzenta. Seus olhos negros e brilhosos enfeitavam um rosto retorcido, cujos ossos despontavam, salientes. As duas presas superiores, imensas, eram acompanhadas por duas outras que emergiam da arcada inferior.

– Um alado?! – Estranhou Lucius. Nunca antes vira um bebedor de sangue andar pelas trevas ou se misturar às sombras. Muito menos um alado, um ser tão instintivo e irracional. – Mas eu sou o único que anda pelo limbo das almas!

O demônio ainda tocava o próprio peito, como se não acreditasse no tamanho do estrago que as garras de Lucius fizeram e, num gesto súbito, o golpeou com a espícula que despontava da extremidade de uma das asas. Rápido, muito rápido, Lucius girou os ombros sobre o quadril, inclinando-se para trás e para o lado, e a garra, que procurava seu coração, penetrou seu ombro, fisgando-o e suspendendo-o até trazê-lo para perto. O hálito quente e fétido em seu rosto. As narinas de morcego o farejaram.

– Nunca vi um demônio como você!

Lucius acordou sobressaltado.

Ainda em meio à escuridão, tentou certificar-se do local onde estava e tateou as paredes em seu redor, até que finalmente encontrou o ferrolho, puxando-o com força.

Empurrou o tampo da cripta de carvalho e saiu, assustado.

Um sonho... Pensou, no mesmo instante em que sentiu o ombro tilintando de dor.

Londres, Inglaterra

Novembro de 1821

– Estou dizendo, Dotan, não foi um sonho comum – levou a mão ao ombro e o acariciou. – Não costumo ter sonhos, além do pesadelo no limbo de almas, mas dessa vez foi diferente. Posso sentir a dor do golpe em minha pele até agora.

Dotan o olhou por um instante e sorriu. Não era o sonho bizarro do filho que o incomodava, mas o fato de Lucius nunca o chamar de pai. Apesar da aparência juvenil do vampiro, que fora transformado durante a adolescência, já haviam se passado quase mil e novecentos anos, mas sua aparência nunca mudara. Chamar o pai pelo nome foi uma forma que o “eterno garoto” encontrou para lembrá-lo de que também era um adulto, um imortal experiente.

– Já aprendi a crer que tudo neste mundo é possível – levou a mão ao ombro do filho, mas o viu se esquivar. Sentia mesmo dor.

Lucius exibia um temor genuíno, e já havia centenas de anos que Dotan não via aquela expressão no rosto do filho.

O pai colocou as mãos nos bolsos do longo e negro casaco. Por alguns instantes, permaneceram calados, ouvindo o som dos próprios passos em meio ao silêncio das ruas de Londres.

– Nunca vi um alado que risse ou falasse – especulou o filho. Tirou a cartola de cor vinho e levou uma das mãos aos cabelos lisos e brancos, arrumando-os para trás e recolocando o chapéu. – Na forma demoníaca, são burros como portas.

Dotan lembrou-se do primeiro bebedor de sangue que viu: o vampiro que o atacou no dia em que Yahweh destruiu Sodoma.

Ele, não. Não pode ser.

– Chegamos – disse Lucius ao ver o letreiro.

Pararam à porta do *pub*. Um prédio inglês, tradicional, com um frontispício estreito, que se estendia em três andares e exibia tijolos vermelhos, cujas juntas, profundas e herméticas, ganharam uma inconfundível cor de sujeira ao longo dos anos. O pequeno letreiro de madeira pendurado sobre a porta mostrava o desenho, um pouco apagado, de um homem vestido como aristocrata, que abraçava duas mulheres. Com vestidos curtos e cheios de babados, elas o ofereciam grandes canecas de cerveja. Abaixo do desenho, em letras grandes e vermelhas, estava escrito *Bloody Bastard Pub*.

Dotan ofereceu o longo casaco preto e a cartola da mesma cor ao funcionário responsável por guardá-los, mas preferiu manter a bengala. Um artefato finíssimo, em carvalho negro e

reluzente, cuja ponta era adornada com uma cabeça de lobo feita de ouro. Os longos cabelos brancos agora caíam desorganizados sobre os ombros, contrastando com o terno preto e alinhado ao corpo.

Sentaram-se a uma mesa, no fundo do bar, próximo ao banheiro. Um hábito adquirido ao longo de anos caçando vampiros londrinos, que tinham uma prática recorrente: seduzir mulheres em bares e levá-las para o banheiro.

Dotan conferiu a hora no relógio dourado de algibeira e percebeu que seu cliente se aproximava.

Após desculpar-se pelo atraso, o homem gordo e careca, que enxugava o suor de sua testa a todo instante, sentou-se à mesa.

Lucius observou Dotan expor as condições do negócio. Já não se lembrava de quantas vezes ouvira as mesmas histórias. Apesar dos diferentes personagens e cenários, havia sempre os mesmos elementos: um grande herói, uma linda donzela, feitos de grande nobreza, e personagens históricos. Em meio a toda aquela conversa, surgia o artefato a ser negociado. A única diversão do filho era tentar identificar o momento exato em que o cliente se deixava levar pela conversa e se destituía de todo pudor monetário.

– Incrível! Tenho até a impressão de que o senhor estava lá! – Exasperou-se o homem.

Dotan lhe mostrou o desenho de um violino.

– Há uma pequena ranhura no dorso, aqui – mostrou o ponto exato representado na gravura. – Mas não diminui o valor do artefato.

– Uma pena. Um instrumento tão lindo...

– Não é um instrumento.

– Não?

Dotan balançou a cabeça em negativa.

– É um Estradivário! Encomendado pelo próprio Luís XIV, em seus últimos meses de vida. Enquanto a febre o consumia, foram as notas deste Estradivário que o conduziram ao paraíso! – E pensou: *Ao paraíso, ou ao inferno.*

Agora. É este o momento!, pensou Lucius, sorrindo. Dois homens adentraram o *pub* e chamaram sua atenção. Eram descarnados, e seus olhos encovados foram sublinhados por pálpebras escuras. Os ombros e braços dançavam em meio às roupas folgadas, mostrando que ambos foram vitimados por uma perda de peso súbita e intensa. Suas mãos tremiam e as cabeças deles não paravam de se mover, de um lado para outro, como se procurassem por algo. Lucius reconhecera: *viciados...* Ergueu-se no instante em que viu um dos serventes do bar deixar o balcão para conduzi-los pela escada que levava ao segundo andar.

No momento em que deixou de vê-los, um homem alto e negro postou-se aos pés da escada. Estava claro que ninguém mais poderia subir.

Lucius encarou Dotan por um instante e moveu a cabeça quase que imperceptivelmente, como se pedisse por permissão, e o pai respondeu que sim, com um gesto semelhante. Saiu do *pub*, às pressas, e andou pela rua iluminada por postes, até que chegou a um beco escuro. Sentiu as garras se agigantarem em lâminas mortais, os dentes despontaram em sua boca, e fechou os olhos para se misturar às sombras, desmanchando-se num espectro noturno e se deslocando através da escuridão. Saltando de uma sombra para a outra, escondeu-se sob os pés dos transeuntes, por trás dos móveis do bar, e quando trespassou a sombra do segurança, viu o homem passar a mão sobre os pelos do braço arrepiado. Agora se escondia no corredor do segundo andar, ouvindo os gemidos e murmúrios que vinham de um dos quartos. Risadas femininas, um lamento breve, uma súplica... Depois, o silêncio. Ainda em meio às sombras, Lucius adentrou o quarto sem que fosse percebido.

Sobre a cama estavam duas mulheres nuas, pálidas, de cabelos longos, negros e extremamente lisos, cujos olhos miúdos e pretos tremulavam devido ao batimento constante das pálpebras. Da boca pequena despontavam duas presas. Estavam sentadas, de costas uma para a outra, e ofereciam os seios aos dois visitantes.

Os homens bebiam dos peitos das moças, da mesma forma que crianças pequenas mamam nos seios das mães. Um líquido negro e espesso se derramava pelos cantos da boca deles.

Néctar! Pensou Lucius.

Ao lado da cama, assentado numa poltrona, um homem pequeno de olhos repuxados usava um terno verde e barato. Acariciava o bigode ralo e observava a cena, calado, até que irrompeu:

– Chega! – Ergueu uma mão, disse algumas palavras numa língua oriental, e as mulheres repeliram os dois homens, arremessando-os para fora da cama. Elas se levantaram, vestiram roupões vermelhos de seda e se sentaram num sofá próximo à janela.

Os homens perderam alguns instantes, contorcendo-se no chão, com olhos vidrados em pontos distantes, movendo-se com estranheza, degustando prazerosas alucinações.

O senhor vestido de verde ergueu-se e chutou os corpos dos viciados, ordenando-lhes que se levantassem.

– Quatro libras. Duas para cada um.

Os homens não responderam.

Um tapa com o dorso da mão enfatizou a cobrança.

– Duas libras, cada. Agora.

Vasculhando os bolsos, exibiam um olhar de desespero, até que um deles mentiu:

– Pensei que tivesse algum dinheiro.

O outro despertou.

– Tenho uma libra. O resto eu trago depois.

O homem pequeno abriu os botões do casaco e o colocou sobre a poltrona.

– Depois? O que você vai me trazer depois é mais desculpas, mais súplicas e mentiras. –

Seus olhos enegreceram. Suas presas despontaram. Olhou para as mulheres. – Para mim, chega. Decidi! Vou fazer como os outros: partiremos para o Brasil! – E encarou os dois homens. – Meus parabéns! Vocês foram meus últimos clientes em Londres!

Lucius sentiu vontade de intervir, mas concluiu que seria inútil. O néctar, que era o nome que davam ao leite das oishis, era uma droga com qualidades místicas e irreparável poder de causar dependência em mortais. Antes mesmo de entrarem ali, aqueles homens já estavam condenados. Os vampiros a usavam como afrodisíaco, pois os instigava ainda mais que o sangue, e os permitia ter prazer por horas, algo que não causava neles dependência, mas que os impelia a procurar a droga repetidas vezes. Já os mortais se tornavam dependentes e tendiam a definhar em semanas, vendendo tudo o que tinham para conseguir novas doses.

As duas oishis riam, enquanto se aninhavam no grande sofá e assistiram com olhos brilhantes a morte dos dois clientes.

Lucius aprendera que um clã tem seus comportamentos padrões: enquanto um marui se alimentava, as oishis observavam.

Depois que soltou os corpos vazios no chão, o marui andou até a cama e se deitou.

As vampiras se levantaram, deixando o robe deslizar pelo corpo, e se ajoelharam sobre a cama. Mordiscavam os pulsos do marui e bebiam seu sangue, sorvendo-o, em pequenos goles, degustando-o. E aos poucos, os três moviam-se sobre a cama, bebendo sangue e néctar uns dos outros. Uma das oishis afastou-se por um instante e apanhou os corpos dos homens do chão, colocando-os sobre a cama.

– O que está fazendo? – Perguntou a outra.

Com um riso melado de sangue, explicou:

– Gosto que me observem.

Capítulo dois

Quando Lucius surgiu das sombras do beco, Dotan o esperava encostado em um dos postes. O filho contou ao homem-lobo tudo o que escutara no quarto do segundo andar e o ouviu esbravejar.

– Há meses que não encontramos um vampiro, e você deixa escapar três de uma vez?!

– Não acha estranho que todos os vampiros de Londres tenham sumido? Há um ano, esta cidade estava apinhada deles. Em todo beco e em todo *pub* os encontrávamos aos montes. Crias desgarradas, solitárias, ou caçando em pequenos grupos.

– Talvez os tenhamos matado.

– Não creio que seja isso. Ouvi bem quando o marui disse que ia para o Brasil.

Dotan calçou as luvas de couro negro. Com um gesto, convidou Lucius a acompanhá-lo e começou a andar pela calçada.

– O Brasil é o fim do mundo, Lucius. Dizem que, lá, os animais selvagens andam pela rua e que, à noite, os crocodilos gigantes invadem casas e sequestram as crianças. O Brasil não precisa de vampiros. Digo-lhe mais: nos trópicos o dia custa a terminar, e as noites são curtas, quentes e úmidas – calou-se e, como se fosse tomado por uma repentina lucidez, irrompeu: – Acredito que existam *alguns* bebedores de sangue por lá, mas não creio que o Brasil seja um bom destino para maruis e oishis.

Lucius fez uma careta.

– Não concordo.

– Por que não?

– Maruis vivem da venda do néctar. É certo que preferem vendê-lo para *outros* vampiros, e não para mortais. Se maruis deixam uma cidade como Londres, é porque almejam um mercado melhor. Há, sim, bebedores de sangue no Brasil. Muitos. Posso apostar.

Dotan o observou por um instante. Aprendera a respeitar a opinião de Lucius, pois sabia que o filho tinha a capacidade de absorver conhecimentos e de ver fatos da vida de uma vítima, ao beber seu sangue. E como Lucius tinha o hábito de se alimentar de bebedores de sangue, tornou-se, ao longo dos séculos de caçada, uma espécie de *enciclopédia vampírica ambulante*.

Chegaram ao sobrado em que moravam. Dotan abriu a porta e encarou Lucius por alguns instantes.

– Não vai entrar?

– Hoje, não dá.

– Vai ao porto?

– Talvez ainda haja um deles por lá. Mendigos e putas serão sempre ótimas iscas de vampiros...

– Caso não os encontre? – Dotan exibiu um semblante preocupado.

Lucius sorriu.

– Eu nunca comentei? Os gatos do cais são os mais gordos de Londres.

Dois dias depois

– Baús e caixotes precisam de identificação, lorde...

– Dotan. Pode me chamar de “Dotan” – retirou do bolso o dobrão de ouro. – Preciso que levem esta caixa para meu camarote.

– Mas é muito grande, senhor. Tem que ir junto à carga.

O licantropo colocou a moeda no bolso do camisão do marinheiro.

– Tenho certeza de que você dará um jeito. E tenham cuidado! Apesar de leve, o conteúdo que transportam possui um valor inestimável para mim – levou a mão à testa, protegendo os olhos da luz, e viu o sol forte trespassando a névoa, projetando as longas sombras dos mastros de ancoradouro. Encarou o marinheiro, que logo entendeu a importância do seu trabalho. Ele só não imaginava que levava, sobre seus ombros, um bebedor de sangue de quase mil e oitocentos anos.

– Deixe comigo, senhor – subiram pela rampa formada por tábuas e cordas. O navio, um veleiro com três mastros e seis velas, não diferia muito das naus inglesas que faziam transporte de cargas e passageiros por toda a Grã-Bretanha. No entanto, um longo tubo de ferro negro se erguia do convés e cuspiu uma fumaça negra e espessa. Subiu pela rampa e se apoiou no alambrado do convés, para perder alguns minutos observando as grandes rodas com pás, que emergiam da água, uma de cada lado da embarcação, e se estendiam até meio metro abaixo do convés.

– Quando os ventos não ajudam, a caldeira gera o vapor que faz as rodas girarem – explicou um rapaz, ao ver que Dotan estava encantado com a novidade. – O SS Victoria é um dos primeiros transatlânticos do mundo e é também o mais seguro, pode apostar. Já lhe mostraram seus aposentos?

Dotan o cumprimentou com um movimento de cabeça.

– Obrigado, meu jovem, mas prefiro ver o porto se distanciando, enquanto partimos.

– À vontade, senhor.

O homem-lobo viu o embarque dos outros passageiros. Percebeu quando um senhor extremamente magro, com traços orientais, subiu a rampa, assediando os carregadores com um cuidado exagerado, repetindo a todo tempo para que não deixassem os dois caixões caírem.

– Cuidado, hein? É louça chinesa que estão carregando! – Repetia, com olhos esbugalhados e vermelhos. – Louça chinesa!

– Em caixões? – Estranhou um marinheiro.

O passageiro o encarou com sobrancelhas contraídas. Meio sem jeito, dignou-se a explicar.

– Os caixões são ótimos para carregar louça, não sabia? Os pratos se acomodam lado a lado. Assim é muito mais difícil de quebrar. Agora deixe de perguntas e faça seu trabalho!

O navio, apesar de moderno, para a época, era relativamente pequeno. Tinha dezesseis quartos, divididos em duas câmaras cada. O aposento, porém, fora luxuosamente decorado, com cortinas de seda, tapetes e diversos espelhos. Havia uma janela apenas, pequena e redonda, com vista para a imensidão de águas que corriam ao lado da embarcação. Havia também um lampião a gás fixado em uma das paredes por um suporte de ferro em formato de gancho, ornamentado com desenhos em alto-relevo.

Dotan cobriu a janela com um pano negro e cerrou as cortinas. Sabia que, assim como Lucius, os bebedores de sangue não deixariam seus aposentos enquanto o sol brilhasse lá fora. E aproveitou-se disso para fazer o reconhecimento da área.

Encontrou o homem esquisito, o lacaios que tão cuidadosamente embarcara sua “louça chinesa”, abordando dois marinheiros no convés. Estava ainda mais agitado do que da primeira vez que o vira. Segurava os pequenos recipientes de vidro com as duas mãos, devido ao tremor. Os marinheiros o levaram até a ponta do convés e insistiram para que se acalmasse. E quando se convenceram que Dotan não os observava, retiraram dos bolsos algumas moedas e as entregaram ao viciado, em troca de dois vidrinhos com o conteúdo negro. Quando se viu sozinho, o lacaios agitou-se, andando de um lado para outro, coçando a cabeça em movimentos repetitivos e furiosos, falando sozinho num momento, batendo com um punho cerrado no braço do lado oposto, no instante seguinte. Até que não resistiu e sacou do bolso do casaco as doses de néctar, consumindo toda a droga em segundos.

Depois do prazer induzido pelo leite de oishis, voltou a abordar cavalheiros pelo convés. Alguns o repeliam e o insultavam, retirando-se às pressas para seus aposentos. Outros, interessados pelo produto, levavam as mãos à carteira, mas desistiam de comprá-lo no momento em que o lacaios abria o casaco e lhes mostrava os recipientes vazios.

À noite, depois que todos os passageiros deixaram suas cabines e se dirigiram para o salão principal, Lucius e Dotan andaram pelo corredor à procura de um sinal do lacaios e pararam diante do único quarto cuja luz, morna e débil, se arrastava entre as frestas da porta.

– Poupe o marui – disse Lucius ao se aproximar do pai. Suas presas despontaram.

Dotan levou as mãos às costas, escondendo os braços sob o longo casaco negro, e puxou as duas cruzes laminadas de ferro. Os artefatos, talhados pelo ferreiro romano e ungido pela oração fervorosa dos apóstolos de Cristo, já deceparam centenas de milhares de bebedores de sangue. O apóstolo Pedro o contara que no centro das cruzes estavam enclausurados fragmentos da Cruz do Calvário.

Em seguida veio o estrondo. A porta se desmanchou em pedaços, com o chute.

A vítima que restava extasiada, sobre a cama, segurava o chapéu de marinheiro e expunha o corpo nu.

Sentado, ao lado da cama, o vampiro de traços orientais sorvia, em pequenos goles, o sangue de uma delicada incisão, no pulso de sua vítima, e vestia o mesmo terno verde que usava no dia em que Lucius o vira pela primeira vez.

Duas lindas mulheres, com traços orientais e longos cabelos, estavam sentadas na beirada da cama e exibiram as presas miúdas para o invasor. As cruzes de ferro rasgaram o ar, girando suas lâminas, enquanto as decepava. Cortaram carnes e ossos, como se o pescoço delas fosse feito de papel, e pararam somente quando suas lâminas penetraram as paredes do quarto. As duas oishis se desmancharam em pó negro antes mesmo de seus robes caírem no chão.

Por um instante, o tempo parou, e os olhos do marui enegreceram.

O brilho dourado das íris de Dotan ganhou intensidade. Seus músculos intumesceram e as presas emergiram entre os lábios, apesar de seus traços permanecerem delicadamente humanos.

O vampiro marui saltou sobre o peito de Dotan, e somente nesse momento percebeu o quanto o invasor se tornara mais alto e mais forte, mas isso não o impossibilitou de trespassar o tecido do casaco negro e cravar suas garras nos músculos peitorais do homem-lobo, enquanto envolvia o abdome de Dotan com as pernas.

Dotan quase não se moveu com o impacto que o corpo do bebedor de sangue produziu ao se chocarem, e tudo o que fez foi segurar sua cabeça, empunhando seus cabelos, enquanto o demônio tentava, a todo custo, penetrar a pele do seu pescoço com as presas. Sentiu um arrepio quando Lucius adentrou o quarto, como um espectro, e misturou-se às sombras dos dois combatentes, enroscando-se e escalando o corpo do marui, que se assustou ao perceber que outro vampiro bebia o sangue de suas carótidas.

Dotan livrou-se do marui ao arremessá-lo contra uma das paredes do quarto. Andou lenta e tranquilamente, encarando-o, enquanto o filho se escondia numa das sombras, deixando visível apenas o brilho negro e vazio dos seus olhos.

– Por favor, não me mate – implorou o marui. Falava com Dotan, mas mantinha o olhar fixo na sombra.

O lobo resgatou as Cruzes de Galeso das paredes e as recolocou em suas bainhas, presas ao cinto, às suas costas.

– Por que o Brasil?

– Brasil? Quem falou em Brasil?

O homem-lobo puxou a cadeira e se sentou.

– Você falou – a voz agora vinha do canto escuro do quarto.

– Não, não. Vou para Boston. Não é para lá que o navio está indo? – Ganhara um pouco de confiança, mas logo voltou a suplicar: – Por favor, não me mate! Ainda sou jovem, veja bem: faço cento e noventa anos ainda nesta semana! Não faço mal a ninguém! Veja – mostrou o homem desacordado sobre a cama. – Eles me pagam pelo néctar, e eu bebo pouco, muito pouco mesmo, enquanto eles estão desacordados. É desonroso, eu sei, mas é melhor que matar. E mais: a droga que vendo é bem menos mortal que o ópio, e a maioria dos meus clientes já é drogada. São mendigos, marginais e doentes. Não faço mal a ninguém. Vou para Boston, porque lá não há concorrência. É isso e nada mais...

Lucius saiu das sombras, materializando-se. Seus cabelos brancos estavam penteados para trás. Usava um terno vinho, alinhado, adornado com um discreto babado branco, que emergia das mangas e destacavam as garras cinzentas, deixando-as ainda mais assustadoras.

– O navio aporta em Boston, mas sei bem que, ao chegar lá, seu lacaios se encarregará de comprar passagens para o Brasil. Diga: por que iam para lá?

O bebedor de sangue o encarou por um instante.

– Comenta-se que é um bom mercado. Há alguns meses, percebi uma sensível melhora nos negócios. Clientes de outros maruis começaram a me procurar. Pensei que eram devedores, que tinham deixado seus antigos fornecedores por não terem mais dinheiro para lhes pagar, mas todos

repetiam o mesmo: que seus antigos fornecedores tinham deixado Londres e se dirigiram para o Rio de Janeiro. Pode ser boato, não sei, mas resolvi arriscar e descobrir.

– Mas por quê? – Estranhou Dotan. – Por que seres notívagos deixariam uma cidade como Londres para viver num lugar em que o dia é mais longo que a noite?

Não houve resposta.

– Eu descubro – disse Lucius, lambendo as presas.

Dotan lhe mostrou a mão espalmada.

– Onde há maruís e oishis, há outros clãs de vampiros...

– Isso, eu não sei dizer – insistiu o bebedor de sangue.

Dotan concluiu que havia somente uma forma de descobrir se o maruí ocultava a verdade. Encarou Lucius por um instante e moveu a cabeça num gesto, que o filho sabia ser a permissão esperada. Suspirou e os deixou sozinhos. Ao se distanciar do quarto, ouviu os gritos do bebedor de sangue, que implorava por sua vida. Diferente dos mortais, que rapidamente sucumbiam aos seus algozes, um vampiro lutava até o último instante. Mas Lucius não se importava, porque os maruís tinham o sangue doce como mel.

Capítulo três

Semanas depois

Rio de Janeiro, Brasil

Chegou ao descampado, rodeado por doze casebres, e viu o sol se pondo por trás do Monte Corcovado. Ouviu o som ritmado das palmas e a melodia monótona do berimbau, um instrumento em forma de arco de uma corda só.

No centro do areal, dois garotos simulavam uma luta ao alternar chutes e esquivas, sem tocar, um no outro. Expunham os torsos nus e usavam calças brancas, de tecidos grossos, amarradas à cintura por cordas multicores. Outros meninos se dispunham em círculo, rodeando os *combatentes* e batendo palmas. Cantavam:

Paranauê, paraneuê, Paraná
Paranauê, paraneuê, Paraná
Vou-me embora pra favela, Paraná
Como eu já disse que vou, Paraná
Paranauê, paraneuê, Paraná
Paranauê, paraneuê, Paraná
Eu aqui não sou querido, Paraná
Mas na minha terra eu sou, Paraná
Paranauê, paraneuê, Paraná
Paranauê, paraneuê, Paraná

Todas as vozes calaram ao mesmo tempo. Uma moça, a única adulta entre os capoeiristas, aproximou-se do visitante e perguntou:

– Está procurando alguém? – Tinha a pele morena orvalhada em suor. O rosto era afilado e simétrico; seus lábios, carnudos e vermelhos. Os cabelos tinham sido arrumados em minúsculas tranças, adornadas com pedrinhas coloridas. Duas delas balançavam defronte dos olhos verdes e esféricos. Seu corpo era esguio e seus membros eram bem torneados e firmes. Apesar do penteado de estilo africano, a moça tinha traços delicados que atestavam a perfeita mistura de raças. Não era negra, nem branca, nem índia. E era tudo isso também.

– Me chamo Nadav. O Caboclo Jupi quem me mandou.

A moça estranhou.

– Quem?

– O caboclo disse que, neste lugar, eu encontraria a índia Janaína...

Antes mesmo que a moça respondesse, foram interrompidos por um garoto que se interpôs entre os dois. O rosto redondo e suado oferecia um sorriso imenso. Tinha a pele negra e os cabelos crespos, cortados muito curto. Era pequeno e magricela, aparentando ter cerca de doze anos.

– Quem é você?

Nadav observou o menino por um instante e percebeu que talvez já não soubesse a resposta àquela pergunta. Foi arrebatado pelas lembranças e se viu em meio ao mercado de Sodoma. Ouvia os gritos dos mercadores e via a luz do sol trespassando os tecidos estampados das bancas, tingindo os artefatos de barro com cores inesperadas. Sentia o cheiro do basalto quente unindo as pedras de um novo prédio e o perfume das cortesãs da Casa dos Prazeres. Lembrou-se dos amigos: Rodha, com seu humor imprevisível, sempre discordando dos companheiros, para depois se desmanchar em desculpas e agradados; Vered, cuja leveza dos movimentos o fazia pensar que a moça flutuava em vez de andar; Yoel e Oren, os gêmeos, os mais novos do grupo, pequenos e medrosos, sempre se escondendo atrás de Nadav; e Dotan, o maldito demônio que...

– Ô, moço. Dormiu em pé? – Perguntou o garoto.

A morena sorriu, estendendo a mão para o visitante.

– Sou Zaíla, sobrinha de Mãe Janaína. Um aviso: não gosta que a chamem de “índia”. A raça das pessoas, moço, não faz parte de seus nomes. Lembre-se disso.

Nadav ignorou a crueza do comentário da moça e ofereceu a mão, em cumprimento. Ela se aproximou, percebendo enfim o quão imenso era o homem.

– Eu sou o Joaquim! – Gritou o menino, puxando a calça de Nadav pelo bolso. – Acho que você é o maior homem que eu já vi, mas homem algum é grande demais para escapar da agilidade de *um* capoeira! – Pulou para trás, dobrou-se sobre o próprio corpo, e tocou o chão com os dois pés, recobrando o equilíbrio.

No rosto sóbrio de Nadav esboçou-se um breve sorriso. Estendeu a mão ao pequeno e a apertou também.

– Posso ser o maior homem que já viu, mas você é o garotinho mais rápido do mundo!

– O mundo é grande demais – retrucou Joaquim. – Venha. – Eu levo você até minha tia, mas, antes, me diga: é problema de amor, não é? Ih, vejo muito disso, por aqui. O trabalho de Mãe Janaína é garantido, traz mulher amada em menos de dois dias. Ela fala sempre com os orixás,

sabia? É muito poder, é sim...

E enquanto o menino conduzia Nadav à casa amarela, ao terreiro de Mãe Janaína, Zaíla os observava. O garoto sentira uma empatia imediata pelo visitante e falava sem parar, mas Zaíla não demorou para perceber que havia algo diferente no olhar daquele homem. Apesar da aparência jovial e do notório vigor físico, ele carregava um peso imenso. *Tem olhos de gente velha. De quem não se encanta com novidades. De quem espera o dia da própria morte...*

O terreno fora cercado com arame farpado, e o acesso ao seu interior era garantido por um velho portão de ferro, baixo e enferrujado, que fora afixado à cerca de arames. Árvores e plantas diversas cercavam um terreiro protegido por uma cobertura de madeira e palha, onde Nadav encontrou imagens de deuses africanos, com seus rostos encobertos, suas roupas tribais e suas armas santas.

– Sente-se – pediu Zaíla a Nadav, mostrando um banquinho. – Espere aqui. – Deixou-o com o garoto e entrou no barraco, que ficava nos fundos do terreno.

Ao ver que o visitante ignorou o banquinho, o menino se sentou, encostou-se à parede e o encarou.

– Você é um soldado?

Olhou por um instante, sem respondê-lo.

– Já fui – e num reflexo, fechou o longo casaco de tecido grosseiro.

O menino riu.

– Então, é lenhador.

– Sua avó vai demorar?

– Tia – corrigiu o menino. – É ou não é lenhador?

– Do que você está falando?

O menino se levantou de um salto e puxou a barra do casaco.

– Então, para que você carrega um machado? Deixe ver.

Nadav deu um passo para trás.

– Ei! Você não pode...

O grito o interrompeu:

– *Epá, epá, Babá!* – Disse Janaína, a plenos pulmões. Era baixa e magra. Aparentava ter quarenta anos ou um pouco mais. A pele era escura; o vestido era branco e cheio de babados. Em sua cabeça, o turbante, da mesma cor de sua roupa, escondia os cabelos. – *Epá, Babá!* É boa alma – mexia os quadris de forma tão graciosa que se tornou impossível definir se andava ou dançava. Parou defronte de Nadav e o encarou por um instante.

– O... Jupi quem me mandou – ele disse.

– Uh – resmungou. – E o que é que aquele bruxo velho ainda quer comigo? – Antes que o viajante respondesse, agitou-se em gestos, pedindo a Joaquim que os deixasse.

Zaíla acompanhou o menino até o portão e o viu correr até a roda de capoeira. Ela voltou para o terreiro, encostou-se a um dos pilares da cobertura e observou a tia com Nadav.

– Procuro o Portal de Copacati, e o velho Jupi me disse que a senhora poderia me ajudar. Levou a mão ao peito, tocando a pele sob a roupa decotada.

– Isso é lenda.

– Não é, não – Nadav ouvia o som da respiração de Janaína. Seu coração ribombava, descompassado, e sua pele enrubescia.

– Pelo jeito que a senhora reagiu, sei bem que já o viu.

– Que diferença faz se eu vi ou não? O machado é arma do Criador. É poder demais para um homem comum – andou até uma velha cadeira de balanço e se acomodou. Estava exausta. – Não tá certo. Não tá. Senti presença boa e agora sinto um poder imenso e maligno. Vá embora, gigante. A arma não é pra você.

Nadav se aproximou da senhora e se ajoelhou diante dela.

– Dona Janaína, eu peço que repense. Venho de muito longe e há alguns anos procuro o artefato.

Inclinou-se para frente, arrumando os babados da roupa, e tocou a testa de Nadav com a ponta dos dedos. Ele fechou os olhos. Conhecia os rituais do *candomblé de caboclos*. Ela murmurou palavras ininteligíveis, depois o repeliu, empurrando seu corpo para longe. – Uh! Quem tá aí? – Ela gritou.

A luz da tarde feneceu, como se uma nuvem chuvosa escondesse os últimos raios de sol.

– Quem tá aí?! Se identifique!

Nadav não ouviu voz alguma. Ouvia apenas o som das mangueiras balançando ao vento. Longe, o grito das crianças ecoava numa cantiga de *maculelê*.

Janaína se levantou, exaltada.

– Se diz que é Exu, é porque não é Exu coisa nenhuma! Uh! Diga seu nome, entidade! Você não é Exu! Se identifique ou vá embora. Aqui não tem nada pra você!

Nadav se levantou, tocando o cabo do machado, sob a capa.

– Uh! – Janaína girou sobre o próprio corpo e emitiu gritos numa língua antiga. Depois saltou sobre Nadav e o puxou pela gola do casaco, aproximando-se do seu rosto.

– Você é uma besta e tem morte nos olhos. Vá embora – largou-o, dando-lhe as costas e deixando-o sozinho no terreiro.

– Dona Janaína! – Ele ainda tentou convencê-la a ajudá-lo, mas suas palavras se perderam

no ar. Furioso, cerrou os punhos, enquanto se erguia. Sentiu os vasos nos braços se dilatando, o ódio crescendo em seu peito, mas o toque delicado em seu ombro o fez despertar.

– Muitos já vieram, antes de você, e ela ajudou a todos – tocou seu rosto e sorriu. – Minha tia é um amor, sabe? Mas às vezes implica com as pessoas erradas.

– Onde fica o portal?

Zaíla o mostrou a saída com um gesto.

– Eu não sei o lugar exato, mas sei quem pode ajudá-lo. Venha.

Sentaram-se num banco feito com pedras, bem próximo ao areal, e enquanto Zaíla contava a Nadav tudo o que ouvira sobre o portal, o céu escurecia numa noite vazia de estrelas.

Satisfeito, Nadav retomou a estrada que o levava à pequena vila. Tinha agora um novo destino.

Zaíla o observava de longe. Por um instante, sentiu o calafrio percorrer sua espinha. E ao olhar para o terreiro da casa, viu o brilho negro de olhos à espreita, em meio às mangueiras do jardim.

– Quem está aí?

Mais uma vez, ninguém respondeu.

Capítulo quatro

Smith parou defronte da porta de um velho sobrado, no bairro de São Cristóvão, depois olhou para os lados, à procura de observadores. Viu, a uma moderada distância, o Palácio da Quinta da Boa Vista, a moradia do príncipe regente do Brasil, Dom Pedro I, e imaginou-se andando por suas dependências.

Bateu à porta do sobrado, mas ninguém veio atendê-lo e, ao forçar a maçaneta, viu que estava destrancada.

– Já entrei – anunciou. A sala estava vazia. Sobre a mesa queimavam cinco velas dispostas a distâncias iguais, umas das outras, o que criava uma iluminação débil e incapaz de clarear todo o ambiente. Linhas brancas foram desenhadas sobre a madeira da mesa, unindo as velas e formando o desenho de uma estrela de cinco pontas.

Sentou-se à mesa e esperou, enquanto relia a carta que recebera havia poucas horas, até que um ruído, vindo da escada que levava ao segundo andar, chamou sua atenção.

– Olá?! – Espantou-se e, num ato reflexo, se levantou, deixando a carta cair. Podia-se ver o desenho estampado no papel: um compasso, com a abertura virada para baixo, sobreposto a um esquadro. E entre os dois instrumentos, o desenho de um olho negro e de uma estrela de cinco pontas, tracejada com uma tinta vermelho-sangue. *Nunca vi este símbolo em documentos da ordem.* Estranhou Smith. *Deve ser de uma nova loja maçônica.* Abaixo do emblema se lia: “Você foi escolhido entre milhares de irmãos” e o endereço do velho sobrado. “A porta está sempre aberta. Bata e entre”. A letra “H”, maiúscula, era a assinatura da mensagem. – Vim por causa da carta – abaixou-se e a resgatou, erguendo-a acima da cabeça. – Há alguém em casa?

– Saudações, *monsieur* – disse a voz às suas costas.

Smith virou-se e viu a silhueta saindo das sombras, cruzando o umbral da porta. O anfitrião tinha estatura média e corpo esguio. Trajava uma farda semelhante aos trajes dos oficiais do exército de Napoleão Bonaparte, mas de cor diferente: todas as peças foram tingidas de preto. O rosto era agudo, e seu nariz era longo e proporcional. Seus cabelos eram negros e lisos. Sua pele exibia um castanho pouco comum e deu a Smith a impressão de se tratar de um homem moreno que havia muito tempo não se expunha ao sol.

– Vim por causa da carta – insistiu o visitante.

O homem de preto sorriu e lhe pediu que se sentasse à mesa, com um gesto.

– Escolhido entre milhares de irmãos.

Ao ouvir as mesmas palavras que lerano bilhete, Smith se envaideceu. Pensou: *Alguém muito importante precisa de mim!* E disse: – Ora, mas que é isso? É verdade que sou fiel à ordem, mas...

– Há duas grandes lojas no Rio de Janeiro, *monsieur* Silva – interrompeu-o o dono da casa, com um carregado sotaque francês. – Preciso saber com qual delas simpatiza.

Smith exibiu em seu rosto um esgar de nojo. Via, por sobre o ombro do outro, o grande espelho da sala, e apesar da indignação que sentira ao ser chamado de *Silva*, do medo e da súbita ansiedade, não resistiu à tentação de contemplar o reflexo da própria imagem. O rabo de cavalo que um dia fora loiro e denso, agora se tornara ridículo de tão pálido e fino. O corpo magro e alto ainda desenhava uma elegante silhueta, mas à custa de um aviltante e desconfortável espartilho.

Ao perceber que o visitante não falava, o homem da farda negra continuou.

– Os Monarquistas Constitucionais defendem um imperador brasileiro, o que é bom, sim, muito bom, mas a ideia de aplicar sanções e vetos à conduta do monarca chega a ser leviana – balançou a cabeça e proferiu escárnios em sua língua mãe, mas antes que Smith dissesse algo, continuou: – E os republicanos, então – bufou –, são ainda piores! Imagine você, este país governado pelo povo. Que povo? Uma massa de ignorantes, analfabetos, índios e escravos, burgueses sem classe, putas e bêbados!

– Smith. – Corrigiu o visitante.

Estranhou.

– Como?

– Meu nome é John Smith. Não sei quem é esse *Silva* que você mencionou.

O homem de preto deu uma sonora gargalhada, e, por um instante, Smith viu em seus olhos um vazio irreflexo.

– Ora, mas que falta de educação a minha, *monsieur* Smith. Deixe que me apresente – estendeu a mão ao visitante. – Tenente Jean Baptiste. Esse é o nome que minha falecida mãe me deu e é o único que me atrevo a usar, mas nem todo o mundo é igual, *d'accord?* Se não quer ser chamado por seu verdadeiro nome, então, *voilà!*, que seja John Smith! O importante é a sua missão, não o seu nome – mais uma vez insistiu para que se acomodasse.

Smith puxou a cadeira e se sentou, enquanto observava o diagrama sobre a mesa. – Não há de se falar em *lojas*, além da *Grande Oriente do Brasil*. De uma forma geral, as posições políticas não são bem definidas. O que tenho visto são *palestras* a favor de uma ou de outra ideologia. Confesso que simpatizo com a república, já que vivo do comércio. Dizem que a república é o primeiro passo para a libertação dos escravos, e não me importaria em vender sapatos para

negros alforriados.

Jean o observou por um instante, depois sorriu.

– Diga-me, *monsieur* Smith, o que realmente importa para você? Qual a sua motivação mais elementar? Qual o prêmio pelo qual você arriscaria a sua vida? É provável que não seja vender sapatos.

Smith não respondeu, apenas olhou para o espelho, mais uma vez. Viu-se com vinte e dois anos. O corpo forte e magro, os cabelos loiros derramando cachos sobre os olhos verdes.

– Então esse será o prêmio que o nosso mestre reservou para você.

Coisa sem pé nem cabeça. Pensou Smith.

Jean o surpreendeu ao dizer:

– “Sem pé nem cabeça?” – Sorriu. – Se não acredita, *monsieur*, então por que continua insistindo nos rituais de magia? Você acredita, sim, ou já teria se livrado da caderneta.

Ele sabe! Smith o observou espantado. *Mas ninguém sabe disso!*

– Há uma terceira corrente – revelou o francês. – E o Grande Mestre quer que você faça parte dela!

O visitante levantou-se, assustado.

– Que brincadeira é essa? – Olhou em redor, desesperado. – Quer que eu acredite que pode ouvir meus pensamentos? Não sei como você faz isso, moço, e posso dizer que é bem convincente, mas sei que ninguém pode entrar na cabeça de outra pessoa desse jeito.

Jean riu.

– Todo o poder vem do Grande Mestre e dos Filhos da Escuridão. Eu não tenho poder algum.

Smith o encarou por um instante, sem saber o que dizer.

– Está falando do Grande Arquiteto?

– Não acredito que estejamos falando do mesmo “arquiteto”. Nossa loja é uma organização secreta, à margem da maçonaria. Com o tempo, você entenderá.

Ainda em pé, de braços cruzados e rosto contraído, o sapateiro perguntou:

– Suponhamos que seu mestre tenha o poder de me dar o que eu quero. – *Isso é ridículo!* – O que eu teria que fazer?

Jean Baptiste sorriu.

– Ah! Isso eu também gostaria de saber – levantou-se de um salto e correu numa velocidade tão grande que apagou a chama de quatro velas que estavam sobre a mesa.

Tudo o que Smith viu foi o chão se aproximando do seu rosto, antes do choque. A dor se irradiou por seus ombros e costas. Sentiu o peso do corpo de Jean Baptiste. Seus músculos

tremeram de medo, mas conseguiu virar o rosto para fitá-lo.

– O-o q-que você vai...?

– Eu poderia beber todo o seu sangue e enterrar seu corpo murcho nos fundos deste sobrado. Ninguém sentiria falta de você. É vaidoso e egoísta demais para pensar em alguém, além de si mesmo, não é? Por isso abandonou sua mãe e suas tias num sítio imundo. Pelo mesmo motivo não se casou nem teve filhos. – Os olhos de Jean enegreceram, e duas presas agudas despontaram, entre os lábios. Seu hálito frio e seco arrepiou os pelos da nuca de Smith.

– P-por favor, não me m-mate! Eu não fiz nada!

De súbito, o vampiro já não estava sobre ele.

O sapateiro apoiou as duas mãos no chão e ajoelhou-se. Tinha a sensação de que seus músculos derretiam. Ouviu o som da cadeira raspando no assoalho e viu a silhueta de Jean, próximo à mesa mal iluminada pela chama da única vela que permaneceu acesa.

– Poderia matá-lo, como já disse, mas não o farei, e confesso que desconheço qual o plano que o Grande Mestre tem para você. Isso não me foi dito. Mas seja como for, preciso que você assuma um compromisso com a nossa causa. Você receberá ordens de mim, e eu o convocarei, quando for necessário.

Smith se levantou, com dificuldade. Ao cair, arrebentara a correia do espartilho, e sua barriga se insinuava para fora da camisa, meio prensada pela roupa. Levou as mãos aos cabelos ralos e desgrehados, alisou-os, arrumando o rabo de cavalo.

– Uma oferta incerta e fantástica por uma devoção incondicional. E se eu não aceitar? – Contraíu os ombros, assim que o disse.

– Nesse caso, estará condenado a se ver mais velho, a cada dia, até que seu rosto se desmanche em rugas. Terá tanta pele solta, que será preciso enfiar as mãos no calção e arrumar o saco, antes de se sentar, para não o esmagar. Em alguns anos, sua pele terá manchas cinzentas e crespas, e até o último dos seus cabelos terá caído. Nesse momento, você receberá minha visita, mas eu não virei matá-lo, *monsieur*, ah, *non*! Em vez disso, farei com que beba meu sangue e se torne um *mental*, assim como eu. Velho, enrugado e corcunda, será capaz de ouvir tudo o que os homens e as mulheres pensarão de você! “Velho fedido”, umas dirão, ou “Deus, como é nojento”. – Riu. – Mas nem todas as pessoas vão evitá-lo ou sentir repulsa da sua figura. Os bons tentarão dar-lhe uma ajuda da qual não precisa, pois, apesar da sua aparência, terá a força de um Filho da Escuridão. E até no momento em que contemplarem suas presas, terão pena do eterno velhinho. Você fede a vaidade, *monsieur*. Eu nem precisaria ler sua mente, para saber disso. Terá alguns dias para pensar. Sugiro que visite todas as palestras que mencionou. Tente estabelecer contatos em todas, e, no momento certo, o Grande Mestre o informará qual é a missão que ele tem para você.

Capítulo cinco

09 de janeiro de 1822

Chegaram ao porto do Rio de Janeiro numa noite quente e clara. O navio que partira de Boston com destino ao Brasil era uma nau conduzida por velas, mais lenta e menos confortável que o S.S. Victoria.

A última refeição de Lucius fora o sangue do marui, a bordo, na primeira noite de viagem. Negava-se a beber sangue de ratos, os únicos animais vivos embarcados, e teve de aguentar a fome, pois atacar os passageiros não era uma opção admissível.

Viram os estivadores transportando pesadas sacas na cabeça, carregando os navios com uma lentidão irritante. Usavam calças de estopa e exibiam os torsos negros, nus, e seus andares, Dotan percebeu, assemelhavam-se a passos de dança. Cantavam e conversavam, numa língua confusa, que a princípio pensou ser português, mas logo entendeu que era um tipo de dialeto no qual o idioma oficial se misturara com uma língua africana.

Caminharam pelo porto, à procura de uma estalagem na qual pudessem se hospedar e pararam ao ver o letreiro do bar. O *Velho Lobo do Mar* estava escrito, em vermelho, na grande vidraça, vizinha à porta. As notas do violão tornaram-se ainda mais intensas quando pai e filho cruzaram o largo umbral de entrada. O som das palmas e a música vinham do fundo do estabelecimento, onde três rapazes cantavam, enquanto quatro moças rodopiavam, fazendo seus longos vestidos balançarem. Uma delas tinha dois botões abertos, em sua blusa, e mostrava, de relance, um seio moreno e orvalhado em suor. O calor da pele; o cheiro do hálito, doce e alcoólico, causaram em Dotan uma súbita excitação. Ao ver a morena dançando, lembrou-se de Vered, do seu jeito alegre, dos movimentos fáceis e graciosos, da boca carnuda, dos cabelos ricos em cachos, desordenados e belos.

– Dotan – chamou Lucius, mostrando-lhe o jornal que encontrara sobre uma das mesas. – Acabo de descobrir o motivo da festa. O príncipe regente, que fora chamado a Portugal, declarou que vai ficar no Brasil.

O homem-lobo despertou e pediu o jornal ao filho, estendendo-lhe a mão.

– Portugueses? – Interpelou o dono do bar. Era atarracado, e seus cabelos emitiam um brilho vermelho e intenso. Inúmeras sardas pontuavam sua pele rosada. O pescoço era roliço e corado. O sorriso impelia quem o encarasse a uma alegria desmotivada.

– Viemos da Inglaterra – revelou Lucius.

O taverneiro observou a pele acinzentada de Lucius e deixou o sorriso fenecer, como se reconhecesse sua origem sobrenatural.

– Percebe-se, de longe, que são estrangeiros – estampou no rosto um novo sorriso.

Dotan deu um passo para trás e virou o rosto ao sentir o cheiro do ruivo. Viu, em sua mão estendida, as fileiras de anéis de prata que lhe tomavam todos os dedos, das bases das falanges proximais até suas articulações. Não poderia deixar de perceber a irritação da pele em redor das joias. As feridas, antigas e recorrentes, davam ao homem aquele odor pungente, que somente Dotan, entre os presentes, podia sentir.

– Todor – apresentou-se o rapaz. E ao perceber que Dotan fitava suas mãos, explicou: – Um cigano nunca se separa de seus anéis! – Mostrou a mão direita. – Este aqui foi meu avô quem me deu, quando fiz quinze anos, em Budapeste. E foi nessa época que percebi que tinha alergia a todo tipo de metal... Menos ao ouro, evidentemente. – Sorriu. – Em que posso servi-los? Hoje, a cerveja está em promoção, e chegou de Minas uma cachaça que é suave como a conversa do Boto. – Puxou Dotan para perto. – Sabia que, aqui, no Brasil, o Boto Cor-de-Rosa emerge dos rios, à noite, e assume a forma de um homem bonito e elegante? Dizem que sua maior diversão é deflorar as moças de família – desatou numa estrondosa gargalhada. – Parece piada, não é? Mas é verdade! Eu mesmo...

Dotan o repeliu, livrando-se do seu toque com um gesto brusco.

Lucius puxou do bolso um dobrão de ouro e o ofereceu a Todor.

– Não me acostumo à bebida, pois tenho ressacas horríveis, mas pago, de bom grado, pela sua companhia, senhor. Quero ouvir suas histórias – mostrou-lhe a cadeira.

Todor resgatou a moeda da mão de Lucius e a levou à boca, testando sua resistência com os dentes, depois a enfiou no bolso e se sentou.

– As florestas deste país estão apinhadas de entidades e seres fantásticos. Uma vez, enquanto caçava capivaras...

Dotan deixou seu olhar se perder no decote da dançarina, afastou-se da mesa e caminhou até o fundo do bar. Os milhares de anos que vivera o ensinaram a ser paciente. Haveria tempo suficiente para investigar o motivo da migração dos vampiros ingleses para aquele país alegre e quente. O som do violão e das palmas dos boêmios criara a atmosfera perfeita para a dança da morena. Agora Dotan ouvia os sons do coração dela batendo no ritmo frenético da música. Sua pele tinha um odor forte e ao mesmo tempo feminino, e isso atraiu o animal que habitava a alma de Dotan. Movia-se como sua amada Vered, que perdera no dia em que a ira de Deus caiu sobre Sodoma, e cheirava como uma loba pronta para o ato. De súbito, a imagem de

Rodha, a única fêmea entre os Cães de Anúbis, tomou sua mente: vestia véus finíssimos e rubros que caíam sobre seu corpo sinuoso e forte; transformara-se até o ponto em que Dotan mais gostava, no qual sua forma feminina ainda se mantinha perfeita; o rosto humano, e os pelos castanhos se derramando sobre os antebraços e tornozelos. Agora fitava a dançarina, de perto, e a moça percebeu seu interesse, devolvendo-lhe um sorriso despudorado e convidativo, enquanto o examinava de cima a baixo.

Ah, gringo, hoje eu faturei!, pensou a morena, que girava em redor de Dotan, enroscando-se em seu corpo, seduzindo-o, até que ele não aguentou e a puxou, apertando seu braço com um pouco mais de força do que seria necessário. E ao sentir a empunhadura forte, ela o brindou com uma expressão conflitante: as sobrancelhas arqueadas de dor; os lábios úmidos de desejo. Gostava dos estrangeiros, porque pagavam mais caro e não discutiam o preço, mas ao sentir seu toque, ela concluiu que se deitaria com o elegante cavalheiro de graça, se ele pedisse. Dotan apertou o corpo dela e se aproximou de sua boca, parando a alguns centímetros de distância, sentindo seu hálito, degustando o desejo. Os vampiros podiam esperar. O mundo inteiro podia esperar. Assustou-se com o toque em seu ombro. A mão imensa o virou num gesto brusco.

O soco.

O corpo se deslocando no ar.

A escuridão.

Capítulo seis

A vidraça do bar explodiu em milhares de pedaços minúsculos e brilhantes quando o corpo de Dotan a atravessou. Ele juntou os braços, à altura do peito, e uniu as pernas, estirando-as, depois girou o tronco sobre o quadril, estendendo os braços, fazendo com que seu corpo descrevesse uma rota parabólica no ar. Caiu acorado no chão, tocando a terra com uma das mãos. A outra mão se insinuava entre os tecidos do longo casaco negro, apalpando o cabo de uma das armas em forma de cruz. Agora seus olhos acendiam num amarelo ígneo e suas pupilas se dilatavam, enquanto tentava localizar seu agressor. Os últimos estilhaços caíam diante de seus olhos, como uma chuva lenta e cortante. Sentia o ardor das lesões em seus braços, enquanto se fechavam lentamente. A lâmina de vidro que lhe trespassara a pele do pescoço fora empurrada, de dentro para fora, enquanto a pele se apertava em seu redor. Demorou alguns segundos para que ouvisse o primeiro grito de terror, enquanto homens e mulheres fugiam pela porta da frente do *Velho Lobo do Mar*. Ouviu-se, três vezes, o som de vidro quebrando-se, e a cada pequeno estouro, a luz que vinha do bar diminuía.

Lucius...

No instante em que decidiu reentrar, parou ao ver a silhueta – tão grande e forte quanto um urso –, que se desenhava sob o umbral e caminhava em sua direção.

– Foi nisso que se tornou o poderoso Anúbis? O Deus Chacal encarnado? – Disse a voz do gigante, à sombra da porta, e Dotan reconheceu sua voz. Agora, a lua iluminava o corpo imenso, enquanto seu rosto permanecia à sombra do umbral. Nos lugares onde deveriam estar seus olhos podiam-se ver dois pontos de luz avermelhada. As pernas se assemelhavam a troncos fincados na terra e sugeriam que aquele era um oponente invencível. Usava botas baratas de couro marrom, e sua calça fora tingida pela poeira de uma longa jornada. Os braços rígidos de músculos se desenhavam sob o longo casaco de tecido grosseiro.

Dotan se levantou, soltando o cabo da arma, deixando-a deslizar para dentro da bainha.

– Nadav?! Por Deus, homem, há quanto tempo eu... – Não conseguiu terminar de falar porque teve de saltar de lado para que pudesse desviar-se de um pesado barril de carvalho, que passou rente à sua cabeça.

– Jesus! – Gritou o dono do bar. – Meu uísque! Parem com isso!

Nadav saltou sobre Dotan e o levou ao chão, prendendo seus pulsos com as mãos e

mantendo-o imóvel com o peso do seu corpo. Agora os cabelos de Nadav lhe caíam sobre o rosto, negros com a noite, e uma barba de pelos lisos rodeava seu rosto, contrastando com seus olhos de lobo.

– Não queria matar Oren – confessou Dotan –, mas os gêmeos perderam o controle! Nunca conseguiríamos trazê-los de volta à razão! Nunca! Sei que você não queria ver inocentes morrendo, daquele jeito, hein? Você queria? Eu tive de... – O soco calou sua boca.

– Oren tinha medo, e por fraqueza se entregou ao lobo! Você o traiu, quando ele mais precisava de ajuda! Você o matou, enquanto ele dormia! Covarde! – Nadav apertou seu pescoço com as duas mãos, que se fecharam como uma prensa.

Dotan não queria lutar, mas ao sentir o ar se esvaír dos seus pulmões, uma força lhe percorreu a espinha e lhe intumescceu os músculos. As garras cresceram afiadas em suas mãos, e seus dentes se apontaram em presas. Com um golpe rápido, rasgou o pescoço de Nadav, que saltou para trás, assustado.

O monstro, que se tornara ainda maior, levou uma mão ao pescoço, tentando estancar o sangue e riu, deixando o líquido vermelho escorrer pelo canto da boca, fitando Dotan, como se intentasse falar, mas não conseguiu.

– Nadav, por favor! Me escute – viu os olhos de Lucius brilhando nas sombras, em redor do gigantesco homem-lobo, e estendeu a mão em sua direção, pedindo que esperasse. Fitando Nadav, pediu: – Esqueça-se disso. Éramos jovens demais, e, na época, pensei que era a única alternativa... – Aproximou-se e percebeu que a lesão que causara no velho amigo já estava cicatrizada. – Éramos irmãos, não se lembra? Por anos não soube a razão de termos sobrevivido, mas concluí que tínhamos uma missão, e tínhamos que permanecer juntos para que pudéssemos... – As lembranças se misturavam em sua cabeça. A vida em Sodoma; o amor de Vered e dos amigos que sempre o acompanhavam; a dança de sangue e morte no Egito, o riso endiabrado de Drucila, no momento em que esteve prestes a tirar sua vida... Era como se tivesse vivido inúmeras vidas, sido centenas de pessoas diferentes, mas ver Nadav diante de si trouxe de volta a sua verdadeira identidade e a sua missão original. Levou a mão ao cinto e o desprendeu, deixando as armas caírem. Retornou à forma humana, sentindo as roupas deslizarem, folgadas, sobre sua pele. – Se quer me matar, então seja rápido, porque se continuarmos brigando, não teremos chance alguma contra os Filhos da Escuridão.

Nadav mexeu a mandíbula e girou a cabeça num movimento brusco, criando um barulho desagradável de osso se quebrando, enquanto suas presas diminuía e seus olhos recobravam a cor original.

– *Tu és filho da luz* – disse Nadav, com os olhos baixos. Ao encarar Dotan, alteou a voz. – E

à luz sempre pertencerás. Descerra as portas da tua alma e recebes a missão para a qual foste escolhido, porque todo o poder que habita teu corpo é também parte de mim. – Dotan reconheceu a profecia. Ouvira aquelas mesmas palavras da boca de Paulo de Tarso, no dia em que o Criador tocou-lhe com sua graça. – *Controla tua fúria, pois é para os demônios que ela está destinada, e não para os justos e inocentes. Se não controlas tua força, é porque o mal está próximo, e logo tu entenderás o motivo de existires e de nunca envelheceres. São sete os filhos da luz, e sete são os demônios que tentarão te destruir.*

Ao ouvir aquelas palavras, Dotan abriu a guarda, relaxando os punhos.

– E os outros...?

Por um instante, Nadav não respondeu, enquanto olhava em redor, como se procurasse por algo, mas logo vociferou:

– Há um bebedor de sangue aqui, e ele está impregnado com seu cheiro... – Levou a mão ao cabo do machado.

– Por favor, senhor – murmurou o dono do bar, escondido por trás do portal de entrada. – Vá embora, antes que os soldados do príncipe cheguem! Já tive prejuízo demais...

– Eu o recompenso – disse Dotan. E para Nadav pediu: – Lucius é meu filho, e foi lutando contra os Filhos da Escuridão que ele se tornou... – Não sabia o que dizer, pois tudo o que pensava soaria errado ao ser dito. Apesar de Lucius manter a maioria das virtudes que demonstrava quando era mortal, o tempo e a maldição o tinham endurecido. Já não sabia o quão frio o filho poderia ser. O amor e o instinto paternos o impeliam a acreditar que o caráter de Lucius era maior que as trevas que fluíam em suas veias, mas no momento em que pensou em argumentar, percebeu quão absurda soaria a sua defesa.

Quando Dotan calou, Lucius saiu das sombras, postando-se ao lado do pai.

– Destuí mais deles do que você pode imaginar – argumentou o vampiro.

Nadav contraiu o rosto, enquanto seus olhos avermelhavam.

– Não vim aqui à sua procura. Preciso falar com Todor, o cigano. – Viu o ruivo insinuando-se por trás da porta. – Venho por indicação da menina Zaíla. – Voltou a fitar Dotan: – Então, acho que, se decidiu adotar um demônio, o problema é seu. Não me importo. – Ao encarar Lucius, o fez perceber que não dizia toda a verdade. Sabia que, se o encontrasse novamente, teria de encarar a fúria do Lobo Negro. – Agora saiam do meu caminho, que os deixarei viver.

Lucius deu um passo à frente, tingindo os olhos de preto. Talvez não fosse necessário esperar por outra oportunidade.

– Não – Dotan assumiu um tom rude. – Melhor irmos andando. O dia logo irá nascer, e ainda não temos um lugar para ficar.

– O dobrão de ouro paga a vidraça – propôs o cigano. – E se houver mais moedas de ouro como esta, me arrisco a hospedá-los em um dos quartos dos fundos do bar. Não são grande coisa, mas talvez por isso mesmo estejam sempre disponíveis – deu uma risada inapropriada à situação, o que fez Lucius pensar que, de certa forma, o húngaro fosse louco. – Sugiro que os cavalheiros entrem e esperem por mim, dentro do bar, enquanto eu converso com o viajante. Isto é, se o que ele quer mesmo é *conversar*...

– Procuro pelo Portal de Copacati – cuspiu Nadav.

Os olhos do taverneiro se acenderam.

– Ah! – Correu até Dotan e colocou a mão sobre seu ombro, enquanto o conduzia para dentro do bar.

É realmente louco. Pensou Lucius. Viu dois homens-lobo lutando e um vampiro se misturando às sombras, teve parte do bar destruído, e está se divertindo. Estampou no rosto um sorriso. Começava a gostar do cigano.

Dotan repeliu seu toque, enojando-se das feridas dos seus dedos.

– Talvez seja uma boa ideia, senhor. Agradeço a hospitalidade – arrumou o longo casaco, agitando-o e criando uma pequena chuva de estilhaços de vidro que o seguiam, enquanto andava em direção aos fundos do bar. Lucius o acompanhou, sentindo que os olhos de Nadav o seguiam todo o tempo.

– Que cheiro é este? – Estranhou Nadav, quando se aproximou de Todor.

O dono do bar lhe contou uma longa história sobre tradição, joias ciganas e alergia cutânea, e foi interrompido pelo visitante, que disse:

– Zaíla me garantiu que você já viu o Portal de Copacati. Quero que me leve até lá.

O ruivo sorriu.

– Já vi bebedores de sangue lutando contra um exército de lobos gigantes, nas ruas de Budapeste. Quando vim para o Brasil, prometi que nunca mais iria me meter com seres sobrenaturais, mas há certas coisas que nos perseguem, não é mesmo? Deus me livre de ir até o Portal, mas já ouvi muitas histórias de quem conhece o lugar. Posso ajudá-lo, com certeza.

Nadav franziu a testa. Sabia que algo como um “exército de lobos gigantes” não existia. Os únicos homens-lobo que já vira eram os Cães de Anúbis. Além de Nadav e Dotan – e do pobre Oren, que morrera no Egito –, sobravam apenas Rodha e Yoel, que estavam desaparecidos havia milhares de anos. Começava a pensar que o cigano não fosse confiável.

– Portal não é a forma certa de chamar aquele lugar. Creio que devesse se chamar *Vértice* de Copacati – passou a mão sobre o ombro de Nadav, com certa dificuldade devido à diferença de altura. Obrigou-o a se abaixar e disse, em seu ouvido: – Um lugar mágico, onde

dezenas de entidades místicas trespassam o tecido de realidade e se materializam. Você sabe o que quer dizer “tecido de realidade”? Vou explicar...

Capítulo sete

O quarto era pequeno e abafado. Havia uma única janela que foi mantida fechada, escondida por pesadas cortinas de cor violeta.

Todor insistira para que o acompanhasse num último trago, antes que trancasse as portas do bar. Tinha o rosto tomado por uma estranha expressão de contentamento, mesmo depois de ver que metade do estabelecimento – mesas, cadeiras, lamparinas e copos – fora destruída pela confusão.

– É no *Velho Lobo do Mar* que as coisas acontecem! – Dissera o cigano, satisfeito. – O brasileiro é curioso, lorde Dotan. E o medo é um rastilho de pólvora: queima rápido e se apaga no instante em que o indivíduo se vê em segurança. Mas a curiosidade é viciante e incômoda. Sou capaz de apostar que, nas próximas noites, este lugar vai ficar mais cheio do que jamais esteve!

Lucius descerrou as cortinas. Havia anos que não sentia aquela mórbida atração pela luz que o poderia destruir, mas o calor daquele país novo e desconhecido o impeliu a contemplar o momento em que o primeiro raio de sol brilhava em meio à madrugada. Uma luz fria e doce que, um segundo antes de fechar as cortinas, ofuscou sua visão, e fez o vampiro se lembrar de quando morava em Roma, de quando via o sol se pondo entre as árvores do bosque, na propriedade de campo de seu pai. Apesar de o quarto ter se tornado escuro o suficiente para que pudesse se proteger, Lucius preferiu se acomodar no guarda-roupa de madeira, hermético e agradavelmente escuro.

Dotan ouviu o ranger da madeira da cama, no momento em que se deitou, e adormeceu pensando nos velhos amigos que se separaram havia mais de dois mil e oitocentos anos. Se Deus falara com Nadav do jeito que fizera com Dotan, é provável que o mesmo tivesse ocorrido com Rodha e Yoel... *Sete são os Filhos da Luz*, dissera o Criador, mas os sodomitas que foram poupados por Deus e agraciados com o poder dos homens-lobo eram apenas cinco: Nadav, Dotan, Yoel, Oren e Rodha. Então, quem seriam os outros dois Filhos da Luz? Lucius talvez fosse um deles, já que mesmo sendo um vampiro servia aos desígnios de Yahweh: destruíra uma quantidade enorme de bebedores de sangue e, havia mais de mil anos, vinha se alimentando unicamente de animais e de outros vampiros...

À tarde, enquanto Lucius descansava, Dotan procurou Todor, no bar, e o encontrou arrumando os novos copos sobre a prateleira.

– Você não dorme? – Perguntou Dotan, enquanto se sentava a uma das mesas do *Velho Lobo do Mar*. Tentou meter no rosto um sorriso que para Todor era tão verdadeiro quando uma moeda de mil e cem contos de réis.

– Muito pouco, e sempre com um dos olhos aberto – riu, contraindo muito os músculos em redor dos olhos e vertendo uma cor vermelha intensa em seu rosto. – Aqui acontece de tudo, *Lorde Dotan*.

O homem-lobo arqueou as sobrancelhas ao ouvir o pronome de tratamento que Todor usou. Pelo visto, fazia questão em tentar agradar. Tentou ignorar o odor estranho do taverneiro.

– Pode me chamar de Dotan. É suficiente – mostrou a cadeira ao cigano e pediu que se sentasse com um gesto. – Diga-me: é impressão minha ou a confusão de ontem não lhe causou estranhamento?

Todor contraiu as sobrancelhas.

– Rá! Uma luta entre homens-lobo? – Deu uma gargalhada, batendo com o punho roliço sobre a mesa. – Por Deus, homem, eu sou húngaro! Minha terra é infestada de lobisomens e vampiros – seu rosto empalideceu, enquanto seu sorriso fenecia, mas logo se animou novamente. – Vi uma tropa de homens-lobo marchando pelas ruas de Budapeste sob o comando de uma vampira! Isso sim é de fazer um homem cagar nas calças!

Dotan gargalhou ao se convencer de que o cigano era um mentiroso compulsivo.

Todor continuou:

– E já os vi o suficiente para entender que, se quiserem, podem ser furtivos e mortais como o próprio Diabo – aproximou-se de Dotan e colocou a mão sobre seu ombro. – Se quisessem beber sangue humano ou comer carne de gente, ah!, não sobraria uma alma viva neste bar para contar a história, não é mesmo?

Dotan viu em seus olhos um misto de fascínio e loucura.

– Não queremos fazer mal a ninguém. Viemos ao Brasil seguindo a pista de um... – Não se sentia à vontade em conversar tão abertamente com um estranho, mas tinha de começar sua investigação por algum lugar, e Todor era a pessoa mais indicada para ajudá-lo. – Os vampiros vendem uma droga com propriedades místicas e afrodisíacas...

O cigano o interrompeu, exasperado.

– Então o néctar existe mesmo?! Deus, então o que o Demóstenes disse é verdade – levantou-se de um salto e correu até o balcão de bebidas, levantando o tampo e trespassando a portinhola que dava acesso às garrafas e barris, agachando-se, à procura de algo. – Só um

instante. Não saia daí!

E para onde eu iria?

– Ah! Aqui – a figura avermelhada de Todor surgiu por trás do balcão segurando um pequeno frasco de vidro negro. – O Demóstenes é um dos meus clientes mais antigos. Me deve um dinheirão, o filho da mãe!, e tentou me pagar com este vidro cheio do que ele chamou de néctar. Afrodisiaco, você disse? Pois foi isso mesmo o que ele falou: disse que era uma droga fortíssima, feita de leite de vampiras – observou o pequeno recipiente, por um instante. – Mas como eu nunca tinha ouvido falar em vampiras dando leite, considerei que fosse uma brincadeira daquele desgraçado, infeliz, e dei-lhe um desconto pelo bom humor. Disse que dava um bom dinheiro, mas nunca ofereci o produto a ninguém. Aliás, agora que mencionei o assunto é que me dei conta de que o Demóstenes já não aparece há mais de seis meses.

Dotan se levantou e andou até o balcão. Vestia uma camisa branca de seda, aberta nos punhos e no colarinho, e no momento em que levou as mãos aos cabelos brancos e lisos, causou em Todor a impressão de que via, diante de si, um príncipe ou um fidalgo. A pele era limpa, pálida e perfeita, apesar de ter sido retalhada pelos cacos de vidro no dia anterior.

– Deixe-me ver – examinou o recipiente e cheirou seu interior. – Não resta dúvida.

Os olhos de Todor se acenderam em curiosidade.

– Uma droga de vampiros? – Levou uma mão ao queixo. – Então, o que ele disse sobre o demônio de São Paulo pode ser verdade.

Dotan despejou seu conteúdo no chão.

– Por Deus, homem, acabei de limpar – protestou Todor.

– Do que está falando?

O taverneiro buscou um esfregão e começou a limpar o assoalho.

– Disse que um rapaz, com traços orientais, o abordou na rua e o ofereceu a droga. Contou que um homem podia passar a noite inteira cavalgando uma, duas ou três mulheres, se tomasse o néctar. O Demóstenes, que é louco por dinheiro, interessou-se mais pelo negócio que pelo efeito do remédio e pediu um caixote inteiro dessa porcaria. O estranho se negou a lhe entregar uma quantidade tão grande e lhe vendeu apenas esta amostra. Dias depois, o maluco voltou à mesma rua e observou, de longe, até que o desconhecido entrou em um velho sobrado. Demóstenes escalou o prédio, pendurando-se numa árvore, vizinha à casa, e viu o desconhecido se transformar em vampiro, enquanto duas fêmeas chupavam seu pescoço. Pensei que falava a verdade, até dizer que, no quarto, apareceu um demônio cinzento com enormes asas de morcego.

– Um alado – murmurou Dotan.

– Um quê? – Estranhou Todor.

A lua fora tomada por uma tênue aura rubra, o que causou em Dotan um mau presságio.

– É bom sairmos agora, se quisermos chegar a São Paulo antes de amanhecer.

Lucius permaneceu calado e prendeu sua bagagem à cela do cavalo negro, que se agitava, tentando se livrar do cavaleiro.

– O que há com ele? – Dotan arqueou as sobrancelhas.

O corcel encarava Lucius, enquanto o repelia, agitando a cauda e girando em seu redor.

– Não gostou de mim.

Dotan o entregou as rédeas do animal que escolhera para si mesmo, um cavalo grande e cinzento, puxou o outro pelas rédeas, acariciando seu pescoço, tentando acalmá-lo. Em segundos, conseguiu montá-lo.

O cinzento arregalou os olhos, como se também temesse Lucius, mas permitiu que o vampiro o montasse.

Vê no cavaleiro um predador, pensou Dotan, desviando os olhos do filho.

Lucius esporou o animal e lhe tracionou as rédeas, obrigando-o a girar em torno de si mesmo.

– Este serve – disse, sem encarar o pai.

Cavalgaram em trote moderado, sob um céu apinhado de estrelas, sentindo o vento úmido e morno lhes acariciando o rosto, num silêncio incômodo e necessário, até que Lucius puxou as rédeas, reduzindo a cavalgada num trote lento, que permitisse aos animais um merecido descanso.

– Logo teremos de parar.

Dotan concordou, meneando a cabeça.

– Acha mesmo possível que o bebedor de sangue de São Paulo seja Hanni-Baal?

– Talvez... – Seus olhos refletiram uma luz negra ao ouvir o nome do alado. Lembrou-se do vampiro monstruoso do sonho que tivera, antes de sair de Londres: um morcego demoníaco, um ser material, em meio à escuridão absoluta de um plano espiritual. Algo tão inusitado que fizera Lucius pensar, por anos, que era o único a conseguir fazê-lo. Agora já não tinha tanta certeza. Encarou o pai e revelou:

– Lembra-se de quando fugimos de Roma e fomos morar em Antióquia?

– Claro que sim – a memória era confusa, como uma alucinação ou uma sequência de fotos sem foco. Assim eram as lembranças com mais de mil anos.

– Em Antióquia havia dias em que não conseguia evitar – encarou Dotan e recebeu de

volta um olhar inexpressivo. – Você nunca vai entender... A sede – calou-se por um instante. – Bebi sangue humano até descobrir que a esposa do governador era uma vampira.

– Tarsila. Era esse o nome, não era?

Lucius afirmou, mexendo a cabeça.

– Seguia uma garota pela rua, à noite, quando a vi ser atacada pela vampira. Fiquei paralisado pela visão, porque pensava que todos os bebedores eram iguais.

– Imagino. Mas ela era um alado.

– Não, não era.

– Como não? Você disse que era, me lembro bem...

Lucius o interrompeu.

– O que me chocou foi ver que ela tinha quatro presas em vez de duas. Paralisei. Por dois segundos, apenas, mas foi o suficiente para que ela cravasse os dentes na vítima.

– Mas não era um alado? Alados têm quatro presas.

– Espere. Explico. Quando ela deixou a pobre moça cair, seca e morta, vi sua pele rosar e senti que o sangue da vítima pulsava nas artérias da vampira. Podia quase sentir seu gosto. Era uma moça linda, doce... – Viu que Dotan o reprimia com o olhar. – Mas já não vivia. Imaginei que talvez fosse possível beber sangue de outros vampiros, contanto que eles tivessem se alimentado há pouco tempo. A próxima memória que tenho é da maldita súcuba esperneando, enquanto eu lhe rasgava as carótidas com as presas, tentando me livrar de seus golpes. Os gritos, os gritos são o que mais... – Calou por um instante. Menos de um minuto depois, arranquei sua cabeça e bebi os jatos dos vasos do seu pescoço, mas, o sabor... já não era o mesmo. O importante é que eu vi muito naquele sangue ruim. Ela fora transformada por um alado, um vampiro-demônio, e em seu sangue ressoava o nome “Hanni-Baal”, a todo o tempo. Depois percebi que o fluido dos convertidos chamava sempre por seu criador. Tarsila, a esposa do governador, era uma cria de Hanni-Baal, com certeza. No sangue eu o vi: asas enormes e quatro dentes de punhal, com ferrões do tamanho de adagas nas pontas das asas.

Dotan contraiu as sobrancelhas.

– Aonde você quer chegar?

– Hanni-Baal foi o primeiro alado. Isso eu posso afirmar. O próprio Diabo o converteu, em vida. Não sei como, mas sei. Uma verdade incômoda, como um murmúrio no sangue de Tarsila. As crias do sexo feminino são súcubas, vampiras que inoculam uma substância que dá prazer à vítima, enquanto bebem. Enquanto ela se alimentava da moça, na rua de Antióquia, pude ver o sorriso de prazer no rosto da vítima.

Dotan pensou:

Por isso Hanni-Baal as usava na Casa dos Prazeres. “Os clientes sempre voltam”, era o que diziam em Sodoma.

– Então, é possível que o vampiro de São Paulo seja mesmo Hanni-Baal.

– Talvez. O que realmente me intriga é que os alados não convivem em ninhos.

– Pensei nisso. Na verdade, os únicos vampiros que convivem em ninhos são os maruis com suas oishis.

– E as crias de Drucila – completou Lucius. – Mas eu sou seu único herdeiro de sangue.

Capítulo oito

Absurdo! Pensou Nadav, enquanto lavava o rosto na água do rio. Em seu redor, uma mata densa de paus-brasis era entremeada por árvores de diversos tamanhos, com folhas de formas variadas. Umas longas e finas, como penas gigantes, outras redondas e espessas. *Nunca vou perdoá-lo! Nunca!* O som da cachoeira se encontrando com a superfície do lago chamou sua atenção para a beleza perolada da lua refletida na espuma.

Olhou para o céu, estudou a posição da lua e presumiu que eram aproximadamente vinte e duas horas. *À meia-noite, disse o cigano. À meia noite, no vértice, os mundos se comunicam.* E enquanto se lembrava de Todor, sentia-se inseguro em acreditar em suas palavras. *Estava mentindo quando afirmou ter visto uma vampira conduzir um exército de lobisomens. Se houvesse uma casta de demônios capaz de algo assim, eu já os conheceria... Se mente sobre isso, talvez tenha mentido também ao me dizer que aqui eu encontraria o portal.* Foi arrebatado por uma sensação de calor que o obrigou a se livrar de suas roupas e pular no rio. Como Dotan, as forças de Nadav cresciam quando a luz do dia o envolvia, mas era a água que o fazia sentir-se completamente recuperado.

Deitado na beirada, fechou os olhos e sentiu a água ondulante massagear seu corpo. Via, em sua mente, centenas de peixes se agitando, e toda a vida do córrego pulsava no mesmo ritmo do seu coração. Seus vasos se intumesceram, e a dor dos músculos desapareceu por completo. Levou a mão ao pescoço e tateou o ponto onde as garras de Dotan haviam criado uma ferida. A tênue cicatriz que restara, e que se fizera sentir dolorida ao longo do dia, enfim desaparecera. *Traidor. Isso o que ele é!* Via o rosto de Dotan diante de si, com seus olhos dourados, com contornos marcados pela maquiagem negra dos egípcios; os cabelos, castanhos com raios prateados, trançados e presos; o elmo de ouro em formato de cabeça de chacal. Via-o empunhando a lâmina de prata, cravando-a no peito de Oren.

Matou um amigo que o amava como irmão...

– Oren tinha medo, por isso preferia a forma de lobo... – Tentava se lembrar do rosto do amigo ou do tom de sua voz, mas a memória de sua existência já não passava de uma imagem indefinida, como uma foto antiga ou uma pintura desbotada. – Por que é mais fácil se lembrar do que se odeia? – Nem mesmo uma existência milenar lhe respondera aquela pergunta. Fitava o céu abarrotado de estrelas, degustando o som da própria voz, como quem ouve a opinião de um amigo. – Se pelo menos Yoel não tivesse fugido, ao ver o irmão morrer... – Sentiu as palavras presas na garganta. – Por maior que seja esse mundo, ninguém é capaz de se esconder para

sempre... Se Yoel estiver vivo, um dia o encontrarei – conferiu, pela última vez, o mapa que Todor lhe fizera, às pressas. Uma porção de rabiscos indicando a localização exata do que ele chamava “Vértice de Copacati”. Percorrera o mesmo caminho indicado no mapa. Viu o córrego, o monte pedregoso com a queda d’água, a vegetação mais rica em espécimes que todo o resto do percurso que o levava até ali. Se aquele não fosse o ponto no qual os planos se ligavam, pelo menos era o lugar definido no mapa. Mas ainda era meia-noite. Lavou as roupas, pesadas de poeira, no rio. Depois as colocou sobre uma grande pedra, deitou-se sobre a grama e manteve os dedos em volta do cabo de madeira do machado. – À meia-noite, disse o cigano – fechou os olhos e, sem que intentasse fazê-lo, dormiu.

Acordou assustado, ao sentir o cabo da arma deslizar entre seus dedos. Sentiu-se nu, mais pelo medo de perder o machado que pela ausência das roupas. A lua, que antes era prateada e luminosa, tornara-se *vermelha* como sangue e tingia a água com um tom vinhoso e mortal.

Olhou em redor e viu as folhas balançando, enquanto ouvia passos tão rápidos quanto o vento. *Um vampiro?*, pensou, enquanto apertava o cabo do machado com as duas mãos e assumia uma postura de combate.

– *Hi, hi, hi, hi, hi!* – A risada era um sibilo feito de puro deboche.

Nadav não disse nada, apenas se concentrou em separar os sons da floresta daquela risada irritante. Não ouvia o pulso de nenhum ser vivente. Não *farejou* ninguém.

– Quem está aí?

– Nunca vi homem tão grande com um membro tão pequeno – a voz, aguda e rouca, sussurrou em seu ouvido.

O licantropo se virou, enquanto deixava o poder fluir através de seus músculos, e mudava, até alcançar a forma híbrida entre homem e lobo. Os pelos negros agora se derramavam sobre seus antebraços; a barba espessa emoldurava o rosto, com seus fios escuros e lisos. Ainda teve o instinto de fitar o próprio sexo e pensar: *não é pequeno. Sei que não.*

Uma nova gargalhada se espalhou pelo ar.

– O homem é um ser ridículo – soou a voz. – Não importa quem são ou *no que* se tornam; se são ricos ou pobres, nobres ou servos, têm todos a mesma ambição infantil: ter o maior brinquedo! – Agora a gargalhada se multiplicava, e Nadav percebeu que havia outros seres escondidos na mata.

– Quem está aí?! – Insistiu, enquanto vestia as calças, usando apenas uma das mãos; a outra apertava o cabo do machado. Apesar de ser uma arma comum, sua lâmina havia sido ungida por inúmeros monges e padres. Murmurou: – *Ecce Crucem Domini...* – “Esta é a Cruz de

Deus”, era o que diziam ao ungir sua arma. Se aquele era mesmo um vértice, como lhe assegurara Todor, até mesmo demônios poderiam entrar ali. Viu os arbustos à sua frente, afastando-se uns dos outros, como se um vento forte se insinuasse entre eles. Agora um redemoinho dançava em seu redor, até que o vento se dissipou, dando forma a um garoto de treze anos. Era magro e negro, com olhos perolados, que tornavam impossível saber para onde ele olhava; trazia na cabeça um gorro vermelho e, na boca, um pequeno cachimbo de madeira. Inquieto, mantinha-se diante de Nadav, dando pequenos saltos, sem que saísse do lugar, e o homem-lobo percebeu que o menino tinha somente uma perna.

– O visitante, aqui, é você. Vem ao *Santuário da Mata* e desrespeita seus guardiões ao ameaçá-los com uma arma?! Dá pra sentir daqui o medo e a hipocrisia dos homens que a tocaram... Quem é você, macaco?

– Não sou macaco. Meu nome...

A voz feminina e doce, que vinha de trás de Nadav, o interrompeu.

– A Mãe d’Água diz que o conhece. Que ele merece tentar – o homem-lobo a viu, com meio corpo imerso na água e o torso nu, moreno e úmido refletindo o vermelho da lua. Seus cabelos eram negros e se derramavam pelas costas, espalhando-se ao tocar a superfície do córrego. Os seios túrgidos e esféricos exibiam os mamilos rígidos de frio. – Venha, meu querido, venha. Há uma passagem para a gruta da Mãe d’Água, mas tem que mergulhar bem fundo no rio – seu rosto era delicado e jovial, quase infantil. Sua voz soava como música, e Nadav percebeu que ouvia um canto místico.

– Pare com isso, Lara. Deixe que ele revele suas intenções – interveio o garoto de uma perna só. Tragou o cachimbo e soltou fumaça pelos cantos da boca. – Entra no *Santuário da Mata*, armado, e você o quer levar à Mãe d’Água, assim, sem saber quem é, ou o que quer? – Virou-se para Nadav. – Diga, macaco, quem é você?

Ao ser repreendida pelo garoto, a índia se irritou. Desmanchou o sorriso, franziu a boca em escárnios e revelou a fileira de dentes afiados. Girou sobre o próprio corpo, agitando a água, e mergulhou, exibindo, pela primeira vez, o corpo abaixo da cintura: uma longa cauda revestida com escamas cor de esmeralda.

É mesmo um vértice!, pensou Nadav. O “*Santuário da Mata*”, como dissera o menino, era um ponto no qual o tecido de realidade – a película que separa o mundo material dos planos astral e etéreo – tinha sido rasgado, permitindo que os planos se comunicassem. Mas o caboclo *Jupi* mencionou um portal. Olhou novamente para a água e viu a sereia com traços monstruosos, encarando-o. Em seu redor, nadava um boto cor-de-rosa, que mergulhava e emergia, emitindo sons agudos, parecidos com risadas, até que desapareceu sob as águas. Segundos depois, um homem

de olhos rosados emergiu e os observou com um sorriso cínico nos lábios.

– Meu nome é Nadav – declarou, sem tirar os olhos do rio. – Venho em busca do Machado de Copacati.

O Saci riu, enquanto o encarava.

– Não gosto desse nome, não... Copacati. Ruim de dizer. Não gosto. Ninguém aqui gosta. Outro, antes de você, veio aqui à procura da Mãe d'Água e a chamou por esse mesmo nome. O Demônio-Morcego, aquele filho da mãe! – Todos os seres se agitaram ao ouvir a menção ao antigo visitante. Os ventos se agitaram e o Saci foi envolvido por um redemoinho, pairando em redor de Nadav. – Foi ele quem cortou minha perna! Você vai trazer minha perna de volta, macaco?! Hein?! – Sua voz agora era grave e carregada de ódio.

Nadav não respondeu. Apenas apertou o cabo do machado.

– Pra quê você quer a Arma Sagrada da Mãe d'Água?

Nadav percebeu que aquele não era um desafio a se vencer por meio da força.

– Não sou macaco. Já disse. Sou um homem a quem foi concedido um poder e uma missão. Um poder que me consumiu e que me levou a fazer coisas das quais não me orgulho. Mas tudo mudou, quando me vi diante de um bebedor de sangue. Entendi que precisava caçá-los e exterminá-los. Que esta era a minha missão. Cheguei a estas terras há mais de trezentos anos, junto com os primeiros portugueses. Vivi por anos, entre os colonos, até sentir que algo me faltava. Ouvi o chamado das águas, dos córregos que penetram esta colônia, e resolvi desbravar a floresta. Conheci diversas tribos. Umas amistosas, outras hostis, até que cheguei às terras do Norte, a uma tribo que... – A voz ficou presa na garganta.

– História comprida. Me arrependi de perguntar! – A gargalhada se espalhou pela noite. – Se você diz que caça demônios, vou deixar você tentar! Quem sabe você não encontra o morcego que cortou minha perna e usa a arma para cortar as pernas daquele filho da mãe?! – Aproximou-se: – Mas saiba que até hoje ninguém conseguiu passar! Vou lhe dar uma dica, porque quero que você arranque a cabeça daquele demônio-morcego! Escute com atenção – tomou uma postura solene, retirando o cachimbo da boca e apertando os olhos de pérola. – A fenda é um portal de acesso à caverna da Mãe d'Água, mas ninguém precisa do portal pra entrar nela. E se insistir em entrar, nunca nela entrará! – Hi, hi, hi, hi, hi!

Ser esquisito!

As risadas, vindas de diversas direções, se somaram à gargalhada do menino, e Nadav percebeu que havia dezenas de seres em seu redor. Uma cobra de fogo rastejava, próxima ao rio. Um anão de cabelos ruivos saiu da mata e andou até a beira do córrego, sentando-se sobre uma pedra. Nadav percebeu que ele tinha os dois pés voltados para trás. Havia uma mula com

chamas em lugar da cabeça, velhos índios e caboclos. Um zumbi abriu a boca para rir e viu a própria mandíbula cair.

– A fenda é um portal de acesso à caverna da Mãe d'Água? – Repetiu Nadav, encarando o garoto.

A entidade balançou a cabeça, sugerindo que sim.

– E onde encontro a fenda?

O redemoinho deslocou-se sobre a superfície do córrego, parando sobre uma pedra imensa, a meio caminho do topo do monte de onde se derramava a pequena queda d'água.

– Por trás da parede de águas está escondida a fenda. Não é permitido levar arma alguma nem carregar fogo. A única luz que ilumina a gruta emana da Mãe d'Água e do seu poder.

Nadav olhou sua arma abandonada no chão, à beira do córrego, e decidiu seguir as orientações do menino. Apesar de não confiar nele, tinha de tentar. Pegou o longo casaco marrom e o vestiu, às pressas, deixando a camisa úmida sobre a pedra. Andou pela margem do córrego, até alcançar a margem mais próxima à queda d'água. Entrou na água e nadou, rente à encosta do monte pedregoso, até encontrar a escadaria talhada na pedra, que se escondia por trás da cascata. Subiu os degraus até a fenda, um umbral esculpido em pedra, ornado com símbolos de origem indígena. Cruzou o umbral, mergulhando na escuridão da gruta. *A fenda é um portal de acesso à caverna da Mãe d'Água*, dissera o garoto. Convenceu-se de que estava a alguns passos do Machado de Copacati. Andou lentamente, com as mãos estendidas para frente, na escuridão, até deixar de ouvir o som da cachoeira.

Silêncio e escuridão.

Estranhou o fato de, por um instante somente, não ouvir o chiado das águas.

Viu uma tênue lâmina de luz surgir diante de si, e, aos poucos, a saída da gruta se tornou visível. Assustou-se ao perceber que o interior da gruta era exatamente igual ao seu exterior. Uma entrada talhada na pedra, escondida por uma queda d'água. – Quê?! – Percebeu que, apesar de ter cruzado a entrada da gruta, tinha saído no mesmo lugar que entrara. Olhou para o céu e viu a lua prateada e imensa. A água já não tinha o tom avermelhado de antes, e o lugar estava deserto. Nadav irritou-se por ter sido enganado. *A gruta está protegida por algum tipo de magia que transporta seus invasores de volta para a entrada*. Olhou para o local onde deixara a camisa e o machado, mas não os encontrou. *O filho da mãe me enganou*. Coçou a cabeça, consternado. *E agora? O que eu faço?*

Capítulo nove

São Paulo

– Esta deve ser a cidade de que o cigano falou – anunciou Dotan ao ver os característicos sobrados de taipa de pilão, com paredes envoltas em barro branco; as casas de pau a pique com falsos sobrados; as ruas com pavimento grosseiro, nas quais se enfileiravam inúmeros carros de boi, à espera do despertar dos tropeiros.

– Seja ou não São Paulo, é aqui que eu fico – esporeou o cavalo, obrigando-o a apressar o ritmo da cavalgada. Viu, desde longe, a cruz, no alto da torre da igreja de São Pedro, despontando por sobre os telhados vermelhos das casas. Sentiu um estranho mal-estar ao fitar a cruz. *Ela já deve estar morta*, pensou. *Quase mil e oitocentos anos, sem se alimentar, enterrada naquela gruta inviolável...* Referia-se a Drucila, o demônio que lhe amaldiçoara com o sangue de vampiro. Mas não era hora de confabular a respeito de sua sina, pois o sol logo traria a destruição para Lucius, se ele não encontrasse um lugar para se esconder. Sem pensar em mais nada, cavalgou em direção ao centro da cidade.

Dotan o seguiu, olhando tudo em redor, estudando, e no momento em que tivera a desesperada ideia de arrombar uma das casas, lembrou-se de que Lucius nunca poderia entrar em um lar sem ser convidado. Sentiu a angústia abandonar seu peito, no momento em que ouviu:

– Dotan, aqui! – O vampiro desmontara, à frente de um prédio, um falso sobrado, que ficava em uma das esquinas do pátio central. Sobre a porta da frente havia um letreiro com as palavras “Botica do Mota” escritas em letras capitais.

A batida nervosa, do punho cerrado, soou, na porta da frente.

– Já vai! Já ouvi! – O grito trouxe esperança.

O sol lançou suas primeiras lâminas de luz, fazendo a pele de Lucius formigar.

– Quem é? – Irrompeu a voz, do outro lado da porta.

– Senhor – Dotan interrompeu o filho, que intentava falar. – Somos viajantes, vindos da Europa, e precisamos de abrigo. Meu filho tem uma rara doença que o obriga a evitar o sol. Se tiver um quarto que nos possa oferecer, ficarei feliz em lhe gratificar com o dobro do valor que seja comum se cobrar por hospedagem, nesta cidade.

A porta se abriu num gesto brusco, revelando o homem assanhado, com a cara amassada, e barba por fazer. Ao ver o pânico estampado no rosto cinzento de Lucius, o homem

contraiu as sobrancelhas.

– Deus do céu – olhou seu acompanhante, de cima a baixo. A calça estava coberta por uma grossa camada de lama, mas ele pôde perceber que seu corte era perfeito e que seu tecido era finíssimo. O terno alinhado fora coberto por uma fina manta de poeira, e o longo casaco, bem cortado, tinha um rasgão próximo à barra. Os broches de ouro, que prendiam os punhos da camisa, sugeriam que, apesar de sujo, o visitante era alguém muito importante. Deixou o olhar se demorar no adorno dourado da bengala de Dotan, e finalmente sorriu. – Ora, vamos, entrem, por favor. Não quero ver um rapazinho doente sofrer!

Havia um quarto nos fundos, onde Lucius se acomodou. Mesmo depois de vedar as janelas, havia excesso de luz no recinto, por isso decidiu pôr abaixo o velho guarda-roupa de madeira, forrando a parte interna com lençóis. Quando se fechou dentro dele, sentiu-se seguro. *Tenho que encontrar outra forma de viajar! Cavalos são lentos, e a noite, no Brasil, é muito breve*, foi tudo o que pensou, antes de adormecer.

Dotan estava sem sono. Pensava no que o cigano lhe contara a respeito da suposta aventura do seu cliente, em São Paulo. *Um alado coabitando com oishis?* Achava improvável que os dois clãs se misturassem. Havia quase cinco mil anos desde que vira o primeiro vampiro, o alado Hanni-Baal, o sodomita, dono da Casa dos Prazeres, e já havia centenas de anos, desde que vira as primeiras oishis, as bebedoras de sangue japonesas que invadiram a França, acompanhadas pelos seus inseparáveis maruis, muito antes da Queda da Bastilha. Sabia que os clãs não se misturavam, e mesmo nos lugares onde havia alados, maruis não se sentiam seguros. Os *farejadores*, vampiros negros e cegos, bestas furiosas que matam uma quantidade de vítimas maior que a necessária para se alimentar, ou os *mentais*, demônios capazes de ler mentes, nunca se aliariam a essas outras raças. Mesmo Lucius, que já bebera o sangue de inúmeros vampiros, sabia muito pouco sobre algumas espécies, mas havia algo sobre o qual não discordavam: vampiros demarcam seu território e não admitem concorrência.

– Senhor Dotan – gritou o dono do estabelecimento, batendo à porta do quarto. – Posso lhe preparar um banho quente, se desejar.

A porta se abriu, mostrando o rosto do Lobo Branco sobejado de incertezas.

Limpo e alimentado, Dotan pediu ao comerciante que lhe cedesse um novo cavalo, pois seu animal precisava descansar da viagem. Viu os cidadãos transitando pelo pátio central da cidade e contemplou os fiéis entrando e saindo da igreja. Um carro de boi carregava uma enorme

pilha de algodão pela praça, numa lentidão irritante, que, por um momento, fez Dotan pensar que o tempo pudesse parar. Outro tropeiro enchia seu transporte com sacas pesadas, derramando minúsculas amostras do açúcar, ao jogá-las sobre as tábuas do carro. Homens guiavam seus cavalos, num trote desapressado. Alguns usavam ternos de tecido grosseiro; outros vestiam poncho e chapelões. Escravos carregavam pequenas liteiras, transportando suas amas. O lobo se viu transportado para outra época, num outro lugar. Cavalgou pelas ruas da cidade, a esmo, e viu os escravos batendo barro e palha, em pilões, dentro de moldes de madeira, erguendo as paredes de um novo sobrado. Não demorou muito para percorrer as dez ruas de São Paulo, sem que encontrasse nada fora do comum, exceto pelo sobrado construído com pedras, edificação que encontrou nos limites da cidade. A única construção que diferia das demais, por seu tamanho e aspecto, mantinha fechadas as portas de ferro. Cortinas pesadas e negras forravam as três pequenas janelas que ficavam nos fundos da casa, e a única janela do segundo andar.

Em sua cavalgada, Dotan percebeu que a cidade era mal iluminada, e decidiu usar essa característica em seu favor. À noite, quando os moradores se trancassem em suas casas, os vampiros sairiam à caça, e Lucius poderia investigá-los, escondido nas sombras, espreitando. Finalmente sentiu as pálpebras pesadas de sono e decidiu voltar à Botica do Mota.

À noite, Dotan contou ao filho sobre o casarão, nos limites da cidade.

– É a única casa da cidade inteiramente construída com pedras – disse o pai.

– E em que isso nos ajuda?

– Você não sabe?

Lucius mordeu o lábio, pensativo.

– Não acha que existe mesmo um ninho híbrido, acha?

– Híbrido, não. Talvez um covil de maruis e oishis.

O eterno garoto meditou por um instante.

– Maruis são vampiros menores e preferem fugir ou se esconder a lutar, mas se houvesse um ninho deles, haveria demônios de outras castas que consumissem sua maldita droga. Apesar de nunca coabitarem, é bem comum que firmem *contratos* entre si.

– Mas o sobrado era o único prédio da cidade a manter as portas fechadas ao longo do dia – acrescentou Dotan. – Se há um clã ali, onde estão os outros ninhos? Encastelados em casas de pau a pique?! – Riu. – Nunca seriam tão burros. Se fossem, já estariam mortos. O povo logo percebe a existência de vampiros, pois há mortes inexplicáveis, mulheres surtando, possuídas por feitiços de sangue, e os padres convencem os homens da cidade a queimarem os demônios em suas casas, durante o dia. Madeira e pau a pique queimam rápido demais.

– Faz todo o sentido – concordou Lucius, enquanto calçava as luvas de pelica negra. Vestia

uma camisa preta de seda, sem babados ou bolsos. A calça era negra também, assim como as botas de couro. – Entro antes, através das sombras, sem que ninguém me veja, e, ao sair, lhe digo a melhor forma de invadir e quantos deles nos esperam lá dentro.

Dotan balançou a cabeça, discordando.

– Ainda é cedo.

– Sempre fizemos dessa forma. Qual a diferença, agora?

O homem-lobo se aproximou do filho, tocando-lhe o ombro.

– Sabemos pouco a respeito dos costumes deste lugar, Lucius. Lembre-se, também, de que há um motivo escuso que justifique a migração de vampiros para cá. Ainda não sabemos qual é. Suspeitamos da existência de um ninho híbrido, e você quer arrombar a casa e lutar? E se houver mesmo um alado? E se esse alado for Hanni-Baal?

Lucius lembrou-se do demônio alado do sonho que lhe apunhalara com a ponta da longa asa de morcego e levou a mão ao ombro, sentindo-o doer. Lembrou-se do sangue de Tarsila, que bebera em Antióquia, e a imagem do alado que oscilou em sua mente, enquanto ouvia o sangue da vampira *gritando* o nome de Hanni-Baal.

– Já matei alados antes...

– E já quase morreu tentando fazê-lo também. Dessa vez, não. É necessário investigar, antes de tudo. A cidade é mal iluminada. A maioria dos postes, muito antiga, funciona a querosene. Fiz uma ronda diurna, e quero que você faça o mesmo, à noite. Procure pelos cantos mais ermos e escuros, pelas ruas desertas e sem movimento. Eu fico no centro e converso com os clientes do bar.

– Só isso?

– Por enquanto, sim.

Lucius pensou, até que estendeu a mão para o pai, fitando a bengala que escondia o sabre em seu interior.

Dotan entendeu e retirou a lâmina de dentro da bengala. Checou o fio, embainhou-a, e entregou a arma ao filho.

Capítulo dez

Tinha cabelos vermelhos e ondulados, com cachos nas pontas, mas, naquela noite, mantinha-os escovados e presos num coque, no alto da cabeça. Um capote de lã, cor de ameixa, cobria parte da cabeça, caía sobre seus ombros e se estendia até a altura das coxas. O rosto pálido, emoldurado pela manta, era agudo e delicado, quase infantil, com um nariz pequeno, arrebitado e boca carnuda. O vestido sob o capote tinha um tom de amarelo pálido e sua barra pendia a meio palmo de distância do chão. Os sapatos vermelhos de verniz eram o único detalhe que destoava do visual recatado da moça. Andava a passos largos, descendo a Rua da Cruz Preta, distanciando-se da Praça da Sé e se dirigindo para os limites da cidade. Segurava a barra do vestido e driblava as irregularidades do calçamento de pedras.

De súbito, parou. O silêncio.

Agora o som característico de madeira rangendo.

Retomou a caminhada, apressada, até que viu o tropeiro guiando seu carro de boi. Ao perceber que ele a notara, mudou o jeito de andar, fingindo delicadeza.

Ele tinha quarenta anos, e seu corpo era magro e forte. Seu rosto era sulcado por excesso de sol. Cobria a calva com um chapéu de palha, e sua camisa suada delineava o contorno dos braços.

– Boa-noite! – Disse ele, retirando o chapéu.

Respondeu com um sorriso, mostrando dentes brancos e perfeitos, retirando a manta que lhe escondia os cabelos e arrumando-a sobre um dos braços. O homem percebeu o decote amplo do vestido. Os seios pálidos e firmes estavam prestes a saltar para fora do vestido, de tão prensados.

– *Monsieur* – ela murmurou. – Já tem lugar para se hospedar?

O homem sorriu, cuspiendo uma massa marrom de fumo mastigado.

– Me hospedo no armazém do Jeremias, moça. É ele quem compra a maior parte dos mantimentos que eu trago de Minas. Carece de se importar não. A moça tá perdida? A essa hora da noite, fora de casa?! Essa cidade é muito grande, tem *pra lá* de vinte mil pessoas, acredita? Gente que não acaba mais, e nem todo mundo é de bem, sabe? – Olhou para o decote cheio de desejo.

– Não tenho medo, *monsieur*. Sou bem-crescida – o sotaque estrangeiro era forte e característico.

– A moça é francesa?

– *Oui* – levou a mão ao colo e simulou um olhar envergonhado. – E companhia para a noite, já tem?

O homem gargalhou.

– Olha, moça, quando um homem quer comprar um sapato, ele vai ao sapateiro. Nunca entendi essa mania que as putas desta cidade têm de se vestir como moças de respeito.

– Debaixo dos vestidos das moças de respeito encontram-se as mesmas coisas que se veem sob os mantos das rameiras, *monsieur*, não muda nada. A diferença é o preço. Donzelas querem casa e comem muito. Fazem filhos e vivem tristes, pedindo presentes e agrados. Querem escravas e amas de leite, e, quando se percebe, já saem mais caras que as *putaines*.

O homem riu com mais vontade, até que foi tomado por uma tosse repentina.

– Cansado, moça. Moído da viagem. Tive problema, no caminho, com uma roda quebrada. Deus sabe o quanto quero me deitar numa cama e esticar os ossos. Confesso que beber uma pinga boa e me deitar com uma moça linda, como você, antes de dormir, ia fazer de mim o homem mais feliz deste mundo. Mas era capaz de eu dormir antes de encostar em você.

A moça elevou as sobrancelhas, como se lembrasse de algo, e meteu uma das mãos no decote, tirando de dentro dele um pequeno frasco de vidro, cheio de um líquido negro e espesso.

– Eu tenho um remédio para seu cansaço, *monsieur*. O serviço vai custar o dobro, se incluir o remédio, mas garanto que vai ter a noite mais *fantastique* de toda a sua vida!

O homem mostrou um semblante desconfiado.

– Que é isso, moça? Sou muito homem, viu? Não preciso desses remédios de levantar *defunto*, não...

– *Non, non, monsieur* – pensou ter ouvido alguém se aproximar e girou a cabeça sobre um dos ombros, depois sobre o outro, procurando, mas logo voltou a encará-lo. – Não é isso que eu quero dizer. Sei que é homem forte, dá para perceber. Escute: asseguro ao *monsieur* que, se for comigo, nunca mais vai se esquecer. Vai sempre procurar por Suzette, quando vier a São Paulo.

Mordeu a própria bochecha, pensativo.

– Trago produtos de Minas. O dinheiro que tinha, gastei com o conserto da carroça. Um marceneiro, mais dois homens pra ajudar na troca. Fiquei com muito pouco.

Agora era ela quem meditava.

– E se... Já sei. Vou com o *monsieur* para seus aposentos, e lá eu lhe mostro as delícias do elixir – levou novamente a mão ao colo. – Bom... Isso e... – Encarou-o, enquanto puxava e soltava o ar, ofegante, o que excitou o viajante.

Ele a surpreendeu, quando disse:

– Ó, moça, quando a esmola é grande, o santo desconfia – levantou o chicote e estalou-o no dorso do animal, que emitiu um mugido. – A moça é muito bonita, mas vou deixar pra outra vez! Passe bem.

Ela pensou: *Não os mate, ele disse... Tropeiros são importantes para nós.*

Deu as costas para o viajante, encolheu os ombros e escondeu o rosto no instante em que as presas delicadas despontaram em sua boca. Juntou as mãos à altura da pelve, escondendo as unhas que se alongavam, afiadas. *Controle-se, Suzette.* Uma linha vermelha se desenhava em sua pálpebra inferior, mas ela colheu a lágrima com o dorso da mão. *Que vida é essa, mom Dieu, que já era tão ingrata? E agora?* Recompôs-se, cobriu-se com o capote cor de ameixa e viu o carro de boi se distanciar.

– Suzette! – Chamou a voz conhecida. – Suzette! Aquil!

A ruiva reconheceu a moça que descia a ladeira da Rua da Cruz Preta e que acenava para ela. Tinha a pele morena, olhos agudos, negros e vivos. O nariz, apesar de ser um pouco largo na base, era pequeno e bonito. Os cabelos, lisos e brilhosos, tombavam sobre o colo moreno. Usava um capote de lã azul-celeste e um vestido branco, que lhe realçava a cor da pele. Ao ver a amiga, Suzette sorriu.

– Fernanda – abraçaram-se, mas ao sentir o toque frio da pele da amiga, Suzette a repeliu. – O quê? Eles também pegaram você?

Fernanda mexeu a cabeça, num movimento afirmativo.

– Há alguns dias, o marui Mitsuo me concedeu a vida eterna. Não acho ruim. Estou bem. Disposta. No entanto, sinto falta da minha família. Mitsuo me proibiu de vê-los e disse que tenho muito a fazer pelo clã. – Calou-se, confusa. – Se eles transformaram você, por que ainda não a vi no sobrado de Farid?

Suzette suspirou.

– Fuyuki é meu marui. Ele diz que tenho mais utilidade na rua e, por isso, continuo morando na mesma pensão.

Os olhos de Fernanda brilharam.

– Ah, sim, porque você tem muitos clientes – deu-lhe um tapinha no rosto, como numa brincadeira, obrigando Suzette a sorrir. – E sabe vender, danada, sabe sim!

– Sinto fome. Quase ataquei o tropeiro. Isso não é correto! Uma oishi tem que beber sangue do seu marui!

Fernanda segurou a mão da amiga.

– Sei o que é isso. Temos funções diferentes, eu e você, mas não ache que, por eu estar no sobrado, tenho mais conforto.

– Claro que tem. Lá, eles lhe dão o sangue dos maruis todos os dias, não dão? Já faz mais de um mês que me transformaram, e eu só recebo a visita de Fuyuki uma vez por semana. Ele diz sempre o mesmo: captar dinheiro e viciar os tropeiros. Pra quê? Eu peço pra ele me levar, mas ele me ignora – já não tinha o mesmo sotaque de antes. Apesar de ser estrangeira, falava um português perfeito. – Diz que não pode, que tem ordens a cumprir, e sempre me deixa com promessas e sorrisos de falsidade, mas eu preciso de Fuyuki! Há um mês não o conhecia e, agora, acho que vou morrer, se ele não voltar! Sinto fome, Fernanda, muita fome!

A morena a abraçou por um instante, depois lhe disse:

– Tem sorte, Suzette. Fuyuki a trata bem, apesar de vê-la muito pouco. – Agora era Fernanda quem estava emocionada, franzindo a boca. – Mitsuo me alimenta apenas por obrigação. No sobrado, há bebedoras de sangue antigas, e elas me humilham a todo tempo. Dizem que sou descartável e que um marui não pode ter mais que três oishis. Me chamam de vaca leiteira e me ameaçam. Farid também as trata de forma diferente, como se fossem mais importantes que eu. Depois que ele tocou em mim, Mitsuo passou a me desprezar. Ele não diz, mas sei que sente o cheiro horrível de Farid em meu corpo – calou-se por um instante, tombando o olhar: – É bonito e charmoso, o Farid, quando assume forma humana, mas ao se transformar... Deus, como é nojento, e as coisas que ele me obrigou a fazer – a lágrima de sangue ladeou seu rosto, e a amiga a recolheu. – Tudo seria suportável se Mitsuo me olhasse nos olhos! Eu preciso dele, Suzette, ah, como eu preciso. Nunca senti nada parecido, por homem nenhum. Tenho certeza de que faz parte dessa maldição, mas, mesmo assim, não quero que mude. Sou capaz de dar minha vida pelo meu marui!

Suzette sorriu, tomando as mãos da amiga.

– Dizem que vamos viver para sempre.

Fernanda suprimiu o choro com o riso, murmurando.

– Jovens e bonitas!

Agora as duas riam e choravam, até que, de repente, Suzete se calou. Tinha um olhar distante e mantinha a boca semiaberta.

– Jovens e bonitas para sempre! – Repetiu Fernanda, com um sorriso de engolir orelhas. Contraiu as sobrancelhas. – Suzette? O que há? – Viu a linha vermelha se desenhando no pescoço da amiga. O sangue descendo pelo pescoço de Suzette causou em Fernanda espanto e confusão, obrigando-a a largar suas mãos. – Suzette?! – Tocou seu ombro, empurrando-a, e surpreendeu-se quando a cabeça da outra se destacou do pescoço, tombando no chão, fazendo um barulho de osso se chocando com as pedras do calçamento. No instante seguinte, viu o corpo branco de Suzette se desmanchar em pó negro e concluiu que ninguém *vive para sempre*. Virou-se, na tentativa de fugir, e viu, diante de si, o rapaz que tinha cabelos brancos, desgrehados, sobre o

rosto de pele cinza-claro. Seus olhos eram noturnos e brilhantes; os traços delicados de criança contrastavam com as presas enormes de punhal. Vestia um terno negro, bem cortado e moldado ao corpo esguio. Empunhava um sabre longo e afiado, com um cabo moldado em ouro, adornado com uma cabeça de lobo. A lâmina estava úmida de sangue, gotejando. Na outra mão segurava a bainha da arma, uma falsa bengala de madeira que servia de estojo para a lâmina. Prendeu a bengala ao cinto, puxou do bolso um lenço branco, que usou para limpar a lâmina, depois a embainhou.

— Não! — Suplicou Fernanda. — Fiz tudo o que me ordenaram! Não, por favor! Vou conseguir mais dinheiro! Eu juro! Vou sim! E o que eu falei de Farid... Era mentira minha, falei porque tinha medo que Suzette tomasse meu lugar no sobrado...

Lucius entreabriu os braços, deixando as garras despontarem, afiadas. Seu rosto não expressava sentimento algum.

A linda vampira se ajoelhou, franzindo a boca num choro desesperado. Olhou para cima, pensando em tudo o que poderia oferecer ao seu algoz para convencê-lo a poupá-la, mas o que conseguiu dizer foi:

— P-por quê...?

Lucius a surpreendeu com o golpe rápido demais para ser visto, até mesmo pelos olhos de uma oishi, e rasgou sua garganta com as garras afiadas. Os olhos de Fernanda enegreceram, mas ela não tinha força nem coragem para reagir. E quando ele a puxou para perto e bebeu seu sangue, ela deixou seu pensamento se perder nas distantes lembranças de infância. Não demorou muito para que se desmanchasse em pó e fosse carregada pelo vento.

Lucius sentiu uma súbita tristeza, um nó lhe apertando o peito, e como se respondesse tardiamente à pergunta de Fernanda, disse para si mesmo:

— Porque sinto tanta fome quanto você...

Capítulo onze

À noite, a Botica do Mota era frequentada por cavalheiros à procura de um trago e de um pouco de diversão. Numa das mesas, três homens jogavam cartas e conversavam sobre mulheres, dinheiro e especulavam a respeito do preço do algodão. Um deles tinha um bigode longo e espesso. Os fios brancos foram tingidos de amarelo, devido à fumaça do grosso cigarro que mantinha na boca, mesmo enquanto falava.

Em outra mesa acomodaram-se dois homens que vestiam roupas esfarrapadas, bebiam cachaça barata e tomavam caldo de feijão. O dono do estabelecimento se desdobrava em servir as mesas e preparar os tira-gostos. Um garoto de doze anos recolhia pratos e copos, fazia contas no caixa e anotava dívidas num caderninho cuja capa exibia a legenda “fiados”.

Dotan viu um homem magro e alto, encostado no balcão. Havia quase meia hora que o estranho degustava a mesma dose de pinga. Cheirava-a, olhava o fundo do copo, por alguns instantes, e voltava a beber a cachaça em pequenos goles, estalando a língua em seguida, exibindo uma expressão de imensa satisfação. No momento em que entrara no bar e se apresentou ao Mota, virou a bolsa de couro sobre a mesa e despejou sua última moeda. Dotan ouviu quando o comerciante dissera ao cliente que não vendia fiado para tropeiros.

– E minha sede, moço, como fica? – Insistira o rapaz, estampando no rosto um sorriso perdido entre o cinismo e a tristeza. – Tenho que matar o tempo até a meia-noite...

Mota resmungou palavras ininteligíveis e buscou uma garrafa, atrás do balcão, despejando-a no copo que acabara de limpar.

– Duas doses de uísque, Mota – pediu Dotan, com um sotaque que chamou a atenção do cliente. – Uma para mim, e outra para meu amigo.

– Tenho amigo português, não, moço – retrucou o tropeiro, virando o copo de pinga, num gesto brusco. – Obrigado, seu Mota. Passe bem!

Dotan o segurou.

– Não sou português, senhor. Peço desculpas pela confusão que meu sotaque pode ter causado, mas sou inglês e aprendi sua língua na Europa.

– Inglês, português, pra mim não faz diferença. Nossa gente é forte, trabalha, e tá cansada de ver fidalgo europeu roubar o que é nosso. Mas tenho fé que logo isso vai acabar!

Dotan sorriu.

– Não sou inglês, nem português. Venho de longe e já morei em inúmeros lugares. Estou

no Brasil a passeio, pois sempre tive curiosidade em conhecer este lugar. Só ofereço ao amigo uma bebida porque vi que está sem dinheiro, mas, se não a quer, tudo bem.

O tropeiro o encarou, sem que desenrugasse a sobrancelha por um instante sequer.

– Se é assim – virou-se para o Mota. – Ouvia não? Duas doses de uísque.

Enquanto o dono do bar enchia os copos, Dotan se apresentou:

– Me chamo *Samir* – achou melhor dar ao outro um nome falso, sem ao menos ter certeza do porquê.

– Francisco Gomes – o rapaz respondeu. – Agradecido.

– Pensei que a cidade fosse mais movimentada.

– O movimento daqui é vaivém de carroça – o tropeiro sorriu. Tinha gostado da bebida.

– Às vezes tem festa no pátio da escola, e dizem que logo vai ter peça de teatro, feito tem no Rio de Janeiro. Conhece?

– O Rio?

– Sim – virou o copo num único movimento.

– Estive lá, há alguns dias – respondeu Dotan, oferecendo-lhe seu copo. – Já bebi muito, pode ficar com minha bebida.

Francisco agradeceu com um movimento de cabeça.

– São essas as minhas opções de diversão? Uma festa de rua e uma peça que ainda não estreou?

– Acho que só – calou-se, por um instante, fitando o fundo do copo, mas seu semblante logo mudou. – Ah! – Olhou em redor, como se temesse que alguém o ouvisse, depois puxou Dotan para perto. O licantropo achou interessante a rapidez com a qual o tropeiro mudou de opinião a seu respeito.

– São Paulo tem uma característica que você não vai encontrar em lugar nenhum! Sou capaz até de apostar que, nem lá, na Europa, você viu algo assim!

– E o que seria isso?

– As mulheres daqui... – De repente, o tropeiro se calou.

– O que há com elas?

Francisco olhava para o outro lado da rua, e Dotan percebeu que, fora do bar, uma mulher os observava. – A prosa tá muito boa, seu Samir, mas agora eu tenho que ir – afastou-se do balcão. – Seu Mota! – Gritou, acenando para o dono do bar. Estendeu a mão para Dotan, apertando-a. – Agradecido pela ajuda. – Deu-lhe as costas e correu até o outro lado da rua.

– De que adianta trabalhar tanto pra gastar com cachaça e com puta? – Disse Mota ao seu hóspede.

Dotan viu o tropeiro abordar a moça pequena e muito branca. Seus olhos eram negros e agudos, com pregas medianas, característicos dos orientais. Seu nariz era pequeno e bonito. Os lábios eram grossos e vermelhos. Vestia um capote negro de lã sobre um vestido púrpura. Ao se aproximar do tropeiro, ela se esticou, tentando aliviar a diferença entre suas alturas, e deixou que o homem a envolvesse em seus braços, entregando-se num beijo demorado. Ele a conduziu até o velho carro de boi, subiu no transporte, estendeu a mão para a moça e a ajudou a subir. Guiou o carro até os limites da cidade e o parou na estrada deserta, sob as estrelas.

Dotan os seguiu, mantendo sempre uma distância segura o suficiente para não ser visto. Era impossível perdê-los, devido ao cheiro forte do tropeiro, suado e ansioso, e do odor característico de uma oishi que, ele sentia, tinha centenas, talvez milhares de anos.

– Acho que aqui está bom. Não está? – Francisco sorria.

Ela mexeu a cabeça, dizendo que sim. Levantou-se e deixou o capote de lã deslizar pelas costas. Seus cabelos eram negros e seguiam alinhados até a altura do quadril. Levou as mãos às costas e soltou o laço do vestido, que deslizou sobre sua pele, mostrando um corpo pequeno e curvilíneo. A cintura fina acentuava as ancas marmóreas e rotundas. Deitou-se sobre as lonas do carro, mantendo as coxas roliças muito abertas, estendendo as mãos para o tropeiro. Ele se desfez das roupas, quase rasgando-as, de tanta avidez.

Dotan os observava, de longe, e mantinha-se escondido entre os galhos de uma árvore. Quando o tropeiro a penetrou, sua emoção foi tão forte que Dotan podia ouvir o coração do homem batendo. A bela moça agora exibia olhos completamente negros e acariciava a pele do pescoço do tropeiro, com suas presas agudas, sem perfurá-la. Estava claro que ela não queria beber seu sangue.

Já a conhece bem, pensou Dotan. Não teme sua forma demoníaca...

– Eu preciso, Sumiko – a voz de Francisco era um suplício.

– Ainda não – ela respondeu, já sabendo do que se tratava.

Ele a apertou mais forte e riu, entendendo que ela o queria torturar com uma brincadeira de amantes, e mordiscou seu queixo, concentrando-se no sexo. Não demorou para que explodisse em prazer, deixando seus gemidos se espalharem pela noite.

A oishi riu, beijando-o na boca.

– Agora, sim...

– Ah, Sumiko! Minha Sumiko, que saudade – tomou um dos seios da moça em suas mãos, apertando-o contra os lábios, sugando-o com tanta força que, por um instante, causou na vampira um desconforto. Ela o empurrou, mas logo o trouxe de volta ao seio. Pelo canto da boca de Francisco escorria o leite negro de oishi, o néctar de Sumiko. Suas mãos tremiam, enquanto lágrimas

escorriam dos seus olhos. De súbito, tombou sobre a vampira. Ela o envolveu com braços e pernas, acalentando-o. Depois de alguns instantes, o tropeiro despertou e possuiu Sumiko mais uma vez sob o efeito afrodisíaco da droga.

Um viciado... Dotan levou as mãos às Cruzes de Galeso, as armas que mantinha presas ao cinto, escondidas sob o longo casaco negro. *Daqui, eu nunca erraria. E o pobre homem nem saberia o que aconteceu a Sumiko... Estranho... Nunca vi uma oishi se vender sem a proteção de um marui e perder a chance de usar um viciado para alimentar seu cafetão.*

Passaram horas ali, e Dotan pensou que não fazia sentido que um homem sem dinheiro consumisse tanto néctar. *Talvez ela o ame. Quem sabe?* Não demorou a perceber quão ridícula era aquela ideia.

Quando Francisco tombou, exausto, alucinando, sob efeito da alta dose de néctar, ela o jogou para o lado. Levantou-se, vestiu suas roupas e escondeu os cabelos sob o capote negro. Estapeou Francisco com o dorso da mão, acordando-o. O homem se levantou e se recompôs. Tentou beijá-la mais uma vez, mas ela o proibiu.

– Chega – retirou de dentro do vestido um rolo de papel, que entregou ao tropeiro.

O homem soltou o lacre da carta e a leu.

– Você entende? – Ela o encarou.

Meneou a cabeça, dizendo que sim.

Ela tomou de volta o papel e o rasgou, em inúmeros pedaços. Beijou-o no rosto e se foi.

Dotan viu a moça se distanciando pela estrada e percebeu que ela escolhera o caminho do velho sobrado de pedras.

O tropeiro voltou para a cidade, guiando seu carro de boi na mesma direção da oishi.

Ora, mas o que diabos está acontecendo aqui...?

Capítulo doze

Tinha acendido velas por todo o terreiro. As estátuas dos orixás oscilavam sob a luz das chamas e projetavam suas sombras nas paredes de pau a pique. Zaíla arrumou as tranças num penteado elaborado, que simulava um turbante incrustado de búzios e de pedras coloridas. O vestido branco e sem alças apertava seu torso e prensava seus seios. O colo moreno brilhava, úmido de suor; os braços se moviam numa dança lenta e silenciosa. Estava ajoelhada, sobre a barra do vestido, e mantinha seus olhos fechados, tremulando, até que uma lágrima percorreu seu rosto. De súbito, ouviu alguém batendo palmas.

– Dona Janaína! – Gritou a voz masculina.

É ele, pensou Zaíla. *Ele voltou!* Levantou-se e limpou o rosto com o dorso de uma das mãos, alisou o vestido, às pressas, e correu ao portão.

– Dona Janaína! – O homem imenso bateu palmas, ansioso.

– Os búzios nunca mentem – ela o brindou com um sorriso.

Nadav emudeceu ao ver Zaíla. Os olhos da moça verdejavam. A luz das velas do terreiro emprestou um tom de dourado à sua pele. O penteado elaborado e cheio de enfeites fez Nadav pensar que via, diante de si, uma rainha ou uma deusa tribal.

– Deixe-me ver se adivinho: não encontrou o portal.

O lobo teve o instinto de levar a mão ao dorso, onde antes guardava sua arma, seu machado ungido por padres e monges. Ao andar, chegava a alucinar, percebendo-o, preso ao cinto. Como alguém que perde uma perna e sente, no meio da noite, que ainda a possui.

– Eu... – Calou-se, levou a mão à nuca e mexeu nos cabelos úmidos de suor. – Preciso falar com sua tia.

Zaíla lhe devolveu um sorriso triste.

– É uma pena, porque ela não está – abriu a portinhola de ferro e tocou a mão de Nadav. Agora, seu sorriso era imenso. – Mas você pode entrar, se quiser. – Na ausência da tia, a dona da casa sou eu.

O homem-lobo viu suor brotar na pele de Zaíla, e quando o cheiro da moça estimulou seu olfato animal, ele soltou sua mão.

– O cigano me enganou. Enviou-me para o Santuário da Mata, um lugar onde... – Calou-se ao perceber que, talvez, Zaíla não acreditasse no que ele ia dizer.

– Onde se escondem sacis, botos, caiporas e sereias – riu.

– Está rindo de mim?

Zaíla negou com a cabeça e novamente pegou sua mão. Os dedos dele eram roliços e longos, a palma era áspera e cheia de calos. Conduziu-o ao longo do terreiro, até que ele parou defronte da porta da casa.

– O que há?

– Não fui bem recebido, da última vez. O que sua avó vai pensar, se me encontrar na sala, quando voltar?

– Ora, deixe de bobagem, venha. Você deve estar com fome. Sempre como ovos fritos em manteiga, pela manhã. Joaquim trouxe mangas, e eu posso fazer suco, se você quiser.

Havia semanas que Nadav não comia sentado à mesa. Obstinado, em sua jornada, à procura do Machado de Copacati, uma das Armas de Yahweh, percorreu tribos e florestas, sem se preocupar com conforto. A carne e o sangue dos animais eram sempre irresistíveis para o lobo, e era deles que tinha se alimentado. Mexeu a cabeça, aceitando o convite.

Enquanto preparava a comida, ela disse:

– Vivemos entre os vivos, mas as *almas* dos mortos caminham ao nosso lado. Há também aqueles que não estão vivos nem mortos. Alguns gostam de chamá-los de espíritos da floresta, outros, de deuses menores, ou até de demônios. Mas seja lá qual for o nome que lhes seja dado, há um fato sobre o qual não resta dúvida: eles existem e já foram vistos por muita gente. Os tolos desacreditam em seus próprios olhos. Outros dizem que estavam bêbados ou admitem ter enlouquecido, mas a verdade é que a maioria dos homens é cega demais para acreditar no óbvio – entregou-lhe o prato com ovos fumegantes e uma fatia de pão. – Você é um lobisomem, não é?

Nadav a encarou, sem saber o que dizer. Pegou o pão e começou a comer.

Zaíla sorriu.

– Por isso minha tia viu a morte nos seus olhos, mas eu joguei os búzios e vi muito além. É o Lobo Negro, e seu passado é ainda mais escuro que sua pelagem. Os espíritos me disseram que sua alma está impregnada de arrependimento. Você tem um dever santo, isso eu também vi. Olodumaré, que criou o céu e a terra, protege você.

– Deus quem me guia e me protege – disse ele de boca cheia. – Não esse tal de Olodum. E sua tia? Demora?

– Demora, sim.

– Preciso saber como ultrapassar o portal.

– Acho que posso ajudar você.

Depois de comer, ela o levou de volta ao terreiro e o obrigou a se sentar no chão,

defronte do pequeno tabuleiro de conchas. Fez uma breve oração e chacoalhou os búzios e os jogou sobre a mesinha.

– Não há nada para você no Portal da Mata.

Nadav franziu o cenho, confuso.

– Mas o demônio de uma perna só me disse: “*A fenda é um portal de acesso à caverna da Mãe d’Água*”. E sugeriu que é lá que a arma está. Disse que outros, antes de mim, a procuraram.

– Então, por que você não a pegou e a trouxe com você?

– O demônio me enganou com um truque. O portal me enviou de volta para a entrada da gruta.

Zaíla sorriu.

– O Saci enganou você direitinho, e é isso o que ele mais gosta de fazer: confundir os viajantes e desviar seus caminhos – levou um polegar à boca e mordiscou a unha longa e branca. Depois recolheu os búzios. – Vejamos o que dizem os orixás. – Jogou os búzios novamente sobre a mesa. Mexeu em um deles, virando-o para cima, e arrumou outros dois, movendo os lábios numa cantiga silenciosa. – Como imaginei, desde o princípio: você foi enganado, assim como todos os outros que encontraram o portal antes de você.

Nadav a encarou com um semblante desconfiado.

– Mas o cigano garantiu que era lá que ficava o portal... Ou vértice, como ele gosta de chamar.

– Ele lhe garantiu que o machado estava lá?

Levou a mão à cintura, mais uma vez, à procura da sua arma, como se degustasse o ódio de perdê-la.

– Se o Machado de Copacati não está lá, volto do mesmo jeito, porque se eu não encontrar a arma santa, pelo menos tenho a chance de recuperar meu antigo machado que o saci roubou!

Zaíla sorriu.

– Se você pedir com delicadeza, pode ser que o saci lhe devolva.

Dessa vez foi Nadav quem sorriu.

– Vê-se que não me conhece.

– Conheço-o muito mais do que imagina, e muito menos do que gostaria – tocou sua mão novamente, por cima da mesa.

Ele recolheu a mão e a levou à nuca, sentindo-se desconfortável. Afastou-se da mesa, e, de repente, se levantou.

– Pelo jeito, você não vai ser capaz de me ajudar – Nadav olhou pela janela e viu, pela

posição do sol, que já se passavam mais de duas horas desde a sua chegada. – Afinal, quando sua tia chega?

– À noite, segundo o que ela me disse. Saiu de madrugada... – Sua voz travou na garganta, e ela perdeu alguns segundos, meditando.

– O que há?

– Comi demais. Só isso – Zaíla apertou os olhos com as pontas dos dedos e suspirou. – Como eu dizia, ela saiu, de madrugada, e levou com ela o Joaquim. Foram a Paraty, visitar um primo da minha tia que trabalha nos estábulos do príncipe. O homem adoeceu de repente, e a tia Janaína se ofereceu para lhe preparar seus chás revigorantes e suas canjas. Disse que ia lhe fazer uma *reza de quebrante*, pois o primo tinha *mau-olhado*, e o Joaquim pediu para ir também, porque queria ver os cavalos. – Levantou-se. – Até ela voltar, você é meu hóspede. Venha. Deve estar cansado e, pelo cheiro, precisa de um banho. Há um quarto, nos fundos, que era usado pelo meu pai, quando ainda era vivo. Você pode aproveitar e descansar um pouco.

Capítulo treze

São Paulo

Às 5h

O sobrado ficava nos limites da cidade, ladeado por uma árvore imensa, cujos galhos ameaçavam invadir a janela do segundo andar. Uma cortina negra omitia o que havia por trás da vidraça e dava um tom misterioso ao lugar. Nos fundos da casa, a porta da cozinha fora arrancada, e vedaram o portal com pedras; as três janelas, pequenas demais para darem passagem ao corpo de um adulto, foram enegrecidas por uma cortina, da mesma forma que a janela do segundo andar. Uma pesada porta de ferro, trabalhada com motivos góticos, vedava a entrada da frente.

– Já deviam ter voltado – Fuyuki era esguio, de estatura mediana e rosto simétrico. Aparentava ter trinta anos. Ou era essa a idade que tinha quando bebera sangue de oishi e se despedira da sua mortalidade. Vestia um terno negro de linho, com calças largas. O cabelo, tão negro quanto suas botas, tombavam defronte dos olhos. Havia um toque de temor em sua voz, o que contrastava com o sorriso cínico que mantinha estampado no rosto. – Em alguns minutos, o sol vai nascer.

Mitsuo levou a mão aos olhos, incomodado com a débil luz que se insinuava, por trás da torre da igreja, e projetava a sombra da cruz de sua torre sobre a cidade. Era pequeno, de corpo firme, com olhos tão apertados que quase não se via íris. A boca carnuda e vermelha lhe emprestava a aparência jovial de um rapaz de dezoito anos.

– O Diabo que as carregue – tirou o casaco vermelho e o acomodou sobre um dos braços, expondo o torso nu. – Não vou ficar aqui, fritando, por causa de um bando de rameiras. Não passam de *embriões*...

Um menino permanecia acorado sobre o galho da árvore e observava os arredores com um semblante misto de desconfiança e medo. Ono tinha a aparência de um garoto de dez anos, mas era o mais velho dos maruis, e conhecera Kenshin, O Imenso, o primeiro de sua linhagem. Seus olhos verteram um negro brilhante e duas pequenas presas despontaram em sua boca.

– Não está certo – saltou do galho da árvore, caindo sobre as duas pernas, como se não sentisse o próprio peso. – Estão mortas, as seis. Posso sentir.

A porta de ferro se abriu, mostrando a figura de um homem mediano e magro. Farid vestia uma túnica branca de seda que dava voltas em seu corpo, cobrindo-o até a altura do

abdome, dando-lhe contorno e liberdade de movimentos. A calça era folgada, de tecido muito leve, e estava ajustada à cintura por um cinto de couro com detalhes em ouro branco. Os cabos das cimitarras – espadas árabes, curvas, de cume único, mais largas em sua extremidade livre – despontavam por trás de seus ombros. Seu rosto era longo; o maxilar, agudo e cerrado por uma barba negra e densa. Os cabelos se encrespavam em cachos negros, espalhados, em redor de sua cabeça. As sobrancelhas grossas e noturnas se juntaram numa expressão de súbita irritação.

– As vadias que se danem! Devem ter se perdido, no caminho de volta, ou pensam que podem fugir. Quem sabe, esses malditos tropeiros não tenham se juntado e encontrado uma forma de raptá-las? De uma forma ou de outra, teremos de esperar, mas descobriremos o que aconteceu quando a noite cair.

Escuridão. Silêncio absoluto. Depois o som abafado de vidro se quebrando.

Farid despertou, pressentindo que havia algo errado, empurrou o pesado tampo da catacumba com um único gesto de sua mão poderosa e se levantou.

– O que está acontecendo?!

O grande quarto sem janelas estaria completamente escuro, não fosse a débil luz que emanava do lustre, preso a uma das paredes do quarto. Vizinho à tumba estava a grande cama, forrada com lençóis de seda, cuja brancura fora maculada pelo vermelho do sangue das vítimas e por manchas negras de néctar.

Doze caixões de madeira estavam perfilados, rente a uma das paredes. Seis deles se abriram, de repente, e revelaram três silhuetas masculinas e três femininas.

BUM – o som característico de explosão foi seguido pelo chiado do fogo se espalhando e, em seguida, os gritos femininos se sobrepunham a tudo.

– O barulho vem do quarto vizinho – comentou Fuyuki, levando as mãos aos cabelos, juntando-os para trás.

Ono, o vampiro de aparência infantil, o empurrou.

– Claro que vem, idiota! Que outra janela há na casa?

Ouviram, de novo, o som de vidro se quebrando, mas, dessa vez, era mais distante e abafado que antes. Uma nova explosão se fez ouvir.

– Há janelas na cozinha, no piso inferior – comentou Sumiko. Os cabelos tombavam sobre os seios pequenos e esféricos.

– Farid – suplicou Reiko, juntando as mãos. Vestia um robe branco de tecido finíssimo que lhe contornava o corpo como uma segunda pele. Tinha a aparência de uma menina de doze anos, e agia da mesma forma, apesar de ter mais de mil anos. – O povo da cidade já sabe, tenho certeza que sim! Querem nos queimar vivos! Já vi acontecer! *Trazem tochas e foices. Nos queimam e querem decepar nossa cabeça*, ela lembrou.

Ono estendeu a mão à menina, tocando-a.

– Ninguém fará mal à minha rainha.

Farid chutou um dos seis caixões que permaneciam fechados, abrindo-o.

Vazio. Lembrara-se de que as seis novas oishis – as seis prostitutas paulistanas – não haviam voltado, na noite anterior.

– Ono, vá ao outro quarto e veja se nossas hóspedes não tentaram fugir – viu o garoto retirar, de dentro do armário, uma catana, uma espada japonesa de fio reto e brilhante, depois

correr, desaparecendo pelo corredor. – Mitsuo, vá à cozinha e veja se há algo errado. Fuyuki, eu quero você montando guarda na sala. Apesar de a porta ser inviolável, não faz mal ser cauteloso. – Os dois vampiros buscaram suas armas e correram ao piso térreo do sobrado.

Farid buscou no armário três espadas curtas e as arremessou para as oishis. Sumiko resgatou uma delas, enquanto a espada ainda pairava no ar, e a girou, sentindo a empunhadura. Em seguida, girou em redor do próprio corpo, desferindo um golpe, testando-a, fazendo o aço assobiar. Segurou a arma com as mãos espalmadas, viradas para cima, como se temesse machucar o aço, e andou até a cama, sentando-se na beirada e acomodando a espada sobre os joelhos.

Que venham.

Reiko mostrava pouca habilidade ao segurar a espada. Buscou em seu caixão uma pálida boneca de louça, depois se sentou na cama, ao lado de Sumiko. Acomodou a espada sobre a cama, ao seu lado, e abraçou a boneca.

Terão pena da garotinha. Sempre têm. Sei que sim!

Michiko sorriu e encarou Reiko.

– Pode ser pequena e delicada, mas todo homem reconhece o olhar da malícia quando encara uma puta. Você não engana ninguém, Reiko. Lute ou morra.

Nem todos são espertos, pensou Reiko. Os bons nunca sabem quando uma mulher está mentindo! Querem sempre acreditar que sou apenas uma garotinha.

– Fogo! – A voz de Ono vinha do quarto vizinho.

Farid deixou as vampiras discutindo e correu, à procura de Ono, mas desistiu ao ouvir o grito de Mitsuo, vindo do térreo:

– Fogo! Fogo na cozinha!

Farid levou as mãos ao cabo das cimitarras, as longas espadas árabes curvas, e apertou com força.

BAM – ouviu-se o som maciço do golpe e, em seguida, o som de metal deformando.

– Farid! – Gritou Mitsuo. – A porta...!

Capítulo catorze

Nadav despertou de um sonho ao sentir um toque suave. O dorso da mão deslizava pelo seu abdome. Uma silhueta feminina se movia na penumbra do quarto. Surpreendeu-se quando a mão invadiu suas calças e o apertou com tanta força que, por um instante, sentiu um prazer incômodo.

– Iramaia...? – A palavra era um sibilo na boca do Lobo Negro.

Ela perdeu alguns instantes, como se não tivesse certeza do que estava prestes a fazer. Estava nua, abraçada a uma pequena bolsa de couro, e deu um passo para trás, livrando-se da bolsa ao colocá-la, com cuidado, sobre o criado-mudo. – Não diga nada – a moça tocou seus lábios com a ponta dos dedos. Cavalgou-o como uma amazona selvagem, sentindo a força da sua montaria entre as pernas.

– Sua tia... – Ele murmurou, ao sentir o cheiro de Zaíla. O corpo dela estava quente, e seu cheiro, que o homem-lobo achava instigante e familiar, invadiu as narinas dele e eriçou seus pelos. *Tem sangue de índia*, pensou Nadav. *Gosto disso!* Os vasos se dilataram e a fome o consumiu. Nadav se ergueu, abraçou Zaíla e a girou. Jogou-a na cama e a submeteu, mantendo a moça de costas para ele. Ao saciar o desejo, ele a repeliu, num gesto cuidadoso, firme e se sentou na beira da cama.

– O que há? – Ela se afastou e resgatou a bolsinha, apertando-a contra o peito.

– Não podia ter feito isso. Tenho que me concentrar na minha missão – viu a expressão angustiada de Zaíla, que o encarava, calada. – Quer dizer, podia, mas não devo perder tempo pensando com... – Levantou-se e se vestiu. Pegou o vestido branco de Zaíla, que restava sobre uma cadeira, e o jogou para que ela o vestisse.

A garota protegeu os olhos da luz alaranjada que invadiu o quarto, no momento em que Nadav escancarou a janela.

Calçou suas botas. Apanhou o casaco longo e empoeirado.

– Sua tia deve chegar a qualquer instante.

– Não gostou de mim? Se fiz algo errado, tudo o que você tem de fazer é me dizer e, da próxima vez, eu faço diferente – havia mais angústia que aborrecimento no tom de voz da morena.

Ele entendeu que tinha sido grosseiro demais com alguém que lhe dispensara tanta atenção e que se dispusera, desde o primeiro momento, a ajudar, sem pedir nada em troca.

Metia-se no vestido, às pressas, e arrumava as finíssimas tranças com os dedos, quando o ouviu dizer:

– Começa sempre desse jeito: como algo divertido e prazeroso.

Ela meteu no rosto um sorriso imenso.

– Então, qual é o problema?

– Disse que viu, em seus búzios, que sou um homem-lobo. Mesmo assim, não perdeu tempo em se jogar em minha cama. Acho estranho que não sinta medo de mim.

Ela se levantou e aproximou-se dele, tocando suas mãos.

– Vi que tem uma missão sagrada, que Olodumaré protege seus caminhos. Tem um coração bom e uma alma de herói – calou-se, por um instante, deixando escapar um sorriso envergonhado. – É bonito, também. Não é estranho uma moça desejar um homem bonito, é?

Ele levou a mão à bainha do cinto, sentindo a falta do machado. *Estou nu sem minha arma. Completamente nu.*

– Não tenho intenção de ser hostil. Agradeço a ajuda que você me ofereceu, mas não posso perder tempo com *amor*.

Zaíla se dobrou numa gargalhada.

– Ora, mulher. Não zombe de mim!

Ainda rindo, ela disse: – Me desculpe, mas é engraçado. Acha que eu amo você? Só porque nós... – Riu. – Por favor. Eu o procurei, porque o acho bonito! E confesso que nunca havia me deitado com um homem tão *grande*. Veja bem: não me refiro à sua altura – olhou-o de lado e piscou um olho.

– Ora... Mas... – Encarou-a, calado. Até que, por um breve instante, sorriu.

Ela sentou-se na cama e exibiu uma expressão mais séria.

– Minha tia é uma poderosa mãe de santo. Comunica-se com espíritos e com orixás, sem necessidade de búzios, rezas ou rituais de terreiro. Para ela, conversar com entidades do outro mundo é tão corriqueiro quanto bater um papo com um vizinho. Ela me diz que há muito poder em mim, também. Desde que eu era criança, ensinou-me artes ocultas e me contou sobre forças da natureza. Eu mesma já ouvi vozes do mundo espiritual. Sei que existem demônios, bebedores de sangue e lobisomens que se alimentam de carne humana.

Uma feiticeira, como a tia, ele pensou.

– Os búzios me disseram o que você é, mas não me contaram a sua história.

Ele a observou por alguns instantes, depois se sentou ao seu lado. Encurvou-se, apoiando os cotovelos nos próprios joelhos, olhou pela janela e, por alguns instantes, fitou um ponto indistinto no céu nublado.

– A verdade?

– Ficaria encantada em conhecê-la.

– Nasci em Sodoma, há cerca de quatro mil e oitocentos anos.

Ela contraiu a face e deixou o queixo cair.

– Parece mentira, eu sei. Hanni-Baal, um demônio alado, bebedor de sangue, havia corrompido a cidade. Ele deu vida eterna às mulheres mais bonitas da região e tornou-as meretrizes da Casa dos Prazeres. Dizia-se que as mulheres de Hanni-Baal *viciavam* seus clientes com sexo, mas hoje eu sei que as crias desse demônio lançam algum tipo de feitiço no sangue de suas vítimas, enquanto se alimentam deles. Um alado é mortal e furioso, mas as fêmeas são parasitas nojentas que envenenam um homem aos poucos. Uma doce peçonha que obriga a vítima perseguir a autodestruição. Logo o sexo deixava de importar, mas eles sempre voltavam com mais dinheiro, pelo simples prazer de dar seu sangue àqueles demônios.

– Ê, meu Pai – murmurou a moça, cruzando os braços. – Continue...

– Um dia, Deus lançou dos céus a sua ira e destruiu a cidade com uma chuva de fogo. Sabe que é difícil se lembrar de coisas que aconteceram há mais de um século? Imagine, então como é guardar lembranças por mais de quatro mil anos... Mas, se eu fechar os olhos e tentar me lembrar *daquele dia*, posso ver com clareza o céu noturno clareando, aos poucos, até se tornar vermelho. Depois a luz alaranjada impregnando tudo, os gritos, a cidade em chamas.

– Como você escapou?

– Ouvi a voz de Deus, em minha mente, quando ele me transformou numa estátua de sal.

A moça contraiu as sobrancelhas.

Ele se indignou.

– Acha absurdo?

– Claro que não. Se você diz que aconteceu... Continue! Estou gostando da história.

– Acordei cerca de mil anos depois, perdido, no meio do deserto. Ao meu lado, vi quatro estátuas de sal. Havia algo de familiar nelas, e logo percebi que meus amigos estavam petrificados dentro delas. Não tive de esperar muito até que os outros se libertassem de suas milagrosas prisões de sal.

Ela o interrompeu.

– Espere um pouco! O que tudo isso tem a ver com o artefato que você está procurando?

Lembrou-se de que o tempo tinha um significado diferente para um mortal. Por isso eram tão ansiosos. Naquele ritmo, passariam dias ali, até que ele contasse toda a sua história.

– Vagamos pelo deserto, chegamos ao Egito e passamos alguns anos sendo reverenciados como deuses, até que fomos obrigados a nos separar, porque Dotan, o traidor,

matou um dos nossos irmãos. O ódio me consumiu por anos, e eu vaguei de uma cidade para outra. Perdi o afeto pelas pessoas e o respeito por tudo. Não sabia mais quem era e não tinha pátria ou raízes. Em alguns momentos cheguei a fazer coisas das quais não me orgulho, em troca de riquezas, mas, em 1218, cheguei a Coimbra, e foi lá que encontrei minha verdadeira missão. Diziam que Regina de Braga, a filha de um rico banqueiro da cidade, estava possuída pelo demônio.

– Você a conhecia?!

– Comprei uma propriedade do pai de Regina. Ele quem me propôs casar com sua filha, a garota que todos repudiavam por estar *condenada*. A eternidade de uma vida materialista nos faz esquecer que existe algo no mundo além das nossas próprias necessidades. Por interesse, ou comodidade, já não me lembro, aceitei me casar com Regina, mas semanas antes da cerimônia, descobri que os boatos sobre a moça eram verdadeiros: ela era uma bebedora de sangue.

– Matou a noiva, não foi?! – Zaíla mantinha os olhos fixos em Nadav.

– Sim, mas foi um acidente.

A moça deu de ombros, confusa.

– Regina tinha apenas dezessete anos, mas, na cama, tinha a experiência que poucas senhoras sonhariam ter. Outra fofoca que se provou ser verdadeira.

Zaíla riu.

– Numa noite em que seu pai viajou, ela fugiu e me fez uma visita. Passamos horas na cama, até que ela me surpreendeu, ao morder meu pescoço.

– Um demônio!

– Uma súcuba, cria de Hanni-Baal. Por meio segundo, tentei me desvencilhar do seu ataque, mas quando suas presas penetraram minha carne, senti um prazer indescritível.

– Mas você sobreviveu.

– Porque, depois que ela bebeu um pouco do meu sangue, saltou para longe, levou as mãos ao próprio pescoço e começou a sufocar. Como se meu sangue a tivesse envenenado. Enquanto ela me estendia a mão, desesperada, com os olhos cheios de lágrimas vermelhas, tudo o que eu consegui fazer foi encará-la, enquanto desfrutava do prazer que sua mordida havia me proporcionado. De alguma forma, vi sentido naquilo e passei a vagar pelas noites de Coimbra, à procura de outros demônios. Logo descobri que Regina já tinha criado alguns vampiros. Naquele mesmo ano chegou à cidade um jovem chamado Antônio, um monge franciscano que hoje conhecemos como Antônio de Pádua. Dizia-se exorcista. Por esse motivo, eu o procurei e ofereci minha ajuda, mas foi ele quem me ajudou. Um dia, antes de realizarmos um exorcismo, ele proferiu as palavras *Ecce Crucem Domini*, e minhas mãos incandesceram numa luz azul.

– O que isso quer dizer?

– “Esta é a cruz de Deus”! Antônio tocou minhas mãos e profetizou minha missão. Foi Deus quem falou por ele, naquele dia, e me fez perceber que eu era um instrumento, uma arma de Yahweh, como o Machado de Copacati. Pelos trezentos anos que se sucederam, cacei esses malditos demônios por toda a Europa. Um dia percebi que já não era tão fácil encontrá-los e decidi viajar para o oriente. Falavam de uma viagem em torno do planeta, e em Portugal os homens diziam que a morte esperava pela tripulação que desafiasse o oceano. Em vez da morte, encontrei uma praia apinhada de homens e mulheres dourados e nus.

– O Brasil.

– Fiquei encantado com aquele povo primitivo. No início, pensei que não haveria mal algum em saborear um pouco aquela liberdade, caçar animais em mata fechada, possuir as índias sob as quedas d’água, comer e dormir, sem pressa ou ambição... “Uma folga merecida”, eu disse para mim mesmo. “Alguns dias, para descansar da viagem. Depois eu me concentro em meu dever”. Mas os meses passaram, e o animal dentro de mim tinha liberdade demais para se deixar enjaular. Após alguns anos, já não sentia o chamado do dever que me trouxe para cá. Vivia dividido entre a floresta e as tribos que me recebiam como amigo. À medida que o colonizador construía suas cidades e invadia o continente, eu procurava as tribos dos locais mais ermos e escondidos. Sabe que todas têm suas histórias de deuses e heróis? Dividem suas crenças entre os deuses mais diversos, mas...

– Mas...? – Zaíla era refém das palavras de Nadav.

– O que me intrigava era o fato de todos os grupos indígenas contarem uma história em comum. Mesmo aquelas tribos que não mantinham relação com nenhuma outra. Falavam de uma tribo, ao longo da costa, que vivia sobre as cordilheiras.

– Cordilheiras em nossa costa?

– Não no Brasil. Eles se referiam às cordilheiras no extremo oeste do continente, onde viviam os incas. Diziam que seu povo era defendido por Ia-Man Pu, um herói que recebeu do Deus Sol um machado sagrado.

– O Machado de Copacati?!

– Diziam que Ia-Man Pu defendeu seu povo contra invasores, contra os povos inimigos que tentavam roubar o fruto do seu trabalho, destruir suas plantações ou raptar suas mulheres. E quando o herói estava velho demais, deu a arma santa ao filho, e este ao seu filho, até que um dos seus descendentes, Matir-Ran Pu, usou a arma em benefício próprio, submetendo o próprio povo à sua vontade. Contam que o Deus Sol puniu Matir-Ran ao enviar Copacati, o dragão, para destruí-lo e tomar-lhe o machado. Contam que o dragão levou a arma para um mundo à margem da nossa

realidade, um universo paralelo, mas lá a arma também foi disputada por seres ambiciosos e sem valor, por isso Copacati guarda o machado num limbo entre os mundos.

– Só há uma coisa que eu não entendi – disse Zaíla para Nadav. – Quem é Iramaia? Foi esse o nome que você disse, enquanto dormia, não foi?

A boca do lobisomem exibia um sorriso, mas seus olhos estavam cheios de tristeza.

– Uma jovem de pele dourada e cabelos negros. Um corpo pequeno e cheio de curvas. Pensei que era igual às outras índias, que conheci antes dela, mas fui arrebatado por uma paixão inesperada. Vivemos juntos, em sua tribo, por mais de sessenta anos, e até o último dia de sua vida, eu a amei... – Levantou-se e andou até a janela, de costas para Zaíla. Ela não tinha certeza, mas, por um instante pensou que Nadav tentava lhe esconder suas lágrimas. – Percebi que ver as pessoas que você ama partirem é a real maldição de um imortal.

Capítulo quinze

São Paulo

Sobrado de Farid

Fuyuki observava a porta de metal à sua frente. A luz indireta, que vinha da cozinha, e os raios que se insinuavam entre as brechas da porta deformada iluminavam a sala.

BAM – um novo golpe criou uma brecha, na parte superior do umbral, e produziu mais um facho, que queimou a testa do vampiro.

– Farid! – Fuyuki recuou e embainhou a espada, depois correu até a porta, segurou-a, usando todo o peso do seu corpo, apoiando as costas no metal retorcido.

As batidas cessaram, dando lugar ao silêncio.

Desistiram, pensou. *O ferro é muito espesso!* BAM – o novo estouro derrubou a porta, jogando o corpo de Fuyuki no chão. A luz invadiu a casa, devorando metade da sala. Fuyuki resgatou a espada caída e se levantou. Viu, sob o umbral da porta, a silhueta de um homem forte, de cabelos longos, que se moviam com o vento. Sem pensar, Fuyuki correu ao seu encontro e pulou, girando a catana no ar, alvejando o intruso com sua lâmina, mas um segundo antes de atingi-lo, sua pele flamejou. Tornou-se pó negro e se desmanchou.

Dotan teve o reflexo de erguer as Cruzes de Galeso à altura do rosto, mas viu a espada do vampiro retinir ao bater no chão. A poeira preta de vampiro calcinado se espalhou por seu rosto e pela sua roupa. Virou a cabeça e cuspiu, depois limpou a boca com a manga do casaco. *Esse era burro como uma porta!* Guardou as armas nas bainhas, debaixo do sobretudo. Abaixou-se, apanhou a garrafa de aguardente de cana e pressionou a rolha contra o bocal. Testou se o lenço que prendera ali permanecia firme. Resgatou a lamparina, cuja chama ardia, e a usou para queimar o lenço. Havia um único móvel na sala. Uma mesa grande e redonda com quatro cadeiras em redor. Viu quando o vampiro pôs a cabeça para fora da cozinha.

– Por que não entra? Covarde! – Ao ver a garrafa com lenço em chamas, Mitsuo logo entendeu que se tratava de uma “bomba caseira”. Presumiu que fora com aquele tipo de artefato que o invasor incendiara parte da cozinha e de um dos quartos do segundo andar.

O homem-lobo arremessou a garrafa sobre a mesa, e depois se protegeu, recostando-se à parede.

BUM – Dotan viu os minúsculos cacos de vidro trespassando a entrada. Agora a mesa e as cadeiras ardiam, e pequenas ilhas de chamas se distribuíam pelas paredes e pelo piso.

– A casa é feita de pedras! Uma hora vai parar de queimar! Mas, à noite, nós vamos sair! Vamos beber seu sangue em taças, num brinde – gritou Mitsuo. Depois riu. Um riso sardônico e cheio de malícia. Seus olhos agora eram negros e em sua boca despontavam as presas pequenas e agudas.

– Detesto esperar – disse Dotan, entrando na casa.

– Matou um dos meus homens – acusou Farid, descendo as escadas em passos lentos –, quebrou duas vidraças, danificou uma porta e queimou uma mesa velha sem serventia. – Mantinha as espadas nas bainhas, às costas. Mostrou as mãos espalmadas ao visitante, simulando uma rendição. – Mas nada disso importa. O que me ofende é ser atacado de forma tão desleal.

Dotan sacou as Cruzes de Galeso e as girou no ar. *Desleal*. A palavra ecoou em sua mente, enquanto se lembrava do corpo de Oren ensanguentado, com o peito lacerado pela adaga de prata. Uma lembrança distante e nebulosa, mas que o assombraria para sempre.

– Devo supor que você seja Farid.

O vampiro sorriu.

– Mais uma vez, sinto-me em posição desfavorável. Sabe meu nome, mas eu não sei o seu.

– Dotan, o Lobo Branco. Filho da Luz, Mão Esquerda de Yahweh – revelou o homem-lobo.

Farid riu.

– Pensei que o Diabo era a Mão Esquerda de Yahweh. Não era isso o que os povos antigos diziam?

– Os povos antigos não conheciam bebedores de sangue. Talvez por isso tivessem uma ideia errada sobre o Diabo.

Farid ignorou o comentário.

– Vá, agora, e deixo as mulheres viverem. Prometo que, à noite, deixo as quatro mortais partirem, enquanto eu e meus servos deixamos a cidade.

Dotan estranhou.

Farid sorria.

– Ah! Não sabia das minhas hóspedes, sabia? Um vampiro tem de beber e, diferente das oishis, um alado tem de beber de humanos. – Calou-se, por um instante, levando a mão ao queixo. – Uma maldição, se quer saber. Não digo que gosto de fazê-lo, mas, você sabia que um alado rejeita sangue de animais? Beberia sangue de coelho para poupar humanos, se pudesse – o sorriso canalha dizia o contrário.

Mitsuo apareceu por trás da porta da cozinha.

– Perdoe-me, Lobo Branco! Não sabia com quem estava falando. Poupe-me e direi tudo o que quiser saber!

Dotan o encarou, surpreso.

– Sei de tudo! De tudo! Me deixe viver! A mim e à minha Michiko, e contamos tudo a

você! Sobre Vila Rica e sobre todo o resto! Só queremos ir embora com vida. Sinto falta do... – A espada que assobiou, rasgando o ar, calou o vampiro tagarela, quando decepou parte da sua cabeça. A porção superior do crânio, que agora se estendia até a altura das orelhas e da boca, deslizou sobre a parte ainda afixada ao pescoço, tombando sobre seu peito, virando pó antes de tocar o chão.

Dotan deu um salto para trás, num reflexo.

A imagem da linda Michiko surgiu no alto da escada.

– Mitsuo?! – Tombou de joelhos, gritando, alucinada. – Estou condenada! Condenada! –

Retorcia-se em grunhidos. – Já estou morta – batia no peito com a mão cerrada.

O fogo se alastrou pela sala, aos poucos, e já consumia a mesa e as cadeiras, derramando-se em redor do ponto de onde surgira a explosão.

Farid subiu as escadas dizendo:

– Levante-se e lute. Se já está morta, não vai ligar se ele decepar sua cabeça também – mentiu, convencendo-a de que fora Dotan quem matara Mitsuo.

O lobo andou entre as chamas, e Farid percebeu que ele não se queimava.

Michiko pôs uma mão sobre o joelho e se levantou. Seus olhos enegreceram em fúria. Mostrou ao invasor suas presas. E tudo aconteceu em segundos. A vampira resgatou do chão a espada, que deixara cair segundos antes, e saltou sobre o corrimão da escada, usando-o para impulsionar seu corpo, num salto mortal. Juntou as duas mãos no cabo da arma, acima da cabeça e apontou o cume para baixo. Caiu sentada sobre os ombros de Dotan, apertando seu pescoço com as pernas. Uma fração de segundos antes de proferir o golpe, sentiu a lâmina da Cruz de Galeso penetrar seu abdome. Suas pernas fraquejaram, fazendo com que Michiko caísse no chão, soltasse a espada. Num último esforço, tentou roubar uma das Cruzes de Galeso. – Ah! – Ela gritou ao tocá-la, sentindo as mãos fumegarem. – Que bruxaria é essa?! – Seus olhos verteram o aspecto humano, e suas presas se retraíram. Ajoelhou-se. – Mate-me logo! Por favor – em seu rosto se derramaram lágrimas vermelhas.

Dotan pisou o cabo da arma que penetrava a barriga de Michiko, obrigando-a a deitar-se de costas.

– O que tenho de saber sobre Vila Rica?

– Aahhh! – Havia um tom de humanidade em seus gemidos, o que causou em Dotan um enorme desconforto. *É um demônio. Isso o que ela é.*

– Ainda há tempo para você se arrepender – sentenciou Dotan. – Talvez assim, sua alma não apodreça no inferno!

– Vá se danar! Soberbo! Não preciso da sua bênção! E não sei nada sobre Vila Rica! –

Tossiu, deixando um monte de sangue negro se derramar pelos cantos da boca. – Tudo o que eu peço é que você me mate!

Por que eles nunca se arrependem? Pensou Dotan, sacando a outra arma, decepando a cabeça de Michiko com um único golpe. Ao pisar sobre um dos últimos degraus da escada, o lobisomem teve de ser rápido para se defender da espada de Sumiko que caiu sobre sua cabeça como uma guilhotina. Bloqueou o golpe com uma das cruzes e alvejou o corpo da oishi com a outra arma, mas ela saltou para trás, no último instante.

– Esta será a sua última caçada, Lobo Branco – disse Sumiko, como se cuspsse as palavras. Surpreendeu-o com uma sucessão de golpes, alternando chutes e estocadas de sua lâmina. Dotan não teve dificuldade para defender-se deles, até que conseguiu cruzar as duas armas à altura do pescoço de Sumiko, desferindo o golpe mortal. A cabeça quicou no assoalho, rolando pela escada, desfazendo-se em pó, à altura do terceiro batente. O corpo tombou inerte no chão e, em segundos, não passava de um monte de poeira.

Não teve tempo para contemplar a imagem da oishi se desfazendo, pois sentiu que Farid o alvejava, pelas costas, e virou-se rapidamente, bloqueando o golpe das cimitarras com suas cruzes. As lâminas se opondo, aos pares, enquanto os dois combatentes mediam forças, emitiam, a todo tempo, sons de metal raspando sobre metal. Aos poucos o vampiro cedeu à força de Dotan.

Como um ágil dançarino, Farid empurrou as Cruzes de Galeso para o lado, ao girar as cimitarras, enquanto girava o corpo para o mesmo lado. Livre, exibiu um sorriso cínico, enquanto recuava. – É mais forte do que imaginei – girava as espadas, mantendo-as à altura do próprio quadril.

Dotan mantinha os traços humanos e controlava a besta, pois dessa forma ele pensava melhor e era capaz de usar as armas santas com máxima habilidade. Não sabia explicar porque, mas as Cruzes de Galeso conduziam o poder divino com mais intensidade, enquanto o lobo se mantivesse controlado. *Este não é um alado comum*, pensou Dotan. *Deve ter centenas de anos, ou já teria me atacado em forma de demônio. É comedido e conhece o poder que tem, mas prefere usar as espadas.*

– É só isso o que tem a me oferecer? – Instigou o vampiro. – Sempre tive curiosidade em ver um verdadeiro licantropo transmutar.

Dotan respondeu ao desferir um golpe com uma das cruzes, empunhando-a como uma espada, estocando o ventre de Farid, mas o corpo magro do vampiro se dobrava e se esquivava. A seda branca das vestes ondulou, quando o demônio girou as cimitarras e desferiu uma série de contragolpes. Dotan defendia seus golpes com relativa facilidade. *Não se transforma porque sabe*

que o demônio não sabe usar as cimitarras da mesma forma que o homem.

– Por favor, Lobo Branco – sussurrou a voz de garotinha, por trás de Dotan. – Não deixe o homem mau beber meu sangue de novo – as últimas palavras travaram em sua garganta. O pranto da menina distraiu o licantropo, por uma fração de segundo, apenas, mas foi o suficiente para que Farid tivesse a oportunidade de penetrar a carne da sua barriga com o cume de uma das espadas.

– Aahhhh... – O herói soltou uma das cruzes e agarrou o punho da cimitarra, chutando o peito de Farid, como reflexo, arremessando-o na parede, fazendo com que poeira escapasse dos vincos entre as pedras. – GRRR! – Rosnou ao arrancar a espada do abdome, sentindo o aço lamber suas carnes e viu o sangue jorrar, por alguns segundos, antes de a ferida se fechar. A mão que jogou a espada no chão estava manchada em vermelho e já ostentava garras nas pontas dos dedos e pelos em seu dorso.

A menina correu para dentro do quarto, soluçando. Aparentava ter pouco mais de dez anos. Pequena e magra, segurava uma boneca esfarrapada, com uma face de louça já trincada.

O rosto de Dotan se contorceu em fúria. Suas presas despontaram na boca, e suas orelhas se alongaram.

– Que se dane... – A voz era puro rosnado, e sua língua formigou ao tentar pronunciar as palavras. Sem pensar, girou em torno do próprio corpo e arremessou uma Cruz de Galeso, que penetrou a parede, muito próximo do rosto de Farid. A arma teria decepado o vampiro, se ele não tivesse se desviado da lâmina. Mas no instante seguinte, o monstro branco estava sobre o vampiro, e suas garras penetravam a seda branca, enfiando pedaços do tecido na pele de Farid, tingindo partes da roupa com sangue negro. A mão imensa agarrou a lâmina da cimitarra e a arrancou do guerreiro árabe. – Grrrr... – Dotan rosnou, encarando Farid, e se surpreendeu no instante em que o homem de traços simétricos se deformou. Seus cachos negros caíram aos tufos, deslizando sobre seu peito que crescia e rasgava a seda. Em segundos, Farid tomou a forma de um demônio enorme e cinzento, cujos ossos do rosto se elevavam sob a pele, prestes a despontarem em chifres. Asas cresceram em suas costas, com ossos pontudos e negros em suas pontas.

O lobo branco socava e arranhava o inimigo, arrancando nacos de carne. O vampiro mordia Dotan e cuspiu seus pedaços, perfurando seu dorso com as pontas das asas, repetidas vezes. Agora o lobo tinha duas vezes o tamanho da sua forma humana, e sangue tingia seus pelos. Farid conseguiu apertar o pescoço de Dotan com as duas mãos e desferiu um golpe mortal, alvejando seu peito com as pontas das asas, mas o lobo agarrou as projeções ósseas das pontas das asas do demônio, quebrou-as e as enfiou nos olhos do alado.

– Ahhhh!

Puxou-o pelo braço.

O vampiro, numa completa escuridão, sentiu quando Dotan arrancou suas asas. Dentes penetraram o pescoço de Farid, tirando nacos de carne. Uma nova mordida. E de novo. Até que os ossos das vértebras do pescoço do demônio eram o único suporte que mantinha sua cabeça sobre os ombros.

Dotan enfiou a mão no ferimento que jorrava sangue negro e rasgou as carnes do vampiro, até fechar suas garras em volta do coração de Farid. – Ggrrrr! – Rosnou, arrancou o coração do vampiro e o ergueu, como um troféu.

Capítulo dezesseis

Respirou fundo, sentiu a dor aliviar, aos poucos, e viu as próprias feridas se fecharem. *Ele mencionou a existência de “vítimas”!* Dotan observava o próprio reflexo, no espelho do corredor, reassumir traços humanos. A pelagem branca retraía, as garras desapareciam e deixavam, em seu lugar, as longas unhas que insistiam em nunca voltar ao tamanho inicial. Agora seus cabelos desciam ao longo das costas numa torrente branca e pesada.

A porta aberta de um dos quartos do segundo andar chamou sua atenção. Sacou as Cruzes de Galeso e entrou no quarto. O lobo observou a cama ensanguentada, a tumba de pedra e os doze caixões de madeira. Sete ataúdes estavam abertos e vazios. Dotan chutou o tampo dos quatro caixões que ainda estavam fechados, abrindo-os e checando-os, um a um.

Vazios...

Sangue tingia os lençóis da cama, e sobre a cômoda havia chicotes e instrumentos de tortura. O licantropo virou o rosto ao sentir o cheiro de carnificina que impregnava aquele lugar e resolveu ir até o outro quarto. A fumaça cinzenta emanava do espaço entre o umbral e a porta entreaberta e, ao empurrá-la, Dotan viu as quatro mulheres mortais se contorcendo de medo, num canto de parede, com as mãos acorrentadas à frente do corpo. Uma delas vestia trapos imundos. Outras três estavam completamente nuas, com olhares perdidos e mãos tremulantes. Havia um menino de joelhos, com as mãos para trás, e Dotan concluiu que talvez se tratasse de uma das vítimas, mas logo ele se lembrou do alado dizendo: – *Prometo que, à noite, deixo “as quatro mortais” partirem, enquanto eu e meus servos deixamos a cidade.*

Em pé, ao lado do garoto, estava a menina que Dotan vira há alguns instantes. O vestido de renda, cheio de babados, estava limpo e tinha sido passado a ferro. A boneca suja, debaixo do braço, era o único detalhe que combinava com o cenário mórbido.

– Foi Deus quem o enviou, senhor! Deus quem o enviou para nos salvar! – Mostrou ao lobo um olhar úmido de esperança.

Toda a fumaça do quarto vinha de trás do guarda-roupa, e o homem-lobo percebeu que o móvel tinha sido colocado à frente da única janela do segundo andar. A explosão que uma das bombas caseiras gerou foi absorvida pelo imenso móvel de madeira, que agora ardia em chamas.

Viu cinco pesados barris de carvalho, empilhados, rente a uma das paredes, lacrados e selados com rótulos que atestavam que seu conteúdo era “fumo”. Girou uma das Cruzes de Galeso e desferiu uma estocada em um dos barris. Ao penetrar a madeira, a arma emanou uma luz fraca

e alaranjada que não durou mais que um segundo. O líquido negro vazou do barril, banhando o chão, em seu redor, com uma poça brilhante.

Néctar.

Embainhou uma das armas, enquanto segurava a outra cruz, encarou a garotinha, que devolveu um sorriso, e a surpreendeu quando agarrou seu pescoço e a ergueu, acima da altura da cabeça. Deixou suas garras crescerem e sentiu a umidade do sangue negro da vampira se derramar pelo seu braço, enquanto a estrangulava.

– Ainda há tempo de você se arrepender – disse o lobo. – Talvez assim, sua alma não apodreça no inferno – surpreendeu-se ao ver o menino saltar e atacá-lo com uma espada longa japonesa. *Por isso escondia as mãos atrás do corpo!* O lobo jogou a menina contra uma das paredes e girou a cruz, defendendo o golpe da catana do pequeno vampiro. Num contragolpe, agarrou o punho de Ono e o torceu, mas o demônio ainda lutava, tentando se livrar, apertando o punho da espada. O homem-lobo se irritou e cravou a lâmina da cruz entre a clavícula direita e o pescoço do marui.

– Aaaahhhhhh! – Ono gritou e proferiu maldições num idioma que Dotan não conhecia.

O cheiro de carne queimada empestava todo o quarto.

– Vamos retomar esta conversa. Espere um momento – abriu a porta do guarda-roupa em chamas e jogou Ono lá dentro. O vampiro, trespassado pela cruz, como carne no espeto, mantinha os olhos arregalados e, sempre que tentava falar, um amontoado de sangue preto saía da sua boca.

Reiko finalmente soltou a boneca e se ajoelhou diante de Dotan.

– Piedade, Lobo Branco! Eu juro que nunca mais vou beber sangue de humanos! Nunca! Nem matar, juro que não!

– Não é a mim que deve pedir perdão – desembainhou a cruz, mas não a brandiu. Deixou-a perfilada ao corpo, descansando.

Uma das mulheres se encheu de coragem e pigarreou, limpando a garganta.

– Mate-a! Por favor, senhor, mate-a! Ela é tão cruel quanto os outros.

Reiko, que fitava seu algoz com olhos de vítima, girou o rosto e a encarou com órbitas imensas e noturnas, enquanto lhe mostrava as pequenas presas. E mesmo ao se transformar em vampira, era doce e bela, à sua forma, mas a mulher que a acusara se encolheu. Dotan percebeu o líquido umedecendo a túnica suja da prisioneira, uma prova de que o medo lhe roubara o controle da micção.

– Chega! – Segurou a menina pelo vestido, trazendo-a para perto, e encostou a lâmina da cruz em seu pescoço. – O que você sabe a respeito de Vila Rica?

Ela lhe mostrou olhos humanos de criança.

– É para lá que vai o néctar! Farid estava recrutando clãs de maruis e oishis, para fabricar e encaixotar o leite negro. É tudo o que sei! Agora, eu o ajudo a libertar as prisioneiras, porque você vai poupar minha vida. Não vai, Lobo Branco?! Você é um nobre herói, e os heróis sempre poupam as crianças. Eu entendi que é errado o que fazíamos! Na verdade, só vim para o Brasil, porque me obrigaram – calou-se. O homem-lobo a pôs no chão, e ela continuou: – Terra prometida, sim, é o que eles dizem! Comentam que o Brasil é o paraíso dos vampiros, mas tudo o que vivi aqui foi exploração e maus-tratos! Nunca, em mais de mil anos, imaginei que seria obrigada a me deitar com um alado – seus olhos verteram lágrimas vermelhas – E Ono... – Olhou para o guarda-roupa em chamas, depois voltou a encarar Dotan: – Não pode soltá-lo?

Respondeu-lhe ao balançar a cabeça em negativa.

– Não imaginava que acabaria assim – ela limpou as lágrimas com o vestido.

– E quem recebe o néctar, em Vila Rica?

– Não sei dizer.

– Como vão usá-lo? Há um clã de vampiros em Minas Gerais?

– Farid não me disse...

– E se há uma comunidade de bebedores de sangue, porque vocês não foram para lá?

Por que vieram para São Paulo?!

– Pare de fazer tantas perguntas! – Ela gritou, levando as mãos ao rosto. Apesar de todo o tempo que vivera, tinha se empenhado tanto em agir como uma criança, que nunca amadureceu. Por um instante, ele teve pena de Reiko. – Farid sabia, mas ele não pode mais dizer nada, pode? Mitsuo e Fuyuki também conheciam os planos, mas nunca nos revelaram nada... O medo que tinham de Farid era maior que a confiança que depositavam em suas oishis – levou as mãos ao rosto e limpou as lágrimas.

Dotan lembrou-se da oishi Sumiko dando instruções ao tropeiro, e concluiu o motivo de o homem não dar dinheiro em troca do néctar e do sexo. *Pagam com trabalho, levando e trazendo o leite de oishis em seus carros de boi.* E disse: – Qual o destino exato das remessas?

– Não há um lugar certo. Na verdade, o destino sempre muda. Farid recebia as ordens por carta. Um novo endereço de entrega a cada quinzena. Tudo o que descobri, ouvindo partes de conversas, foi que a maioria dos pontos de entrega é em Vila Rica. Agora, vá e me deixe aqui. Quando anoitecer, vou embora desta cidade e nunca mais volto. Juro.

Dotan tocou a fronte da menina, que permanecia ajoelhada. *Nenhum deles jamais se arrependeu.* Estava constrangido. – Terá sua liberdade... – Calou-se por alguns segundos. – Conhece alguma oração?

Mexeu a cabeça, dizendo que sim.

Ele a encarou, sem dizer nada, e ela entendeu o que ele queria.

Reiko juntou as mãos, trançando os dedos à frente do peito, e fechou os olhos, mexendo os lábios, sem que emitisse som algum. Abriu os olhos, assustada, procurou a velha boneca, resgatou-a e colocou-a debaixo de um dos braços. Sorriu e retomou a mesma postura de antes, murmurando uma oração.

Dotan a deixou, por alguns instantes, e aproximou-se das prisioneiras de Farid, que se encolheram ainda mais, ao sentir a presença do lobo. *Nunca serão as mesmas, depois de tudo o que sofreram*, pensou Dotan. Golpeou as correntes, rompendo-as e libertando as quatro mulheres.

– Obrigado, senhor! – Disse uma jovem. Virou-se para uma das moças e disse: – Estamos livres, Estela! Ei! Escute: livres! Venha!

Dotan andou até o guarda-roupa em chamas e parou, ao lado do móvel. Fitava Reiko e seu jeito infantil. Pensava: *Uma criança e, mesmo assim, uma vampira. Como Lucius... Não! Lucius é diferente!*

Reiko abriu os olhos.

– Pronto! Agora eu posso ir?! Estou livre também?

– Sim – murmurou Dotan, enquanto derrubava o guarda-roupa em chamas. A cortina negra era a única coisa que impedia que a luz do sol invadissem o quarto, e ele a abriu, deixando o calor envolver o corpo da pequena Reiko.

– Você mentiu! – Indignou-se a vampira, com olhos vermelhos de sangue. – Disse que eu ia ser livre! Disse sim! – A pele formigava e doía.

Um segundo antes de a menina se desmanchar em cinzas, ele explicou:

– Somente a morte pode libertar você da maldição que lhe foi imposta. Que Deus a receba e tenha piedade do seu espírito...

Capítulo dezessete

Todas as manhãs, Nadav acordava decidido a ir embora, mas Zaíla prometia que sua tia estava prestes a retornar e o convencia a ficar. A moça entendeu que o homem-lobo não permitiria que ela o seduzisse de novo, pois, sempre que podia, Nadav se trancava no quarto de hóspedes e dormia, com a porta trancada, ou fazia uma pequena caminhada até a praia e tomava banhos intermináveis de mar. Zaíla também preparava pratos deliciosos, como moquecas e vatapás, com o intuito de agradá-lo, mas, no décimo dia, Nadav perdeu a paciência e decidiu partir. Voltaria ao Santuário da Mata, tentaria desvendar o mistério da gruta, resgatar o Machado de Copacati ou, pelo menos, obter seu antigo machado de volta.

– Sua tia já deveria ter voltado – estava encostado à mureta, defronte da casa da mãe de santo. Fitou a lua, depois examinou a praça com o olhar. – Isso aqui está um deserto. Onde estão todos os vizinhos? Não ouvi barulho algum a semana inteira.

Zaíla sorriu e se aproximou, tocou a mão dele e colocou-a sobre o próprio ombro, aninhando-se debaixo do braço do homem-lobo e abraçando a cintura dele, apertando-o.

– Esta semana ainda não formamos *roda de capoeira*, porque o irmão do Adamastor está com uma doença grave no pulmão. Está à beira da morte, *tadinho*.

Nadav franziu o cenho, mostrando que não sabia do que ela estava falando.

– Adamastor é o nosso mestre de capoeira – ela explicou.

Ele se afastou, livrando-se do abraço de Zaíla.

– Você mentiu para mim, sua tia vai demorar muito para voltar, não vai?

A moça o encarou por alguns instantes, aprisionando-o em seus olhos verdes e esféricos. Sorriu, com um jeito debochado.

– Mentirinha boba.

– Uma mentira é uma mentira. Grande ou pequena. Dá na mesma – ajustou o sobretudo e andou na direção da estrada. – Obrigado pela comida e pelo quarto.

Ela apressou o passo e o acompanhou.

– Espere! Menti porque queria ficar um tempo com você – puxou a manga da roupa dele, obrigando-o a encará-la. – Hein? Isso faz de mim uma mulher ruim? Tia Janaína vai passar mais alguns dias em Paraty. Por que diabos ela se daria ao trabalho de ir e voltar no mesmo dia? Paraty é lindo, conhece? Pois devia conhecer – sorriu. – Espere!

Já caminhavam pela estrada de barro, quando Nadav revelou:

– Desde que cheguei ao Rio de Janeiro, sinto que algo terrível está prestes a acontecer.

Em alguns momentos, tenho a impressão de que estou sendo observado. Em outros, sinto que há bebedores de sangue por perto, mas nunca os encontro, e me pego sonhando com um demônio que sei que já não vive há milhares de anos. Encontrei o portal e tive a chance de obter o Machado de Copacati, mas você prefere gastar meu tempo com futilidades. Não posso me dar ao luxo de perder outra semana, *brincando de casinha* com você. Tenho que descobrir uma forma de decifrar o enigma do portal.

– Me desculpe. Eu fui egoísta e... – Puxou-o pela manga do casaco. – Espere! Não posso ir, assim, sem levar ao menos uma bolsa. Se vamos viajar, tenho que me preparar, deixar a casa trancada, escrever um bilhete para titia...

Nadav parou e puxou a moça pelo braço.

– Quem disse que você vai comigo?!

– Ai, que delícia – ela murmurou. – Assim você me machuca, pare!

Ele encheu o peito de ar, suspirou e deu-se por vencido.

– Você não leva nada a sério?

– É que, ao contrário de você, eu não vou viver para sempre. Prefiro me divertir com a vida, enquanto ainda sou jovem e bonita. Será que a imortalidade consegue destruir o bom humor?

– Volto hoje ao Santuário da Mata e arranco a cabeça daquele demônio perneta, se ele tentar me enganar de novo – soltou-a e deu-lhe as costas, deixando-a para trás.

– Ô! Espere! – Correu e o alcançou. – Você não sabe o que os búzios profetizaram para você!

Ele parou para ouvi-la.

– O Machado de Copacati não está no Santuário da Mata. O portal é uma brincadeira. Leva o viajante sempre para o mesmo lugar, como você já descobriu. É uma charada sem solução.

– Mas você disse que a Arma de Yahweh estava lá...

– Sim, eu disse. Era isso o que eu pensava também, porque ouvi boatos. Mas, ao consultar os búzios, vi que o verdadeiro portal está no Norte.

– No norte da floresta?

– Norte. Isso é tudo o que eu sei. E o Santuário da Mata fica ao sul, não fica?

Nadav fechou os punhos.

– Isso não faz sentido!

– Olhe – aproximou-se. – Me desculpe, por favor. Eu não devia ter dito que minha tia estava prestes a chegar, eu sei. Mas você não precisa dela para encontrar a arma santa. Eu posso ajudá-lo, e de uma forma que ela nunca faria: viajo com você para o norte e o ajudo a chegar ao verdadeiro Portal de Copacati.

Sempre viajei sozinho, ele pensou. Cogitava as vantagens e desvantagens de levar a sobrinha de Janaína em sua jornada. Mentiu por capricho, por desejo. Não por falta de caráter. Encarou Zaíla, tentando ver suas intenções, mas seu olhar voltava aos seios prensados no vestido e à pele dourada e brilhante.

– Vai acabar me distraindo, atrasando a viagem com bobagens de mulher.

– Bobagens de mulher?!

– É. Nojo de lama, medo de chuva, de animais, de insetos, de tudo – dessa vez foi ele quem lhe instigou com um sorriso e, no instante seguinte, verteu um semblante mais sério, com a boca tensa e as sobrancelhas elevadas em arco. *Vai me atrasar, sei que sim.* Imaginava os contornos do corpo de Zaíla sob o vestido.

Ela riu e bateu no peito dele, de leve, numa brincadeira.

– Quanta bobagem! Façamos assim: tranco a casa e deixo um bilhete para minha tia. Assim, ela não se assusta, se voltar antes de mim e não me encontrar. Digo que fui à cidade, visitar uma amiga que está prestes a dar à luz. Depois partimos pela estrada e seguimos para o norte.

– Sem saber para onde ir?

– Os orixás nos guiarão. Levo os búzios para jogá-los ao longo da viagem. Tenha fé! Vai dar certo.

Nadav a observou, incrédulo.

– O que você ganha com isso?

– Quem sabe não *ataco* você, no meio da noite? Pode ser minha recompensa.

Agitou a cabeça.

– Não vai acontecer.

– Ah! Você é chato, hein? Me disponho a acompanhá-lo, porque gostei de você. Sinto prazer em ajudar e gosto de fazer o que é certo. Não é todo dia que conheço um caçador de demônios, sabia? Me deixe ter a honra de ajudá-lo – derrubou-o com olhos suplicantes que, sob a luz da lua, tinham um reflexo de prata. Nadav imaginou-a com garras e presas de loba. Sentiu seu membro teso sob a roupa. Tentou falar, mas tudo o que saiu de sua boca foram gemidos.

Capítulo dezoito

Rio de Janeiro

Velho Lobo do Mar

Os homens conversavam, brindavam e criavam um barulho absurdo, que soou como música aos ouvidos do cigano. Barulho era sinônimo de consumo e lucro no bar.

– Ora, como não há motivos para festejar? Uma revolução pacífica é algo raríssimo de ver – disse Todor a um cliente, enquanto enxugava um copo.

O homem arqueou as sobrancelhas e mexeu a cabeça em negativa.

– Pelo visto você está desinformado.

– Eu, não. Estou sempre alerta – Todor se ofendeu. – “A Bahia declarou seu apoio à causa do príncipe regente”, é o que dizem os jornais.

– Sim, claro, mas o rei não recebeu a notícia tão bem quanto você imagina.

– Então, há guerra?

– Em teoria, não. Mas, na prática...

Todor guardou o copo na prateleira, jogou o pano branco sobre um dos ombros e afastou as taças que restavam sobre o balcão. Enxugou a testa suada com a manga da camisa violeta. Os cabelos estavam úmidos de suor e vertiam um tom rubro e brilhante. Levantou o tampo e trespassou a portinhola, pondo-se ao lado do cliente.

– Explique.

O cliente, que segurava um copinho repleto de aguardente de cana, levou-o à boca e o virou num movimento único. Era baixo, mulato e tinha punhos tão roliços quanto os de Todor. Contraiu os lábios e soltou um gemido, depois mexeu o rosto numa careta.

– Essa cana é boa!

Todor deu de ombros.

– E então?

– O general Ignácio Madeira de Melo é o novo Governador das Armas da província da Bahia.

– Um português. Disso eu já sei.

– Mas o brigadeiro Manuel Guimarães, que seguiu a sugestão do príncipe e não aceitou a imposição da coroa, se encastelou no Forte São Pedro. Mais de quatrocentos militares brasileiros seguiram o brigadeiro e fizeram resistência à ofensiva. Houve tiroteios e ambos os lados tiveram

baixas... A real desgraça foi a guerra que se instalou entre os cidadãos de Salvador. Brasileiros e portugueses, que antes conviviam em relativa harmonia, se engalfinharam pelas ruas e pelos bares da cidade. Houve saques e homicídios.

Todor se aborreceu e murmurou algumas palavras em húngaro. O cliente continuou:

– O navio em que embarquei foi retido no porto de Salvador por duas semanas, até que nos permitissem zarpar. E confesso que inúmeras vezes pensei que não sairíamos com vida.

– Está exagerando.

– Não estou, não. Veja bem – puxou o outro para perto. Queria enfatizar a carga dramática do que dizia e superar o barulho que os outros clientes faziam. Ouviu gritos das dançarinas e o som das violas. Encarou o dono do bar, até que um silêncio inesperado se instalou. – Soldados portugueses invadiram o convento da Lapa, passaram a madre superiora na ponta de uma baioneta e quase mataram um padre a coronhadas, porque o velho se negou a abrir as portas do convento.

– Absurdo! – Surpreendeu-se o cigano.

– Homens bêbados de álcool e de guerra. O convento da Lapa tinha recebido dez noviças, havia alguns dias. As pessoas comentam que as noviças fizeram um pacto de silêncio, depois do ocorrido, e ninguém sabe o que aconteceu, mas você pode imaginar o que os soldados queriam num convento de freiras.

– Filhos de uma égua!

– Esses portugueses são demônios. Eu lhe digo...

Nesse instante, alguém tocou o ombro do cliente que, num reflexo, se calou.

– Na guerra – disse Dotan –, os homens perdem a noção do certo e do errado. Não há bons e maus, apenas aliados e inimigos. Saques, mortes e toda sorte de abusos são comuns às batalhas, desde o início dos tempos. Os portugueses não são melhores nem piores que eu ou você.

– Lorde Dotan – surpreendeu-se Todor, que o puxou e abraçou.

É bem mais forte do que aparenta ser, pensou o lobisomem, obrigando-se a sorrir. Sentia o odor característico do cigano, que tanto lhe desagradava, e percebeu que aquele era o cheiro das feridas em seus dedos.

Lucius iluminou o rosto cinzento com um sorriso, e o dono do bar o abraçou também, depois bagunçou seus cabelos brancos com as mãos, o que deixou Lucius desconcertado. Mas logo o vampiro viu graça no jeito exagerado do cigano.

O cliente cruzou os braços, desconfiado, enquanto perscrutava Dotan com o olhar. Via um homem alto, de corpo esguio e firme de músculos. Seus traços eram afilados. Os cabelos eram longos, brancos e estavam arrumados num espesso rabo de cavalo. Dotan usava um terno azul-

marinho, de corte finíssimo, e uma camisa de seda, cor-de-prata, sob o terno. Usava um sobretudo claro-cinza sobre os ombros, como uma capa, deixando os braços livres, fora das mangas.

O cliente meteu a mão no bolso e pagou pela bebida, ao pôr o dinheiro sobre o balcão. Despediu-se de Todor com um gesto.

O cigano pediu aos dois caçadores de vampiros que se juntassem a ele e se sentassem a uma das mesas para um trago. Queria saber se era verdade a história que o amigo Demóstenes lhe contara, a respeito do ninho de vampiros de São Paulo.

– Se tivéssemos encontrado apenas um ninho de vampiros, já não teríamos problemas – revelou Dotan.

Lucius encarou o pai, surpreso. Tinha ficado óbvio para o filho que o Lobo Branco não simpatizara com o dono do bar, desde o primeiro instante. *Sente no homem um mau cheiro que ninguém mais sente*, pensou o filho. *Conta ao húngaro toda a verdade, porque não conhece ninguém com quem possa contar!*

– Preciso da sua ajuda – disse Dotan a Todor.

Os olhos do taverneiro brilharam de alegria. Encheu o peito e assumiu uma postura orgulhosa, elevando o queixo.

– Na Hungria, fui voluntário do exército – elevou o queixo.

– Então você conhece táticas de batalha – concluiu Lucius, divertindo-se com a presunção do cigano.

Soltou o ar e encolheu os ombros.

– Na verdade, não. Fui dispensado, por causa da minha alergia – Todor mostrou os dedos cheios de anéis. – Disseram que podia ser alguma doença contagiosa e que não faltavam homens saudáveis para servir o país. Me deram o apelido de *Sarnento*.

Dotan sentiu vontade de rir.

– Não é desse tipo de ajuda que vou precisar. Quero que você nos encontre um guia, alguém de confiança que nos leve a Vila Rica.

O dono do bar franziu o cenho, confuso.

Lucius explicou:

– Os vampiros de São Paulo agiam de forma diferente da maioria dos bebedores de sangue que conhecemos. As oishis, que produzem o néctar, são dependentes de seus maruís, os machos que as transformaram. Mas havia inúmeras vampiras na cidade que não tinham a proteção de um maruí.

– Outro detalhe que nos chamou a atenção foi o fato de o ninho do sobrado ser liderado por um vampiro de uma casta diferente dos seus servos. Isso também é estranho.

– Não entendo – disse Todor.

Um dos serventes do bar se aproximou com três canecas de cerveja. Lucius dispensou a bebida com um gesto, e Todor decidiu ficar com duas canecas.

– Maruis não dividem um covil com alados.

– Como é?

– Castas não se misturam – resumiu Lucius. – Os maruis de São Paulo cediam suas fêmeas para o líder do clã, um alado, mas há um demônio mais poderoso e antigo por trás de tudo isso. Encontramos pilhas de caixotes abarrotados de néctar no velho sobrado.

– O que Dotan quer dizer – explicou Lucius – é que o casarão era uma espécie de *fábrica* de leite de oishi.

– E qual o objetivo deles? Dinheiro?

Dotan levou a mão à nuca, por um instante.

– Não acho que seja por isso.

– Viciavam tropeiros e os obrigavam a levar a droga para Vila Rica – revelou Lucius. Percebeu que os homens da mesa ao lado cochichavam e o observavam. Um deles alisou a pele do próprio braço enquanto ria. *Fazem piada com a minha cor*, foi a óbvia conclusão. De súbito, virou-se e encarou o maior deles. E por um instante apenas, deixou os olhos se tornarem completamente negros. Todos os rapazes se levantaram das cadeiras, de um salto, jogaram dinheiro sobre a mesa e se retiraram.

– Se a ideia fosse produzir e distribuir néctar para todo o Brasil, escolheriam destinos diferentes para a droga. Se há um único destino, é porque uma comunidade de vampiros está se formando em Minas Gerais.

Todor contraiu as sobrancelhas.

– Por que produzir a droga tão longe do seu mercado consumidor? Não faz sentido. Se Minas é o mercado deles, é para lá que deveriam levar suas vampiras leiteiras!

– A maioria dos vampiros de São Paulo sabia pouco ou nada sobre o destino da droga – disse Dotan. – E os que sabiam, morreram antes de nos revelar. É certo que há alguém poderoso e organizado por trás disso. Aproximou-se de Todor e o encarou. – É por isso que precisamos viajar para Vila Rica. Precisamos que você nos indique um guia de confiança e que providencie uma carroça com cobertura, pois Lucius precisa de proteção, durante o dia – sentiu um súbito calor. Mexeu o pescoço e folgou a gola da camisa, encarando o filho. – Deus, como os dias são curtos e quentes por aqui! – Mas não era calor o que sentia. Era uma espécie de desconforto. *É esse maldito cheiro que me incomoda*. – Uma carroça com cobertura, um bom mapa e um guia que conheça bem as hospedarias daqui até Minas. O homem e os cavalos vão precisar de descanso, de vez em

quando – a música parou, e o som indistinto dos clientes foi se resumindo a um silêncio abissal. Arrastaram cadeiras. Clientes se levantavam de suas mesas e deixaram o Velho Lobo do Mar.

Lucius apertou o punho de Dotan e apontou para o homem imenso que se sentava a uma das primeiras mesas. Uma mulher morena e bonita, que enchia o vestido branco com carnes e curvas, se sentou ao seu lado.

– Nadav?!

Capítulo dezenove

Terá tanta pele solta, que será preciso enfiar as mãos no calção e arrumar o saco, antes de se sentar, para não esmagá-lo! A voz de Jean Baptiste ecoava em sua mente e assumia um tom ainda mais sórdido que a realidade. *Terei a pele flácida, manchada, e serei capaz de ouvir tudo o que pensam sobre minha aparência. Sentirão nojo e pena de mim.* Encarava o próprio reflexo no espelho pequeno e redondo que sempre levava no bolso da calça. Os olhos claros estavam encovados sob pálpebras cheias de rugas. O pó branco e a maquiagem disfarçavam os sinais da idade, mas davam ao sapateiro um ar ridículo de ator de pantomimas. Era comum ouvir os amigos cochicharem ou caçoarem do medo que tinha de envelhecer.

O som estridente de risada chamou sua atenção, e Smith deixou de contemplar a própria imagem, para ver os homens vestidos de preto, do outro lado do salão. Olhou em redor e viu as colunas que ornamentavam o Grande Oriente do Brasil: sustentáculos encimados pelos símbolos zodiacais. Entre as filas de cadeiras, arrumadas em dois grupos, nas alas norte e sul da grande sala, viu o mosaico formado por peças pretas e brancas, como um tabuleiro de xadrez. As duas alas estavam apinhadas de maçons, a maioria deles, comerciantes, políticos e advogados. Vestiam ternos negros, com camisa branca de gola alta.

Smith escutou o orador anunciar o início da sessão e voltou sua atenção para o altar, onde ficavam os irmãos mais graduados. Cada um deles tinha sua função definida, dentro e fora das sessões.

– Um grande satélite não orbita em redor de um planeta pequeno! – O homem no altar era austero, e todos se calaram para ouvi-lo. O rosto longo, sério, e a postura solene emprestavam ao jornalista Gonçalves Ledo uma certeza incontestável de tudo o que falava. – Se a lua fosse maior que a Terra, nosso planeta daria voltas em torno dela, não o contrário! Então, por quê? Pergunto aos nobres cavalheiros, por que motivo deveria o Brasil, em sua imensidão e riqueza, prestar contas a Portugal? Afirmo, sem que pese em minha consciência um minuto de dúvida, que não há, em nosso país, um único brasileiro que deseje permanecer agrilhado à metrópole europeia. É tempo de nos insurgirmos contra esse domínio que nos atrasa e estrangula.

Todos se agitaram. Uns, mais exaltados, ensaiaram um aplauso, mas logo perceberam que a reação era precoce e exagerada. As vozes se misturaram pelo grande salão num eco de opiniões dissonantes. Havia medo e incerteza em muitas delas.

– O príncipe ouviu nosso clamor – continuou o orador. – Firmou uma corajosa posição, em

favor da identidade nacional, ao negar o chamado do rei de Portugal. Um passo incontestável em favor da nossa libertação. No entanto, há muito a se discutir! Sigamos o exemplo dos irmãos americanos, que há trinta e cinco anos declararam, de pleno direito, o poder do povo e legitimaram sua independência com uma constituição.

Terá tanta pele solta, que será preciso enfiar as mãos no calção e arrumar o saco, antes de se sentar, para não esmagá-lo! Smith deixou de ouvir a palestra para se concentrar nos pensamentos que o atormentavam. Podia ouvir a voz de Jean Baptiste em seu ouvido, o hálito frio e morto em seu pescoço. Olhou para os símbolos na parede, por trás do altar. Via o sol, a lua, e o desenho do compasso e esquadro sobrepostos e centrados pela letra G maiúscula. God, pensou o sapateiro. *Deus é o Grande Arquiteto do Universo... Não esse tal Grande Mestre.* Olhou o desenho estampado na carta misteriosa: o olho negro e a estrela tracejada com tinta rubra. Aquele era o símbolo de uma loja maçônica secreta, e Jean Baptiste era um demônio bebedor de sangue. O *Vampiro da Quinta da Boa Vista*. Lera sobre vampiros em um livro de encantos e magia negra que comprara de um velho feiticeiro. As lembranças de um tempo distante passaram diante dos seus olhos, e ele se transportou para longe dali.

A primeira coisa que lembrou foi o nojo que o arrebatou quando a lama se insinuou entre os dedos dos seus pés. Fora obrigado a retirar os sapatos, quando entrou no terreiro, em sinal de respeito. A casa era um cubículo, mas o quintal era imenso. Logo percebeu que a decoração destoava dos terreiros de macumba que conhecera. Este santuário não dispunha de santos e orixás, e ele não vira objetos usados em trabalhos de umbanda, como charutos, garrafas de aguardente e pratos de oferenda. Havia apenas um grande espaço rodeado por longas hastes de bambu, que serviam como muro e rodeavam o terreno. O chão enlameado tinha pequenas poças de água da chuva que há pouco caíra. Seis archotes de ferro vermelho chamejavam, suspensos por pedestais de bronze, cuja aparência sugeria uma origem centenária e estrangeira, oriundos de uma cultura desconhecida para Smith. Entre os pedestais se estendiam cordas de cânhamo tingidas de vermelho, que se cruzavam e mantinham suspensos inúmeros guizos e crânios de bode.

– Océ tem alma ruim, galego – o velho emitiu uma risada gravíssima, meio interrompida pela tosse crepitante. Era muito alto, de pele negra. Seus olhos eram cinzentos, reticulados de veias, e a parte que deveria ser branca fora tomada por um tom alaranjado e doentio. Vestia uma roupa leve, branca e tinha os braços magros e descarnados. Um manto negro de tecido crespado e desbotado cobria seus ombros. Os dedos estavam cheios de anéis. Longos colares de contas coloridas davam voltas em redor do seu pescoço e se derramavam por seu peito. Estava sentado numa espécie de trono, feito com treliças de palha e hastes de madeira, elevadas do chão por um tosco e velho estrado feito com pedras e velhos tijolos. Os dentes eram uma ruína amarela e

pútrida. – Ninguém é jovem pra sempre – o feiticeiro se levantou, desceu do estrado pela pequena escadaria e andou até muito perto de um Smith jovem e bonito. Agora, o rapaz, filho de sapateiro e cheio de ambições e vaidades, encarava o velho, de baixo para cima.

– Não foi isso o que me disseram – os cabelos de Smith, loiros e ondulados, serpenteavam, defronte do rosto, sob o efeito da brisa noturna. Ouvia o vento retinir nos guizos e sentiu o odor do hálito ruim, quando o velho o farejou. – Já procurei inúmeros bruxos e feiticeiros, que disseram conhecer tônicos e encantos, mas a maioria deles era velha e fraca demais para que me convencesse.

O velho gargalhou.

– Você é tolo, Zé.

– Smith.

– Seja qual for seu nome, galego, a verdade é uma só: os homens não vivem para sempre, porque, por mais tempo que se viva, cedo ou tarde deixam de enxergar a beleza. Qual a serventia de ser jovem por fora e velho por dentro?

– Deve existir uma maneira! – Seus ombros eram largos. Sua barriga, firme. O reflexo alaranjado das tochas dançava em seus olhos.

O velho tocou seu rosto e exibiu um sorriso malicioso e repulsivo.

– Um dia, você descobre coisa pior que a velhice. Vá embora, gringo. Vá, agora, enquanto ainda tem alma.

– A alma não existe.

– Você tem certeza? – Virou-se, andou até o trono de palha e se sentou, apoiando as mãos nos joelhos. Recostou-se na cadeira e fez um gesto nervoso com a mão, dispensando-o. – Vá!

Smith sorriu.

– Se existisse um feitiço, você o teria usado! É uma farsa, velho, como todos os embusteiros com quem conversei – abriu os braços, como se pedisse para que o feiticeiro olhasse em redor. – É pobre, feio e vive em meio à imundície de um terreiro de umbanda, preso nos fundos de uma casa tão pequena que mal lhe permite andar de ombros erguidos!

O velho levou a mão aos cabelos crespos, úmidos em suor, e os arrumou para trás. Seus olhos enegreceram, quando as pupilas dilataram, mas logo verteram a cor original. A boca murcha e seca se retesou por um instante, enquanto observava o visitante sair do terreiro.

– Espere! – Gritou o velho.

Smith parou.

– Tenho o livro – revelou o feiticeiro. – Só não tive coragem de usá-lo. – Agitou a mão, pedindo que se aproximasse. – Pra tudo na vida, gringo, há um preço a pagar. O livro foi escrito

pelo próprio Tinhoso, o Belzebu, e quem se ajoelha no altar da besta não pode mudar de ideia. Os feiticeiros conhecem magia, mas nem sempre acham que vale a pena usá-la. Mesmo no Inferno, há tratamentos diferentes, para almas distintas. Os que usam os encantamentos têm o pior lugar, e a eles é reservado o maior sofrimento. Mas como ocê não acredita que tem uma alma, não tem nada a perder.

Os olhos verdes se arregalaram.

– Sim, por favor!

O velho se levantou e, dessa vez, já não se movia como um homem cansado e dolorido. Desceu as escadas num passo apressado e se acorou ao lado do estrado que sustentava seu trono. Puxou uma pedra solta que vedava um compartimento escondido e, de dentro dele, retirou uma pequena caixa de madeira.

Um sorriso se abriu no rosto de Smith.

– O que eu preciso...?

O velho estendeu a mão para o visitante, pedindo que se calasse.

– Espere. Já revelo o preço – fez um gesto nervoso com a mão direita, pedindo ao outro que se aproximasse, e mostrou o conteúdo da caixinha para o visitante. Smith não conteve o riso ao ver a luz arroxeadada, que emanou de dentro da caixa, tingir a roupa do velho. Seus dentes amarelos e seus olhos cinzentos assumiram um suave tom de azul. Resgatou, de dentro da caixa, um pequeno livro negro, e no momento em que a luz se dissipou, o homem folheou o livrinho e murmurou algumas palavras num dialeto que Smith não conhecia. A boca murcha se calou, e as íris cinzentas do feiticeiro se tornaram negras. A roupa sob o manto escuro aderiu-se a um corpo delineado por músculos. A voz, que antes era rouca e fraca, tornou-se vigorosa, grave e agradável.

Smith sentiu as pernas fraquejarem quando percebeu que o homem que tinha diante de si não era um velho, mas um homem jovem e forte, cuja pele negra brilhava sob a luz dos archotes.

– Deus... – A voz do visitante era um suspiro.

–... Não tem nada a ver com isso – completou o jovem feiticeiro, sorrindo. – A natureza é que dá força à magia – aproximou-se de Smith. Agora, os olhos negros e tremulantes estavam fixos na boca do visitante.

– Trouxe minhas economias e posso... – Calou-se ao sentir a mão em seu peito.

– Guarde seu dinheiro, galego. Não preciso dele.

– Não?

Balançou a cabeça em negativa, e, por alguns segundos, o silêncio torturou Smith. Ouviu o suave tinir dos guizos presos às cordas e, ao olhar para um dos crânios de bode, teve a impressão

de que via nele um sorriso.

– Sua boca – murmurou o negro forte e bonito.

– Hein?!

Tocou a mão do visitante e acariciou seu rosto.

– Seus lábios são vermelhos e carnudos.

– E daí? – Smith o repeliu.

– O preço – lembrou-lhe o feiticeiro. – Há anos que não sinto o toque de lábios como os seus.

Smith parou, por um instante, e contraiu o rosto numa expressão de nojo e indignação.

– Não quer ser jovem para sempre? – O feiticeiro o instigou, enquanto se livrava do manto escuro. Seus braços musculosos e suados refletiram as luzes ondulantes das chamas.

– Claro que sim, mas não vou fazer o que quer. Não sou pederasta!

– Então, pode ir embora.

O silêncio atordoou o visitante. A dúvida de Smith excitou o feiticeiro.

– Apenas um beijo – regrou Smith, e, no instante seguinte, levou a mão à cabeça, como se não acreditasse no que acabara de dizer.

O homem sorriu e andou até o trono de palha. Puxou a corda que lhe prendia os calções, exibiu o corpo nu e chamou por Smith com gestos lentos e sensuais.

O visitante percebeu que o feiticeiro não se referia a um beijo nos lábios...

Como num bloqueio traumático, não se lembrava com clareza dos acontecimentos que se sucederam. Lembrava-se de que, ao deixar o terreiro, levava o livro de feitiços e sentia um imenso nojo de si mesmo. Que ao sair, olhara para trás e vira o mesmo velho fétido e enrugado de antes.

Despertou do sonho, ao sentir o vômito subir pelo esôfago, e levou a mão à boca, tentando contê-lo. *Os feitiços não funcionam!* Pensou Smith, indignado. *O maldito feiticeiro me enganou. Tudo não passava de uma ilusão: continuava sendo velho, mas ele me convenceu de que tinha rejuvenescido. Queria apenas me...* Sentiu o gosto de vômito em sua boca.

– Smith – murmurou o homem ao seu lado. – Você está bem?

– É de uma república que precisamos – gritou Gonçalves Ledo, ainda discursando no pequeno altar. – Um estado governado pelo povo!

– John – repetiu o maçom sentado ao seu lado. – Está bem, amigo? Está pálido!

Voltaram a ouvir a palestra. Outro maçom, que se sentava atrás de Smith, tocou seu ombro e sussurrou:

– Psiu... Olha lá, Smith! Tá vendo?

– Quê?!

– Olha lá, ao lado do mestre Gonçalves Ledo.

Smith olhou o palestrante em sua exaltada defesa de um novo regime, viu as cadeiras dos conselheiros, em seu redor, viu a bandeira e os símbolos maçons, mas não percebeu nada incomum.

– Do que você está falando? – Smith se virou para trás. – Não é hora para brincadeira, Carlos. Deixe isso pra depois.

– Ué? Não está vendo o bode preto andar pelo altar?

Smith se virou para frente, esticou-se e tentou ver o altar em toda a sua extensão, mas se aborreceu por não ver o animal que o colega mencionou.

Brincadeira idiota!

Capítulo vinte

Ao ver o Lobo Negro sentado à mesa do bar, Lucius sugeriu a Dotan que ambos se retirassem para seus aposentos. O vampiro se lembrava da ameaça que vira nos olhos de Nadav, no dia em que o conheceu. *Vê em mim um demônio como outro qualquer...*

O Lobo Branco ignorou o conselho de Lucius e foi até a mesa de Nadav.

– Não é com você que eu quero falar – disse Nadav, antes mesmo que Dotan abrisse a boca. – Preciso da ajuda do cigano – permaneceu sentado, tranquilo. Seguiu o conselho de Zaíla que, durante a caminhada até o bar, lhe dissera: “Você é indiscreto demais para quem tem milhares de anos. Não vai destruir o bar do cigano de novo, hein? Ele é boa gente! Dessa vez, entramos e nos sentamos a uma mesa. Tomamos umas canecas de cerveja e conversamos com ele de forma civilizada”.

– Por favor, senhores – Todor seguia Dotan, mantendo uma postura submissa, com ombros encolhidos. Empalideceu, enquanto esfregava as mãos. – Da última vez, me deram um bom prejuízo...

– Quem é este homem tão simpático? – Irrompeu Zaíla, medindo Dotan de cima a baixo. A descrição que Nadav fizera do Lobo Branco era tão distorcida pelo ódio que sentia, que a aprendiz de mãe de santo não imaginou que o assassino de Oren fosse tão bonito.

Dotan percebeu que a moça emitia um calor enorme, incomum. Seu cheiro era um misto de sexo, inquietude e incenso. Sentiu seu membro se retesar, sob o tecido da calça e se cobriu com o sobretudo, escondendo o desejo.

– Esta é Zaíla – Nadav encarou Dotan, depois olhou para a moça. – E este é o canalha que traiu um irmão.

– Sei que me odeia, mas vai ter que me perdoar, se quiser juntar-se a mim em...

Nadav se levantou, contraiu os músculos dos braços e fechou os punhos.

– Prefiro morrer empalado pelo próprio Diabo a me juntar a um traidor como você!

– Senhores – a voz de Todor era um gemido. – Já passamos por isso antes, não passamos? Hein? – Olhou em redor e viu as mesas e cadeiras novas, compradas havia poucos dias. – Não tenho uísque, porque os senhores destruíram meu último barril, mas a cerveja...

– Não vim aqui pela cerveja, cigano – revelou Nadav e, num movimento rápido demais para ser visto por olhos humanos, puxou Dotan pela gola do terno e o elevou até a altura do próprio rosto, encarando-o. Tornou evidente a diferença de tamanho entre os dois. – O que mais me revolta é perceber que não há arrependimento em seu olhar. É tão soberbo, hoje, quanto na

época que vivíamos em Karnac.

Mentira! Pensou Dotan. As palavras de Nadav trouxeram ao Lobo Branco a lembrança dos Cães de Anúbis: Dotan, a encarnação do Deus Chacal; Nadav, que pensavam ser Seth, em forma humana; Rodha, Filha de Anput, e os gêmeos Yoel e Oren, lobos monstruosos que nunca assumiam a forma humana. Uma sucessão de imagens se projetou em sua mente: o espelho turvo de metal refletindo a imagem ostentosa de Dotan, vestido em seda branca, com cabelos que oscilavam do castanho ao prateado, arrumados em finíssimas tranças, ornados com uma coroa de ouro com longas orelhas de lobo; as mãos úmidas de sangue; os gritos dos homens submetidos ao sacrifício; Rodha em sua forma híbrida, exibindo um lindo rosto de mulher com olhos avermelhados de loba; os gritos da virgem Jamila, prestes a ser devorada, até que suas joias de prata queimaram a pele de Dotan e o fizeram recobrar a forma humana. Esse foi o exato momento em que decidiu livrar os homens da maldição que se tornaram os Cães de Anúbis. *Me arrependo, sim, eu me arrependo!*

A voz de Nadav o trouxe de volta à realidade.

– Até a forma empolada como se veste me irrita!

Ouviram as cadeiras raspando no chão. Dessa vez, além de inúmeros clientes, os músicos e as dançarinas também se foram. Ficaram apenas aqueles que estavam bêbados demais para perceber o que estava prestes a acontecer.

Dotan livrou-se de Nadav, empurrando o peito do Lobo Negro com as duas mãos. Agora o terno azul-marinho exibia um imenso rasgão que se estendia até a altura do cinto.

– Se não gosta das minhas roupas, passarei a me vestir com humildade – calou-se por um instante. O Lobo Negro tinha razão. “Lorde Dotan”, era assim que o chamavam. Agora sabia por quê. – Preciso da sua ajuda. Na última vez em que nos vimos, você citou a profecia... Se ambos ouvimos a voz do Criador nos dizer as mesmas palavras, é porque temos uma única missão e devemos nos unir para cumpri-la.

Nadav mexeu as sobancelhas, amuado, e emitiu um grunhido ininteligível. Olhou para o casaco prateado, caído no chão, e se lembrou da lâmina de prata de Dotan, molhada com o sangue de Oren. Percebeu que Dotan levava duas cruzes de ferro presas ao cinto.

– Para que você arranque a minha cabeça com esses troços, enquanto durmo? – Nadav sentiu a mão de Zaíla tocar seu punho.

– Ouça o que o homem tem a lhe dizer – a voz da moça era suave e doce. Seus olhos eram duas esmeraldas em um rosto de ouro.

Dotan se surpreendeu ao ver Nadav obedecê-la.

– Jeremias! – Gritou Todor. – Traga algumas canecas de cerveja. Nossos amigos têm sede! – Tocou o ombro de Nadav. – Faz bem em ouvir a moça. Muito bem. Conversar é sempre melhor

que lutar e destruir a propriedade de um pobre imigrante trabalhador – sua pele assumiu a cor original, um vermelho intenso. Suas bochechas se encovaram com o sorriso, o que podia ser visto mesmo sob a barba alaranjada, que começava a crescer.

Dotan procurou por Lucius, mas não o encontrou, e concluiu que o filho voltara para o quarto, nos fundos do bar. *Sábia decisão.*

– Como está, Todor? – A moça ofereceu a mão ao cigano, que a beijou. Para Dotan, ela disse: – Sou médium e vi o passado nos búzios. O que não vi, Nadav me contou, pois eu e ele não temos segredos. Vou ajudá-lo a encontrar a arma santa.

Nadav lhe devolveu um olhar enviesado.

– Que cara é essa? – Ela estranhou.

Dotan contou a respeito do sobrado ocupado por vampiros, em São Paulo, e sobre o carregamento de néctar que logo seria enviado a Vila Rica.

– “Siga para o norte”, disseram os búzios – Zaíla excitou-se. – Está vendo, Nadav? O Machado de Copacati está em Vila Rica!

O taverneiro não concordou.

– O machado está ao sul, no Vértice de Copacati, seguindo a estrada da...

– Uma mentira repetida tantas vezes que soa como verdade – retrucou a garota. – Há um vértice ao sul, e seu portal não passa de uma distração que as entidades criaram para irritar os viajantes.

Todor coçou a nuca.

– Não faz sentido.

Nadav contou ao cigano o que acontecera, no dia em que encontrou o portal.

– Saí no mesmo lugar que entrei. Não há nada dentro da gruta.

– Há sempre uma alternativa – sugeriu Todor.

– Não é o que dizem os búzios – insistiu Zaíla. – Tenho certeza de que a arma está no Norte.

Dotan deixou o olhar se perder no decote do vestido branco, na pele dourada e brilhante. *Deus, como é bonita!*

– Proponho uma aliança: seguimos para Vila Rica e transformamos os vampiros em pó! No caminho, procuramos pela arma... Machado de Copacati? É isso?

Nadav não se sentia à vontade em conversar com Dotan. Queria se transformar numa besta negra e lhe arrancar a cabeça. Lembrou-se de Antônio de Pádua proferindo as palavras santas. *Ecce Crucem Domini. Esta é a cruz de Deus, a arma de Yahweh!* Eram, ambos, Nadav e Dotan, instrumentos da ira divina sobre os demônios bebedores de sangue. *Controla tua fúria, pois é para*

os demônios que ela está destinada – dissera a voz do Senhor – Se não controlas tua força, é porque o mal está próximo, e logo tu entenderás o motivo de existires e de nunca envelheceres. Não conseguia evitar que as palavras lhe assombrassem, como uma reprimenda. Ao longo de mais de dois mil anos, Nadav reprimira seus instintos assassinos, e aprendera a controlar o lobo que tinha dentro de si. Mas, agora, o que sentia de Dotan era repulsa. Sentia ódio da sua covardia. Oren recorria à forma lupina por medo, não por maldade. Ele também acabaria aprendendo a controlar as transformações, insistia em pensar, e logo se lembrava das palavras santas: São sete os Filhos da Luz, e sete são os demônios que tentarão te destruir.

– Filhos da Luz – deu voz aos pensamentos.

– Um dos sete demônios está bem perto. Somente um antigo pode mobilizar tantos bebedores de sangue. Apenas o primeiro de uma casta é forte o suficiente para mudar os hábitos de vampiros com centenas, até milhares de anos.

Nadav perdeu alguns instantes pensando. Todor e Zaíla permaneceram calados, bebendo de suas canecas.

– Posso vê-las? – Perguntou Nadav a Dotan, apontando para as armas do Lobo Branco.

Sacou uma das cruzes e a colocou sobre a mesa.

Nadav tocou a Cruz de Galeso, e suas mãos emitiram uma tênue luz azul, que logo se apagou. Uma cruz de ferro, com quatro lâminas, cujo punho fora moldado rente ao cruzamento dos dois eixos. O ferro era negro e brilhante, como se a arma tivesse sido forjada e polida naquele mesmo dia. Tocou as faces da cruz em que estavam moldadas inúmeras imagens. Reconheceu o menino deitado numa manjedoura; e, em outra imagem, viu a Besta tentando Jesus, falando em seu ouvido. Viu um desenho que retratava a crucificação, e outro que mostrava a ressurreição de Cristo.

– São... – Nadav não queria acreditar que Dotan, o assassino de Oren, fora abençoado com uma das Armas de Yahweh. – Onde as encontrou?

– Foram feitas por um fiel, em Roma, e me foram dadas por Pedro.

– O apóstolo? – Estranhou Zaíla. – Mas as armas são feitas de ferro, e não têm um arranhão sequer. Você quer dizer que um artesão forjou essas armas há quase mil e oitocentos anos e, mesmo assim, elas não enferrujaram?

Dotan deu de ombros.

– As cruzes são apenas instrumentos do poder Divino. Como eu e Nadav também o somos. Por isso, permanecem intactas. Na presença de bebedores de sangue, as cruzes são capazes de cortar carne e ossos com extrema facilidade, e desde que comecei a usá-las, nunca precisei afiá-las – embainhou a lâmina.

Nadav estava confuso.

- Vamos ajudá-lo – prometeu Zaila.
- Isso sou eu quem decide – retrucou Nadav.

A garota suspirou.

- Você não precisa gostar de alguém para aceitar sua ajuda.
- Então é isso, hein?! Vamos todos juntos para Vila Rica – sugeriu Todor.

Dotan franziu o cenho.

- Por que você iria conosco?
- Serei seu guia! – Revelou o cigano.
- E o bar?

Pousou a mão cheia de anéis sobre a mão de Dotan, e o homem-lobo a repeliu ao sentir a prata dos anéis lhe queimar a pele.

- Desculpe! – Todor tremeu. – Este país foi tomado por um sentimento de revolta popular. Urge a necessidade de libertação. Já basta a opressão dos portugueses, e toda a usurpação que a coroa nos impõe. Se o Brasil for tomado por vampiros, aí é que a situação vai piorar! Os meninos cuidam do bar, já sabem conduzir o trabalho sozinhos. Sei que vai ser perigoso, mas prefiro morrer caçando vampiros a servir de alimento para esses demônios nojentos! Sabiam que, na Hungria, de onde venho, houve uma guerra entre vampiros? Sakira era o nome da bebedora de sangue que liderou uma horda de lobisomens contra o imperador Vlad Tepes II.

Dotan riu. Sabia que aquela era uma ideia absurda.

Nadav fez uma careta de estranhamento.

- Vou ter que pensar sobre o assunto – fitou o Lobo Branco ao dizer: – Não confio em você, mas se tudo o que você disse é verdade, teremos que lutar lado a lado...

Seguiu-se um silêncio incômodo, até que o cigano sugeriu:

- Há uma forma de testar a parceria, antes de pegar a estrada – atraiu a atenção de todos. – Não posso atestar a veracidade do que vou lhes contar, mas, se havia tantos bebedores de sangue em São Paulo, talvez tenhamos aqui os nossos “vampiros cariocas”.

- Do que você está falando? – Dotan levou a mão à cruz e envolveu o punho da arma, apertando-o.

- O Nicanor é um velho zarolho e sovina que tem uma banca de frutas e legumes. Ele fazia entregas num antigo casarão, próximo à Quinta da Boa Vista. O último proprietário, um português que deixou a cidade às pressas, devido a uma dívida de jogo, era um dos clientes do quitandeiro e foi embora antes de quitar sua dívida com o Nicanor. Como o velho zarolho tinha outros clientes, na mesma rua, batia sempre à porta do casarão abandonado, quando lhes levava as encomendas, até que, um dia, um rapaz abriu a porta do casarão.

– E daí? – Perguntou Nadav.

– O rapaz era pálido e esguio. Disse ao Nicanor que se chamava Jean Baptiste e que era sobrinho do antigo morador. “Então você poderia me pagar a dívida que seu tio deixou na quitanda”, foi o que falou o velho. E qual não foi sua surpresa quando o rapaz meteu a mão no bolso e lhe pagou o que o tio devia.

– O que há de fantástico nessa história? – Instigou Zaíla.

Todor mexia a cabeça, num movimento afirmativo e frenético.

– O quitandeiro agradeceu e perguntou se o rapaz gostaria de fazer alguma encomenda.

Disse que, como passava sempre por ali, não haveria custo adicional na entrega, e...

– Ora, homem, diga logo aonde quer chegar – irritou-se Nadav.

– O tal Jean Baptiste o dispensou. Contou que não comia frutas nem verduras.

– Você não está insinuando que o rapaz é um vampiro, só porque não come frutas, está?! –

Zaíla riu. – Porque, se isso for uma regra, meu irmão também é um deles! Joaquim detesta verduras.

– Nem frutas, nem carne, nem leite! O Nicanor perguntou aos vizinhos sobre o rapaz, e eles lhe disseram que nunca o viram sair durante o dia. E que, quando sai, à noite, volta sempre de mãos vazias. Nunca com pacotes ou sacos de comida. “Aquele lá é uma espécie de fantasma”, disse uma das moradoras. Disseram também que não há escravos nem empregados, na casa, e que, raramente, vê-se alguém entrando ou saindo, e é sempre noite quando isso acontece.

Capítulo vinte e um

Na madrugada seguinte...

– Tenho alguns galões de querosene no depósito – respondeu Todor, quando Zaíla sugeriu que queimassem o casarão do vampiro durante o dia.

O Lobo Branco pensou nas prisioneiras de Farid, as mulheres acorrentadas no quarto em chamas, que por pouco não morreram incineradas.

– Tem que haver outra forma.

Todor se lembrou de algo que o quitandeiro dissera: “levo encomendas a todas as casas da rua, menos no casarão do rapaz notívago e na casa do outro lado da rua, cujo dono viajou há mais de uma semana”. Dizia-se que o vizinho do suposto vampiro arrumara as malas e seguira para o norte, para visitar uma irmã. Levava consigo a esposa e a filha, e deixara a casa fechada e deserta. Não foi difícil para o cigano arrombar uma janela do andar térreo.

O taverneiro se deitou de bruços no chão da varandinha e empunhou o fuzil. Um dedo roçou o gatilho, ansioso. Sentiu o cabo contra o peito e, usando apenas um dos olhos, viu, em sua mira, o casarão do suspeito.

– *Okê, caboclo!* – Zaíla cantarolou.

Todor abriu os dois olhos e a examinou. Usava o mesmo vestido branco da noite anterior, mas, devido à posição privilegiada que o cigano se encontrava, a vestimenta dela revelou mais do que ele esperava ver. O fato de a moça estar girando em torno de si mesma, em uma dança que lhe agitava os babados, apenas tornava a perspectiva mais desconcertante.

– Não acha que *tá* fazendo barulho demais, não?

– Cada um contribui da forma que pode – as tranças estavam arrumadas num turbante, em redor da cabeça. As pedrinhas que lhe adornavam os cabelos erigiam uma coroa de reflexos coloridos e intermitentes. – Cantando e dançando, peço as bênçãos dos orixás.

– Se você não falar mais baixo, logo vai ver seus orixás bem de perto, no *outro mundo*. Continue fazendo barulho, e nosso vizinho vai descobrir que estamos aqui – Todor voltou a vigiar.

De cada lado da rua havia seis casas, perfiladas em arco. Dois, dos seis postes da rua, estavam quebrados: o poste defronte da casa em que Todor e Zaíla se escondiam (fato que os levou a escolher a sacada escura como esconderijo) e o de uma das esquinas, que fora tomada por uma completa escuridão. Os quatro postes restantes, à base de querosene, emitiam luzes

débeis e alaranjadas.

Um vulto se moveu sob a sacada do casarão em que Todor estava e, por um instante, o taverneiro sentiu o coração descompassado. Logo percebeu que eram Dotan e Nadav que se escondiam ali. Ouviu a voz de Dotan, mas não entendeu o que ele dizia, e no instante seguinte, viu-o cruzar a rua como um raio e escalar as paredes do casarão do suposto vampiro. Os cabelos brancos foram amarrados num rabo de cavalo e se agitavam, enquanto Dotan se jogava de um pilar para outro, cravando as garras na madeira. O sobretudo negro ondulou sob efeito do vento, quando o Lobo Branco se ajoelhou sobre o telhado.

Todor viu os olhos amarelos e as presas do homem-lobo, um segundo antes que ele entrasse pela janela.

Um vulto negro se jogou contra um dos pilares do casarão. Por um instante, Todor jurou ter visto os alicerces da casa balançarem. *Um é leve e ágil, pensou o cigano. O outro é pesado. Colossal!*

Em segundos, o Lobo Negro alcançou o telhado do casarão. Tinha se livrado do sobretudo marrom e escolhera, para a ocasião, uma calça preta e um poncho negro, que lhe cobria apenas o torso. Tudo o que Todor via agora eram os olhos vermelhos de Nadav brilhando na escuridão, e aquilo lhe causou um arrepio sem precedentes. *Não oprime o lobo, como o outro. Aceita seus instintos e é assim que tem completo domínio sobre a besta.* Foi arrebatado pela imagem de um exército de lobos marchando pelas ruas de Budapeste. A mulher vestida em cota de malha e armadura prateada tinha olhos negros e presas de punhal gotejando sangue. Montava um lobo imenso e vermelho, como se fosse um cavalo, e gritava ameaças de morte ao imperador.

– Não entendi o que você vai fazer com esse fuzil – a voz de Zaíla trouxe Todor de volta.
– Bebedores de sangue são imunes a balas.

– As balas foram feitas com metal santo.

Zaíla riu.

– O roubo não conspurca a santidade do seu metal? Ouvi quando você explicou sua teoria, mas não acredito nela – todos haviam estranhado quando o húngaro chegou munido de uma arma de fogo. Ao longo do caminho, entre o bar e a Quinta da Boa Vista, Todor contara que a arma fora municada com balas santas. – Usar o metal de cruzes e candelabros roubados para fabricar projéteis é loucura! Acho melhor deixar tudo a cargo dos lobisomens.

– Deles e dos seus orixás – Todor riu, cínico.

– Isso mesmo – ela voltou a se balançar, de um lado para outro.

O coração de Todor palpitou ao ver o rapaz que vestia a farda preta surgir na esquina. *É ele! Não estava em casa. Andava pelas ruas da cidade, à procura de vítimas que lhe alimentassem*

com sangue!

O jovem andava, apressado, como se temesse que alguém o seguisse. Sua pele era branca e contrastava com a cor escura dos seus cabelos. Era bonito, apesar do nariz longo e reto, que tornava soberba e confiante a expressão do seu rosto. De repente, parou, sob o segundo poste da rua. A luz emprestou, à pele do rapaz, um tom colorido que oscilava do amarelo ao vermelho. Levou uma das mãos à frente, como se uma lembrança ou uma forte dor de cabeça o arrebatasse.

Mostre as presas, seu filho-de-uma-sanguessuga, e eu lhe meto uma bala santa na testa!
Pensou Todor, depois fechou um dos olhos e se concentrou em sua mira. *Segure esse pulso, cigano. Um pouco mais...* A cabeça na alça da mira. *Vamos, seu demônio desgraçado. Mostre as presas...*

Havia quase mil e oitocentos anos que Lucius se misturava às sombras, mas nunca se sentira seguro. Mesmo ali, misturado àquela sombra débil e oscilante, na qual os espíritos seriam incapazes de importuná-lo. *Seres sombrios nascem quando a luz tropeça em alguém*, concluiu ao ver as quatro imagens do rapaz, que andava pela rua, serem projetadas à sua volta. *Quatro postes. Quatro pontos de luz tentando arremessar um demônio contra a escuridão.* As sombras eram tudo o que ele conseguia ver, enquanto seu corpo estivesse naquela forma imaterial. Sentia o corpo de Zaíla dançando no terraço de uma das casas, ao ver sua sombra projetada no assoalho da casa, se derramando em direção à sala, e via a imagem de Nadav projetada sobre o frontispício de uma das edificações da rua. *Ninguém seria pego de surpresa, se observasse as sombras, em seu redor, com um pouco mais de atenção...* Mas quando o suspeito andou debaixo do poste, e sua sombra se resumiu a uma pequena área sob seus pés, Lucius cedeu à tentação de sair da escuridão para ver através dos olhos do corpo. E no exato momento em que se materializou, viu o rapaz parar de repente. *Ele me viu!* Num instante, seu corpo tornou-se névoa e se misturou às sombras.

Jean Baptiste já não podia ouvir seus pensamentos, mas aquele meio segundo foi o suficiente para que o vampiro francês percebesse que alguém o observava. Fechou os punhos e deixou os olhos enegrecerem. Mostrou as presas e percebeu o vulto saltar de um telhado para outro. Deu meia volta e correu tão rápido que olhos humanos não seriam capazes de enxergá-lo. Girou o corpo, ao sentir que um ser imenso se interpôs à sua rota de fuga, como se caísse do céu, e sentiu quando as garras rasgaram o dorso da farda preta. Tinha voltado ao ponto escuro da rua, onde o poste estava quebrado.

– Um lobisomem? – Jean Baptiste riu. – *Magnifique!* Me sinto honrado, se me permite dizer...
Nadav deu um passo adiante e, em meio à penumbra, os contornos do seu corpo se

definiram: tinha dois metros de altura, e seus ombros eram largos e cobertos por pelo negro. O poncho que usava sobre os ombros se tornara minúsculo, quase ridículo, diante da sua envergadura. Em suas mãos despontavam garras longas e laminadas, como punhais, e uma delas gotejava o sangue de Jean Baptiste.

O vampiro percebeu que suas costas estavam feridas.

– Arranhões – murmurou o bebedor de sangue, quando sacou a espada. Um sabre. Leve, de lâmina fina e longa, com duas faces afiadas.

O Lobo Negro deu um passo para trás e se escondeu nas sombras.

Jean Baptiste empunhou a espada e a elevou à altura do ombro, assumindo uma pose de esgrimista. Ouvia um suave rosnado se espalhando pela noite e, mesmo sabendo que o licantropo se escondia para atacar, o espadachim permaneceu parado. Inclinou o corpo para o lado, girando, uma fração de segundo antes de Nadav atacá-lo e, ao rodar, desferiu um golpe com o sabre, rasgando a pele das costas do Lobo Negro.

– Arghh! – Nadav tombou sobre os próprios joelhos, mas logo se ergueu. Sentia um ardor imenso e, por um instante, esperou que as feridas se fechassem, mas, em vez disso, uma dor lancinante o arrebatou. Algo penetrou as feridas das costas e se espalhou, como um veneno que se apossava dos seus músculos e minava suas forças. – O quê...? – Sua voz fraquejou, e seu rosto voltou a exibir traços humanos. – Uma espada de prata?! – Olhou na direção da janela em que vira Dotan entrar, mas sabia que o Lobo Branco estava distraído, espionando a casa de Jean Baptiste. *Se eu morrer, é capaz de ele agradecer a esse vampiro filho da...* A surpresa interrompeu o pensamento. Nadav desviou-se dos golpes do sabre de Jean Baptiste, mas o vampiro antecipava seus movimentos. *Ouve meus pensamentos.* Sentiu o gume de prata penetrar seu peito. Num instinto, levou as duas mãos ao fio da espada e o apertou. – Aaarrrrghhhhhh! – Gritou, enquanto sentia as pernas fraquejarem. Reuniu forças para chutar o peito do vampiro e o arremessou a alguns metros adiante, obrigando-o a soltar o sabre. Jogou a espada para o lado e tombou de joelhos. A vista escureceu. *Não pode acabar assim. Se eu tivesse meu machado...* Por um instante, achou ter ouvido a risada do Saci que lhe roubou a arma e, em meio à escuridão, viu outro artefato, diferente do que antes portava: um machado de cabo longo, com duas faces laminadas. Havia arabescos dourados e inscrições nas lâminas prateadas. Emanava uma luz que oscilava entre o branco e o azul, e uma névoa azulada serpenteava em redor de seu cabo. – A Arma de Yahweh... – Gemeu Nadav, enquanto desmaiava.

Escuridão.

No instante seguinte, uma imagem desfocada do jovem pálido e bonito, trajando a farda militar, levou as mãos aos cabelos e os arrumou para trás. – Nunca imaginei que teria a honra de

enfrentar um lobisomem, mas, por via das dúvidas, mandei temperar minha lâmina com prata – pisou o peito de Nadav, que assumira sua forma humana. Das feridas do peito emanava uma fumaça preta e espessa. Tombou de costas, submisso à pisada que o vampiro lhe dera, e sentiu o cume da espada tocar seu pescoço.

Capítulo vinte e dois

Todor permanecia deitado na sacada do casarão e se esforçava em definir um bom plano de mira. Via, a uma relativa distância, os corpos do Lobo Negro e do Vampiro da Quinta da Boa Vista se moverem em velocidade sobre-humana. O maldito poste, apagado, contribuía para que o cigano tivesse uma perspectiva ruim da luta, mas Todor percebeu quando os dois combatentes pararam de se mover. – Deus – murmurou. Viu o homem-lobo de joelhos, e o vampiro pisou no tórax de Nadav, obrigando-o a deitar-se de costas no chão. Na penumbra, o fio da espada de prata brilhou, fugaz.

Todor obteve a imagem perfeita: a cabeça de Jean Baptiste flutuava sobre sua mira, e todo o resto do mundo deixou de existir. Era como se o tempo tivesse parado, e o cigano pudesse degustar aquele segundo, o último instante, antes de puxar o gatilho. Tentou limpar a mente, mas não conseguia evitar a lembrança:

– *Um sacrilégio!* – Gritara o padre Valdomiro, quando percebeu que haviam roubado a cruz de ouro que adornava o altar da igreja. O reverendo, coitado, perdera a consciência e fora socorrido por um sacristão e um coroinha. Culpara o mendigo cego e aleijado que vivia à porta da igreja, implorando esmolas. O artefato doado pelo comerciante estrangeiro, que fora subitamente curado da tuberculose e atribuíra sua melhora às rezas do padre, teria uma serventia mais nobre que ser objeto de devoção ou cobiça dos frequentadores da casa do Senhor. O *ouro bento* fora derretido e moldado em balas de espingarda matadoras de vampiro.

Por um instante, o cigano tremeu e perdeu o foco. *Segure esse pulso, cigano. Segure!* Obrigava a si mesmo. Ouviu os gemidos e cantos de Zaíla, que insistia em rezar alto demais.

– Cale a boca, mulher! – Falou baixo, mas com um óbvio tom de ordem. – Nem que seja por um segundo.

– Os deuses não ouvem pensamentos – ela permaneceu cantando e dançando.

Todor a ignorou. *Que se dane! Ou acerto, ou o lobo morre!* Fechou um dos olhos e deu foco ao outro olho, mirando novamente na cabeça do vampiro. *Atrasa o momento da execução, como um predador, que sabe que sua vítima está indefesa demais para reagir.* O dedo roçou no gatilho. *É agora ou nunca!* Inspirou e soltou o ar, devagar...

– Bem-vindo ao inferno, seu filho da... – Tudo aconteceu ao mesmo tempo: Zaíla deu um grito agudo e bateu com o solado de madeira de um dos tamancos contra o assoalho, criando um barulho seco que foi abafado pelo estouro do tiro. A dor que o cigano sentiu, na panturrilha, era aguda como uma punhalada, e ele percebeu que Zaíla pisava em sua perna. O cheiro da pólvora se espalhou, e o metal da arma esquentou em suas mãos. O coração de Todor acelerou. O cotovelo de Zaíla amassou seu rosto. Sentiu o peso da moça em suas costas. – Ora, mas o que é isso? Está louca, mulher?! – Empurrou Zaíla com uma das mãos, assustado. *Está morto, meu Deus! O Lobo Negro está morto!*

– Eu tropecei, cigano! Eu tropecei! – Ela gritou, desesperada – Me desculpe!
Todor voltou a mirar, mas Jean Baptiste se movera, ao ouvir o estampido.

– Merde! – Exclamou Jean, ao ouvir o baque seco da pólvora e o zunido da bala, que passou rente à sua cabeça. Por um instante, deixou de pisar no peito do homem-lobo, que permanecia desacordado, no chão. Recolheu a espada, afastando a lâmina do pescoço de Nadav, deixando apenas uma perfuração superficial. Deu um passo para trás, olhou em redor e percebeu a fumaça vinda da sacada de um dos casarões. *Não está sozinho! É uma emboscada!* Decidiu terminar o que começara, sem degustar a morte do inimigo. Reaproximou-se de Nadav e o viu, deitado de costas, com o corpo contorcido, numa posição desconfortável e pouco natural, com um dos braços virado para trás. Sua respiração era lenta e pesada.

O poncho agora cobria o corpo de um homem forte e aparentemente normal. A prata, que o envenenara, se espalhou por seu corpo, através dos cortes feitos pelo sabre. Incisões que podiam ser vistas através dos rasgões da roupa úmida de sangue. Jean pisou o tórax do lobo e o viu abrir os olhos, por um instante. Elevou a mão direita, que empunhava o sabre, mas antes de estocar o pescoço de Nadav, ouviu o pensamento “*um golpe único, horizontal*” e se abaixou. Depois se jogou no chão – Quem está aí?! – Por um segundo, conseguiu ver o corpo se misturando às sombras. – Lucius, O Vira-Casaca? O demônio traidor? – Ergueu-se, retomando a postura de esgrimista.

– Não traí ninguém! Nesta guerra, nunca estive do mesmo lado que você! – Disse a voz às suas costas, e o golpe da espada o assaltou, por trás, mas Jean Baptiste foi rápido o suficiente para se virar e se defender. As duas espadas se cruzaram, e Jean encarou Lucius, com olhos noturnos e brilhantes. Vira a mesma luz negra no olhar do garoto.

Lucius lembrou-se de Pedro. O sábio apóstolo lhe dissera que Deus tinha um propósito para todas as criaturas. – *Mesmo um garoto que se mistura à escuridão, mas mantém seu espírito*

puro e bom, pode ser um instrumento divino. Deus está em todas as coisas.

Jean Baptiste sentiu as garras longas penetrarem suas vísceras, e um coágulo negro e espesso vazou da sua boca. Repeliu o corpo de Lucius com um chute, descruzou as espadas e, num contragolpe, tentou estocar o peito do seu inimigo, que se tornou fumaça e escapou. – Pare! – O som da voz de Jean era borbulhante, por causa do sangue. Levou a mão à barriga e sentiu as feridas se fechando.

Lucius reapareceu e o atacou com um novo golpe de espada, mas Jean o bloqueou com sua arma.

Nadav despertou. Unia forças para se levantar, quando Jean o viu e correu, em sua direção.

Lucius surgiu à frente de Jean, mas o demônio surpreendeu-o com um golpe na garganta.

O filho de Dotan foi obrigado a soltar a espada e voltar para as sombras.

Jean pegou Nadav pelo pescoço e preparou o golpe com a outra mão, elevando o sabre. Ouviu um suave zunido, depois um ínfimo som de crepitação – *Crac!* –, e sentiu uma fisgada no pulso, mas a ignorou. Desceu o braço da espada, com a intenção de penetrar o pescoço de Nadav, com o fio de prata, mas finalmente percebeu que nem a espada nem sua mão estavam onde deveriam estar. Viu o próprio antebraço, que terminava num coto negro e cauterizado. Sentiu a dor lancinante de quem perde um membro e viu a cruz negra enfincada na terra, poucos metros à sua frente. Virou-se e viu Dotan correr em sua direção. Os cabelos brancos e o casaco de lã se agitavam. O ser que era meio homem, meio lobo, corria em sua direção, empunhando uma cruz negra e laminada.

Um golpe cruzado, no pescoço... Pensou Dotan.

Jean Baptiste se abaixou, escapando da cruz que passou próxima do topo da sua cabeça.

Estocada, chute.

O vampiro se encurvou para frente, depois defendeu o chute com uma das mãos, mas, ainda assim, sentiu o pé do homem-lobo afundar em seu tórax. Foi arremessado de encontro à parede da casa mais próxima, escorregou até o chão e se ergueu, enquanto ouvia a crepitação das costelas se regenerando.

Arremesso.

Jean inclinou o corpo, girou sobre os próprios calcanhares, e se contorceu, para trás. Tocou a terra com a mão esquerda e criou um arco, com o corpo, de costas para o chão. A cruz que zuniu, rasgando o ar, encrustou-se na parede da casa, mas não tocou o corpo do vampiro.

Dotan deixou a força do Lobo Branco fluir através de seus músculos e, num instante, tornou-se maior e mais forte. Agora seu rosto era duro e sombrio, sua pele branca era emoldurada

por uma barba alva e lisa. A pelagem branca também emergia dos punhos da roupa e se derramavam pelo dorso de suas garras.

Como Jean conseguia ler os pensamentos de Dotan, desviava-se com relativa facilidade, de todos os golpes, e alcançou sua espada, mas, à medida que o licantropo se enfurecia e deixava a besta dominar sua vontade, tornava mais difícil, para o vampiro, ler seus pensamentos. Jean tentou atingir Dotan com os golpes do sabre de prata, mas a mão esquerda era lenta e pouco hábil. Tudo o que Jean conseguiu foi abrir rasgões na roupa de homem-lobo.

Numa tentativa desesperada de se salvar, o bebedor de sangue correu na direção do Lobo Branco, com presas e garras à mostra, e tentou estocar seu coração com a ponta da lâmina de prata, mas Dotan o segurou pelo punho da espada e pelo pescoço. O coto do antebraço do vampiro bateu no rosto do lobo. Golpes ridículos. Inócuos.

Dotan arrancou o braço do vampiro com um gesto súbito e aproximou seu rosto da face de Jean. Aos poucos, seus traços duros recuperaram a delicadeza das feições humanas, e sua respiração ofegante se tornou tranquila, mas suas garras permaneceram afiadas e apertavam o pescoço do demônio.

– Não o mate – gritou Zaíla, da bancada do casarão. – Ele sabe onde o Machado de Copacati está! Eu ouvi! Os espíritos me disseram! Não o mate!

Dotan jogou o vampiro no chão e o encarou com desprezo. Sem um dos braços e com a mão do braço oposto decepada, Jean não apresentava nenhuma ameaça.

– Onde está a arma?

– Não faço ideia – o sangue negro vazou do canto da boca do vampiro. Olhava o pedaço de músculo pendurado, onde antes havia um braço: as veias gotejando sangue e as artérias balançando a cada esguicho. O osso da omoplata se projetava pelo rasgão da farda, um osso branco, tingido de vermelho, com uma ponta em forma de concha, onde deveria se encaixar o osso do braço.

– Mate-o – a voz de Nadav era rouca. Aproximou-se, aos tropeços. Um fio de sangue escorria do seu pescoço, onde a lâmina de Jean o perfurou, de leve. – Tudo o que ele diz é mentira. Enquanto os vampiros se amotinam e formam ninhos mestiços, um demônio mora sozinho, na capital?! É perigoso e está envolvido com outros da sua espécie.

Fios brancos dançavam, se entrelaçando, desenhando os ossos do braço de Jean, e, em segundos, havia uma perfeita *mão de esqueleto*.

– Mate-me, se quiser, mas não faço ideia de onde esteja sua arma.

– Acabe com ele! – Insistiu Nadav.

Dotan estava indeciso.

– O que você faz sozinho, no Rio? O que há em Vila Rica?

– Comércio de especiarias, escravos, um porto que cheira a bosta e um puteiro que, sabe-se lá por que razão, fede a banha de porco – disse Jean, com um sorriso cínico no rosto ensanguentado. Fitava os cordões vermelhos e brancacentos se entrelaçarem sobre os ossos do braço. Logo havia músculos e tendões engrenando movimentos mais complexos. Girou o punho fechado. Abriu e fechou a mão, repetidas vezes.

– Vivo no Rio por opção. Cansei de viver na França, de me esconder em porões, enquanto os cidadãos queimavam minhas casas. Sabe quantas vezes já passei por isso? Aqui, as pessoas são mais tolerantes e pacíficas. Isto ou simplesmente não ligam. Se desaparece uma vaca do pasto ou um negro de suas senzalas, reclamam e deixam para lá. Liberte-me ou me mate, porque não posso ajudá-lo a encontrar seu machado. Não faço ideia do que vocês estão falando.

Nadav observou as próprias mãos, esperou que as garras se alongassem, mas nada aconteceu.

Dotan resgatou a Cruz de Galeso que estava espetada no chão e a empunhou.

– Não foi essa a conclusão que eu cheguei ao investigar o quarto, no segundo andar do casarão. Encontrei um pedaço de papel, com um endereço de Vila Rica. Encontrei um frasco de néctar e documentos timbrados com símbolos de uma loja maçônica que eu ainda não conhecia. Posso fatiá-lo, aos poucos, como um maldito salame, até que você me diga qual a relação entre esses achados e o fato de tantos bebedores de sangue terem migrado para o Brasil... Por que maruis e alados dividem o mesmo ninho? Qual o propósito de fabricarem leite de oishi em escala comercial?

Os olhos de Jean enegreceram. Tentou pegar a espada de prata, que permanecia abandonada no chão, e a empunhou com a mão de ossos aparentes, mas surpreendeu-se ao sentir as pernas de Lucius envolvendo seu corpo. Uma mão cheia de garras pressionou sua cabeça. No mesmo instante, as lâminas da outra mão de Lucius penetraram um ombro de Jean.

– Não! – Gritou o demônio francês, ao sentir os dentes afiados penetrarem seu pescoço. Ouviu Lucius pensar: *Por que perguntar, se o sangue pode mostrar?*

Por instinto, O Vampiro da Quinta da Boa Vista enfiou o sabre de prata no próprio pescoço: a lâmina trespassou sua garganta e entrou pela boca de Lucius.

O garoto soltou Jean e se jogou para trás, sentindo uma queimação insuportável em sua cabeça. *Prata não pode destruir um vampiro, mas arde como o inferno!*

Jean Baptiste segurou o punho do sabre com uma mão e apertou a ponta da lâmina, que despontava do seu pescoço, com a outra mão, num gesto brusco e único, girou a espada e decepou a própria cabeça.

Continua em ***Lágrimas de Sangue – Terra Prometida, volume 2*** (previsão de lançamento: 02 de abril de 2016).

Conheça outros livros do autor Leonardo Barros:

Suspense:

[**Presságio – O assassinato da Freira Nua;**](#)

[**O Maníaco do Circo;**](#)

[**O Vampiro Imperador;**](#)

Comédia erótica:

[**Solteiro em Trinta Dias – Receitas de sucesso de um ex-otário;**](#)

[**Corno, Pobre e Horrroso – A história de três amigos que decidiram abrir um cabaré;**](#)

Amor de Yoni.

SOBRE O AUTOR

Leonardo Barros é médico formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É autor do romance erótico “Amor de Yoni” (publicado em 2008); do suspense policial “O Maníaco do Circo – e o menino que tinha medo de palhaços” (publicado na XIV Bienal do Livro Rio, em 2009); da comédia “Saúde, Beleza, Prosperidade e Riqueza” (publicação independente, 2010, relançada com o título “Corno, Pobre e Horrroso”); da comédia “Solteiro Em Trinta Dias - Receitas de sucesso de um ex-otário” (publicado em 2011); do suspense policial “Presságio – O assassinato da Freira Nua” (publicado pela Novo Século Editora, em 2012) e do suspense fantástico “O Vampiro Imperador – Da destruição de Sodoma ao incêndio de Roma” (publicado pela Novo Século Editora, em 2015). “O Vampiro da Quinta da Boa Vista é sua oitava publicação e inicia a tetralogia “Terra Prometida – Os vampiros descobrem o Brasil”.

O autor está sempre em sintonia com seus leitores nas redes sociais e mantém o canal [Sente e Escreva](#), no YouTube, com dicas para novos escritores e videoconferências sobre temas literários.

Entre em contato com o autor:

facebook.com/leobarrosescritor

Twitter: **@LeoEscritor**

instagram.com/leoescritor

leobarrosescritor@gmail.com